REVISTA DA SEMANA

N. 8

24-2-1945

Embarque de tambores de gasolina e oleo, e caixas de querosene em navio a vela.

Um petroleiro manobrando para desembarcar no Brasil sua carga preciosa.

O petroleiro "Essolene" faz sua memoravel viagem até Porto Alegre, subindo as aguas do rio Guaiba.

Marque um ponto no mapa do Brasil, e Esso estará lá!

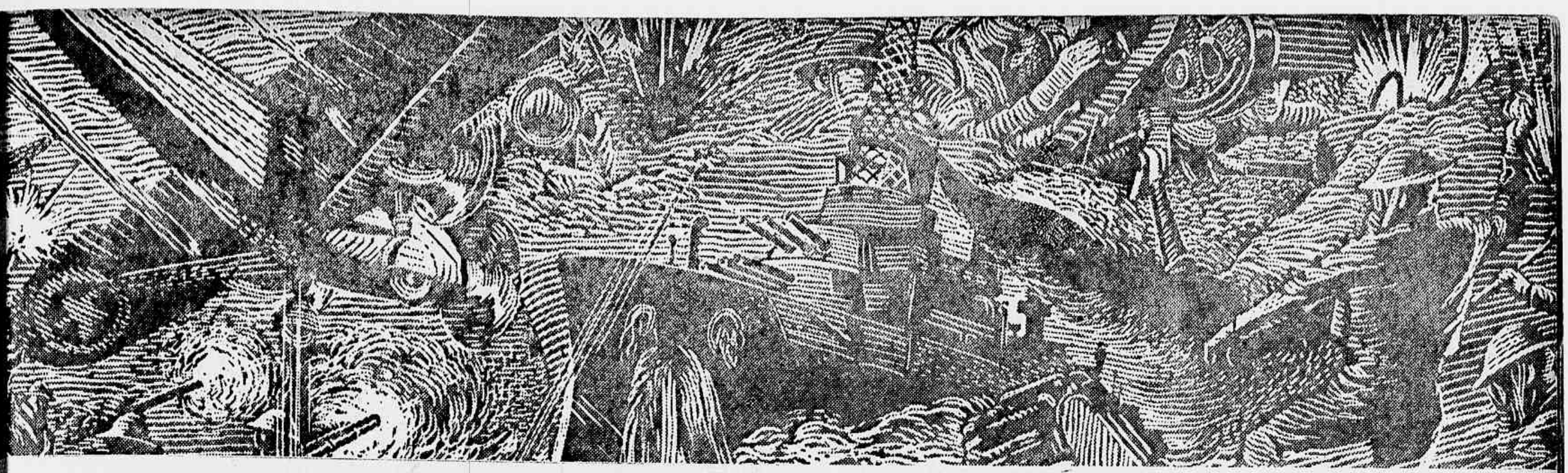
Na imensidade deste Brasil, forçoso é falar em linguagem de quilômetros, de centenas de quilômetros, de milhares de quilômetros. Mas, não costumamos medir as distancias, para marcar limites aos nossos esforços. Pois, às vezes, são milhares, são três mil ou mais quilômetros que nossos tambores percorrem dos depósitos que temos em diversas zonas do país, até atingir os distantes pontos em que vão prestar serviços. De navio a vapor, ou em barcos a vela, nos gaiolas, nos comboios ferroviarios, em caminhões ou mesmo no lombo de burros, em latas ou em tambores, nossos produtos chegam aonde deles se precise. Às vezes, um tambor de 200 litros de gasolina percorre 3.000 quilômetros, para poder suprir uma caminhonete que com esses 200 litros percorrerá outros 1.000 quilômetros, em serviço da economia e do progresso brasileiro. Depois do petroleiro que o traz de longas distancias, o produto de petroleo ainda viaja, sob as mais variadas formas de embalagem, pelos mais variados sistemas de transporte. E não há estrada dificil ou viagem longa, que não sejam ultrapassadas. Marque um roteiro no mapa e siga até um ponto civilizado. Lá encontrará algo com que os produtos petrolíferos Esso auxiliam os habitantes deste país nas suas tarefas da luta pela vida. E, se quiser avançar além desse ponto, o proprio produto petrolífero o levará para diante.

● *Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas estações: Nacional, do Rio (ondas longas e curtas); Record, de S. Paulo; Inconfidencia de M. Gerais, Beto Horizonte; Farroupilha de P. A'egre; e Radio Clube de Pernambuco, de Recife (ondas longas e curtas.)*

STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL Esso

Gasolina Esso Lubrificantes

Cann



GUERRA E EPILOGO

BERILO NEVES

Os bulcões da Guerra vasquejam nos últimos torvelinhos, como uma tempestade que se acalma, após fúria altíssima e destruidora. Os céus, ainda ruborizados pelos incêndios, já prenunciam, porém, as doces cromatizações da bonança... Aqui e ali, amainam ventos, adormecem trovões, empalidecem as fitas violáceas dos relâmpagos...

Travam-se as derradeiras batalhas do conflito... A caudal de sangue parece deter-se, senão adelgaçar-se, nas planícies desoladas da Europa. Marte abranda a catadura severa — e a deusa Ceres apresta-se para semear, por entre os túmulos recém-fechados, os grãos promissores das futuras messes...

♦

Avizinha-se o momento de balancear os horrores e dar busca nas ruinas do Mundo. Os mortos adubam o solo das nações, arrastando consigo, para as escuridades do túmulo, a alma dos que os amaram... O fundo dos mares povoa-se das riquezas dos homens — que dantes trafegavam, à flor das ondas, no trânsito pacífico da Civilização. Por muito tempo ainda, fugirão as aves do fatídico rumor dos aviões — símbolos da Morte alada, voejantes mensageiros da Desolação e da Tristeza... Ruiram templos, bibliotecas, monumentos vetustos, sôbre os quais haviam galopado os tempos, na sequência multiforme dos eventos e dos episódios... Nada ficou incólume diante do furacão de aço e fogo que desabou sôbre a Terra: nem as imagens nos seus altares sagrados, nem as instituições nos seus fundamentos históricos... Esta é a crua realidade que se nos defronta, no ano do Senhor de 1945... Que nos reservará o Futuro, nas fímbrias das suas cortinas simbólicas e misteriosas?...

♦

Restaurar-se-ão os templos; edificar-se-ão, de novo, os monumentos; buscar-se-á, no fundo dos mares, o arcabouço frio das esquadras... De novo, a charrua e o arado cantarão, nos campos em flor, a divina canção da fecundidade... Mas, os mortos continuarão a jazer nos seus túmulos, e a saudade — na alma dos que lhes benquiseram... Nenhuma fôrça humana os levantará do pó, e os séculos passarão sôbre êles com a inutilidade com que a asa dos ventos aflora a face rude das penedias... Os que defenderam a sua Pátria terão, na alma dos concidadãos, o altar votivo que os tornará imortais, mas os que sairam, por longes terras, a depredar e ferir, que espécie de nome terão deixado nas crônicas do Mundo? Já nô-lo dissera o grande Horácio:

"Dulce et decorum est pro patria mori".

E, um dia, de noov galoparão os cavaleiros do Apocalipse por sôbre as triste planícies da Europa...

♦

O espetáculo do Mundo sempre será de insânia e desespêro. Os baixos instintos da animalidade ainda rompem através das frágeis camadas da Civilização, sufocando os propósitos nascidos e alimentados no curso de 20 séculos de Cristianismo... A besta fera que dorme na alma humana — como um tigre no seu covil — que haverá, aí, que a detenha nas suas arrancadas súbitas e imprevisíveis? Assim será no ano 2000; assim está sendo no século XX; assim foi no século XVI, em que cantou o artista supremo dos "Lusíadas":

"Alguns vão maldizendo e blasfe-
[mando
Do primeiro que guerra fez no
[mundo!
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o mise-
[rando
Povo aventura às penas do pro-
[fundo!
Deixando tantas mães, tantas es-
[pôsas
Sem filhos, sem maridos, desdito-
[sas."

As guerras são crises periódicas da brutalidade humana. Não há aí quem as detenha, na sua marcha cíclica e sanguinária ronda. O primeiro conflito surgiu à luz das estrêlas dos próximos dias da Criação, por conta do primeiro alimento acêrca de que disputaram os primitivos animais humanos. Vestidos de peles, couraçados de ferro, armados de funda ou providos de fuzil-metralhadora, o Homem atravessará os séculos, semeando lágrimas e destruindo as próprias obras. E' o signo da nossa espécie e imposição do nosso instinto. Só as mães lhe têm horror, consoante o verso de Horácio:

"Bella matribus detestata"

♦

Sem embargo das desconsoladoras realidades da História Universal, devemos fiar dos deuses a definitiva cessação da influência de Marte nos destinos humanos. Serenada a tormenta, é tempo de enterrar os mortos e esquecer, quanto possível, as afrontas recebidas... A Paz é doce como a sombra do oasis em meio às ardências do deserto. Os que morreram pela Pátria, êsses não se acabarão de todo. Os pósteros lhes guardarão os nomes e os feitos. E, assim como, na hora quieta da tarde, a avozinha enrugada relembra, aos netos curiosos, os fastos do seu coração e as memórias da sua saudade, êles renascerão para a Vida e reviverão para a Eternidade...

E a cobra fumou!

E' FACIL CONDUZIR HOMENS livres, basta indicar-lhes o caminho da honra e do dever.
OSORIO.

Ano 1.º
Numero 8

DIREÇÃO Ten. Piason — ORGÃO DO I. Bti. Não registrado no D.I.P. — REDAÇÃO Cb. Higino, Sd. Dalcio

Numero Comemorativo de NATAL e ANO NOVO (Italia) 1944-1945

A MAE DO SOLDADO

Longe, muito longe, daquela serra que tu vês ali, um coração, por ti palpita, Soldado do Brasil!

Si olhares para traz destas montanhas, que se elevam tão altas para os céus, os teus olhos não veem, mas o teu coração advinha alguem, que bem longe pensa em ti. Fecha os teus olhos. Eleva teu espirito aos pés de Deus e, com amor, verás as orações de alguem, que sobe pelos céus e vai pedir por ti. E Deus lhe ouve as preces. A Virgem se comove. Os Anjos se aprestam a lhe atender os rogos. Os Santos se rejubilam. E de quem será esta misteriosa prece, que, como o perfume do cinamomo, ou ainda o mistico odôr dos altares, tão alto sobe? De que suntuoso templo vem este admiravel incenso, que passa sobre as orações dos justos, e do céu só desce quando de Deus consegue a benção desejada?

Baixa agora os teus olhos, que tão alto elevaste. Encontrarás numa alcova incognita, ajoelhada diante da imagem da Virgem, uma mulher, que reza. Nos fios de prata dos cabelos brancos, nas rugas, que o tempo impiedosamente abriu naquele venerando rosto, outróra tão belo, uma historia se lê.

As mãos tremulas, apertam ao peito o crucifixo do seu terço, emquanto os dedos desfiam piedosamente as contas do rosario. E a sua mente vôa pelo tempo afóra. Vai relembrar em espirito, as cênas palpitantes de misterio e de vida do seu unico amor. Vê-se, ainda embevecida e jovem, a aguardar anciosa, o momento feliz de ser mãe. Recorda-se dos felizes mezes de uma inquieta expectativa da tua vinda ao mundo. Na saleta discreta da sua nova casa, ela se revê, jovem esposa, a confeccionar com carinho, as vestes, os agasalhos e as ataduras para o teu fragil corpo. E quando, altas horas da noite, no seu sonho, ela se sobressaltava, era porque pensava em ti. Ela te pensava um esbelto menino, a esbater feliz, entre seus braços. Então ela sorria. Um dia, feliz dia, vieste ao mundo. Disseram-lhe, que ela era mãe e estremeceu de alegria. Desse dia em diante, somente por ti e para ti ela viveu. Quando sorrias, sorridente se mostrava seu semblante. Quando choravas, dos seus olhos tambem as lagrimas rolavam. Tu não te recordas, mas èla bem se lembra das noites de insonia e de vigilia, que passou juntinho do teu leito febril. E entre um sobressalto e uma lagrima, quantas vezes, èla estremeceu? De nada te recordas, mas tudo isto passa agora, là bem longe, como num magico caleidoscòpio, pela memoria veneranda desta mulher.

Com o desenvolver dos anos, èla viu crescer tambèm as suas ansiedades. Quando tu, jovem irrefletido, te afastavas do caminho do bem, entre dois gestos de aprovação dos màus amigos, ela, entristecida, te acompanhava os passos. Viu e estremeceu de horror, como pouco a pouco o brilho inocente dos teus olhos, se embaciava em contàto com as miserias da vida.

E um dia, èla veio a saber, que o dever te chamava às armas. Uma luta cruel se travou no seu intimo. A Patria e o Coração. Aquela a exigir deste o sacrificio temporario do filial convivio, prometendo restituir depois ao coração, o seu tesouro mais rico e mais enobrecido.

Uma vez... uma carta, uma telefonema ou um telegrama a fez ciente da tua partida.

Agora, soldado do meu Brasil, aqui estás do outro lado do mar. Vieste defender teu Deus, tua Patria, teu Povo e tua Familia. Volve daqui, nesta noite linda de Natal e vê, que lá « muito além daquela serra que ainda azula no horizonte » estão, em uma sala discreta, ao redor de uma meza, os teus. Na prècè e no recolhimento, olham com respeito e orgulho para um lugar, que está vazio. Este lugar é o teu.

Soldado do Brasil! Sê forte e sê bravo, porque de perto te acompanha a benção daquela, de quem acabo de traçar o perfil. Cumpre o teu dever, afim de que, sejas digno das bençãos de tua mãe. Como tu, todos sentem, nesta noite grande de Natal, a imensa saudade da Patria. E entre os teus, o teu coração de filho recorda-se daquela santa mulher, que atende pelo dôce nome de Mãe. Fecha hoje os teus olhos, fazendo flamejar no santuário de tua alma, deante do altar, onde o teu filial amor entronizou a imagem materna, a vela da saudade. E depois... comigo... baixinho... repete o canto do poéta:

Da Patria querida, distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
Eu trago no peito a imagem querida,
Do mais verdadeiro, do mais santo amor,

MINHA MAE!

Pe. Hipolito

FELIZ ANO NOVO

Frontispicio do jornal expedicionário "E A Cobra Fumou", editado pelos componentes do 1.º batalhão do 6.º Regimento, sob a direção do Tte. Piason. Tôdas as noticias, tópicos e crônicas dêste nosso confrade bem revelam o espirito de alegria reinante na F. E. B., e a coragem que anima os nossos irmãos brasileiros em luta na Itália. Este jornal nos foi enviado pelo soldado Bruno, do C. P. P. 1. Parabens aos diretores e redatores do brilhante órgão.

VAMOS ESCREVER PARA OS EXPEDICIONARIOS?

A nós que estamos cá, do outro lado do oceano, do outro lado da guerra, que só conhecemos através das manchetes descoloridas e dos clichés censurados, não é dado conhecer as angústias e os sofrimentos por que passam aquêles que, levados pelo dever e pela bravura, defendem, nas trincheiras da Europa, a honra da Pátria ultrajada.

E enquanto aqui nos divertimos, trabalhamos e dormimos em paz, na Itália, para que possamos gozar desta liberdade de viver, combatem irmãos nossos, como nós brasileiros, como nós amantes da paz e da tranquilidade.

Um dêstes bravos jovens, saudoso da terra abençoada do Brasil, disse mesmo há dias, a um correspondente de guerra, comparando o carnaval brasileiro com a guerra na Itália, o seguinte: "Aqui, temos por lança-perfume os "krups" e os "skodas" de grosso calibre; por samba, o troar da artilharia; por serpentina, as fitas das metralhadoras; e por confetti, a neve, que cai, fria e impiedosa, amortalhando as paisagens".

Mas em tudo isto, nem uma lamúria, em nada um pranto de desespêro. Apenas a saudade da Pátria, constante e suave que, longe de os acovardar, mais os encoraja para a luta, cada vez mais destemidos, cada dia mais fortes.

As publicações, que se multiplicam dia a dia, são uma prova do moral elevado de nossas tropas, da sua coragem, do espírito de heroismo com que encaram a situação.

A luta é dura, mas os nossos bravos irmãos da F. E. B. a ela se lançam cheios de alegria e destemor, por isto que sabem, como todos os combatentes da liberdade, que "é melhor morrer de pé que viver ajoelhado".

E de tôdas as suas palavras, apenas podemos registrar uma queixa: a falta de notícias, a falta de leitura.

Portanto, lançamos aqui um apêlo, ao povo brasileiro, êste mesmo povo que tão bem soube revidar as ofensas nazistas:

Escrevam aos expedicionários. Escreva cada um a um soldado qualquer, dando-lhe notícias de sua terra, animando-o com palavras fraternais, levando-lhe a fôrça do seu apôio e o estímulo de sua solidariedade.

Os nossos soldados esperam notícias nossas. E é justo que êles, que hoje enfrentam as granada e a neve, para que possamos dormir em paz, contem sempre, com as nossas palavras de amizade, e com o testemunho do nosso agradecimento, com a alegria de uma carta enviada de sua terra.

Escrevam aos nossos expedicionários, mandem-lhes jornais e revistas do Brasil, para que êles saibam, em meio de sua luta titânica e heroica, que os seus irmãos que ficaram não os esquecem e que o nosso coração pulsa ao lado dos seus.

◆

Uma das provas evidentes do bom humor que anima os nossos soldados no "front" italiano, tivemo-la ao receber uma nova publicação feita por soldados da F. E. B., o jornalzinho "E A Cobra Fumou", órgão dos componentes do 1.º batalhão do 6.º Regimento de Infantaria.

Esta edição de "E A Cobra Fumou", publicada por ocasião do Natal e Ano Novo, muito nos comoveu e também muito nos animou, quer pelo espírito de suas crônicas e de seus tópicos, quer pela coragem e resolução que transparece de todos os artigos.

E' êste um jornal tipicamente de guerra, feito por soldados para soldados, com noticiário dos acontecimentos da caserna e do "front", piadas e croniquetas.

Aqui e ali, como uma reminiscência da Pátria, notícias de coisas acontecidas no Rio há muito tempo, das quais êles tomaram conhecimento através das cartas de amigos e parentes.

Há coisas engraçadas, boas pilhérias, cheias de um humor fino e natural, espontâneo e inteligente, anedotas típicas do espírito que caracteriza o brasileiro.

Entre os tópicos, porém, há palavras comoventes, como a história alegre e emocionante de um soldado, bom pai de família, componente de um pelotão anti-carro, que dormiu e, sonhando que se encontrava no Brasil ao lado do filhinho, acordou acariciando o canhão.

Mas a alegria dos expedicionários pode ser vista inteira e nítida, no próprio noticiário pitoresco de "A Cobra..." Senão, vejamos, uma destas notícias:

"BANHO

Apesar de estarmos um pouco atrasados com a notícia, ainda em tempo a anotamos, pela importância que tem tal fato. Tomaram banho no sábado passado os amigos Cabo Mococa, e soldados Arquimedes e Zé Rodrigues."

Agora, o cartaz cinematográfico do jornalzinho:

"TEATROS E CINEMAS

UFA: "Branca de Neve e os 7 anões". Com a "bela sem cabeleira" de Cá d'Orsino e os seus cortejadores. Agora, que está tudo branco de neve... BANDEIRANTES: "Sargento Imortal" — interpretado pelo sargento Maranhão, da 3.ª Cia. Herói, não — louco. ÓPERA: "O Homem Invisível" — filme de apresentação de "Zé Carioca", publicação do S. E. da D. I. E."

"E A Cobra Fumou", entretanto, apesar de ser um jornal pequeno, é, como diria Aporelli, um jornal que "não vive de expedientes". Não tem expediente, mas, em compensação, tem um amplo e complèto serviço telegráfico, que lhe permite sempre noticiar qualquer fato, com grande urgência, ou mesmo com antecedência. Eis aqui, sem maiores comentários, o tópico em que "A Cobra" anuncia o próximo aproveitamento dos serviços da "Agência Noticiosa" que hoje colabora em seu noticiário:

"SERVIÇO TELEGRÁFICO

Com o objetivo de trazer os nossos leitores bem informados sôbre as coisas do mundo, contratamos os serviços da Agência Escambáu.

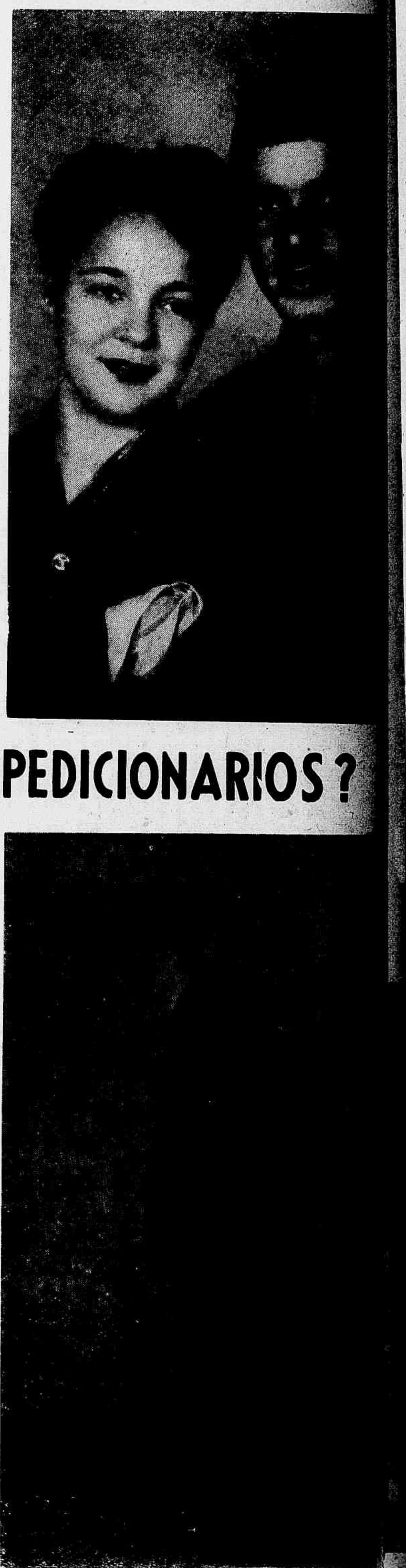
Assim de agora em diante seremos sempre os últimos a dar as primeiras. "Aguentem a mão" porque quem lê por último, lê depois."

Assim é "A Cobra". Um jornal corajoso, destinado a distrair os nossos soldados, a manter o seu moral elevado, a dar-lhes estímulo e energia, e dar vasa também ao seu bom humor, que as granadas nazistas não conseguiram matar.

Aqui fique pois assinalado o aparecimento de "A Cobra", que continua a fumar, com o cachimbo cada vez mais aceso...

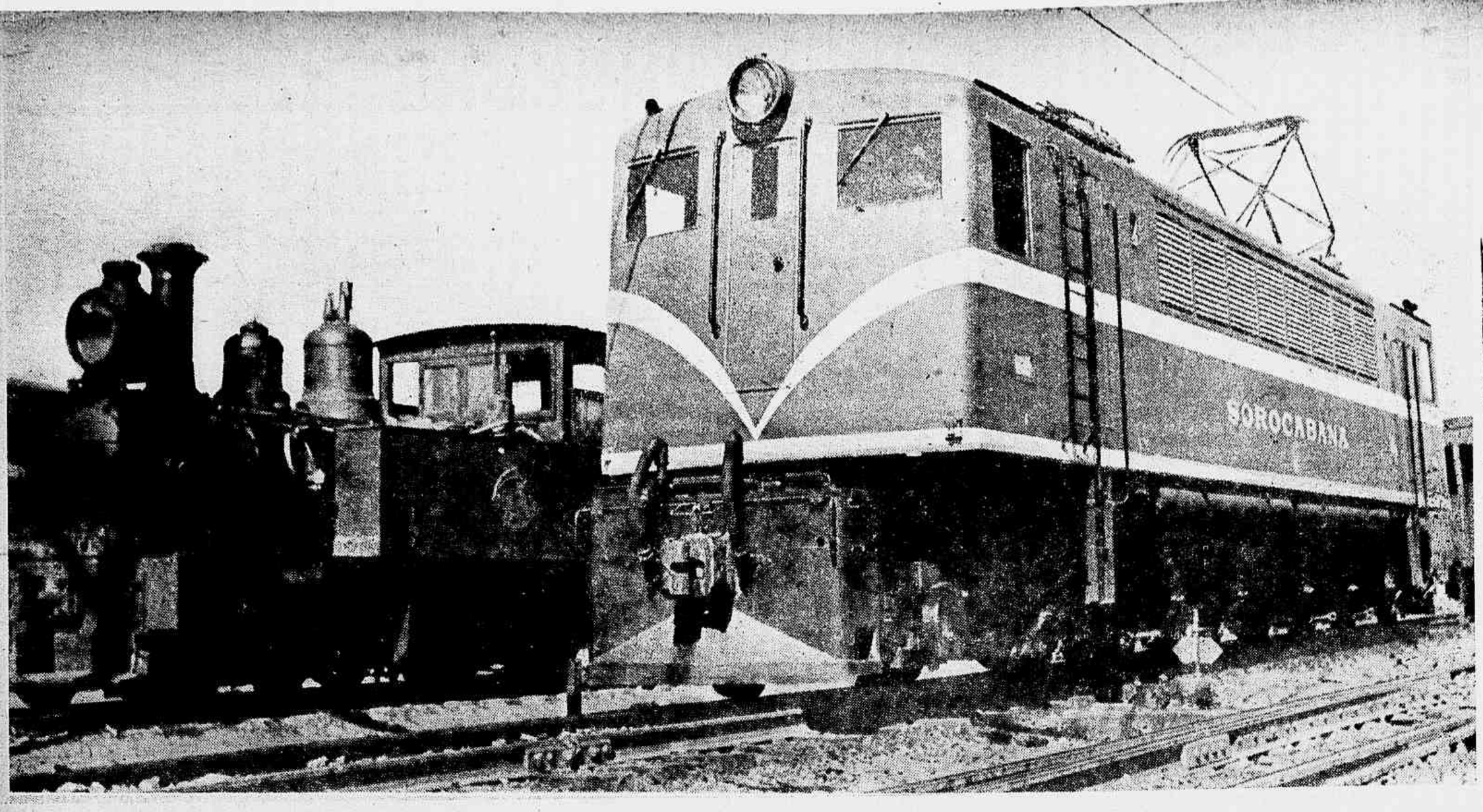
"AVISO AOS NAVEGANTES:

Chegou um grande navio brasileiro, carregado de caixotes com presentes para nós. "Sará"?"



O 1.º tenente Geraldo Sebastião Pereira Bezerra, que já recebeu o batismo de fogo na Itália, fotografado ao lado de sua espôsa, d. Mary Isabel Fernandes, residente em Santiago, Rio Grande do Sul.

"Mamãe, querida: — Que o seu justificado orgulho aumente ao contemplar esta fotografia dêste seu filho, que feliz e honrado se sente em dedicar à nossa querida Pátria uma pequena parcela de seu esfôrço para que a Vitória e a Paz venham mais depressa. Com a graça de Deus, espero muito em breve poder rever êste retrato, em nosso lar feliz. Beijos e abraços de seu Haroldo". Com estas palavras, tocadas de um mixto de saudade e de acendrado amor à Pátria, é que Haroldo Mendes, que servia no 9.º Batalhão de Engenharia e que agora combate nos campos de batalha da Itália, se dirige à sua progenitora, moradora à rua Pacheco Leão, 226, Gávea, Distrito Federal



A FOTO ACIMA FIXA DUAS FASES DO PROGRESSO DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA: A ANTIGA LOCOMOTIVA A VAPOR E A MODERNA LOCOMOTIVA ELÉTRICA

A ELETRIFICAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

No dia 8 de Dezembro do ano findo, inaugurou a Estrada de Ferro Sorocabana o seu primeiro trecho eletrificado, que vai de S. Paulo a Sorocaba. Esse auspicioso acontecimento, de suma importância para o desenvolvimento daquela grande ferrovia, vem atestar a excepcional fase de progresso que a mesma atravessa, que culminou agora com a entrega ao público daquele grandioso melhoramento. Do discurso proferido pelo engenheiro Ruy da Costa Rodrigues, diretor da Sorocabana, saudando o sr. Getulio Vargas, que presidiu à inauguração, destacamos os seguintes trechos, que refletem a invejável situação em que se encontra presentemente a Estrada de Ferro Sorocabana. Começa s. s.:

"Com a inauguração dêste primeiro trecho da eletrificação da Estrada de Ferro Sorocabana, com a honrosa presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, abre-se uma nova éra de prosperidade para esta grande ferrovia estadual.

Este trecho de São Paulo a Sorocaba, de via dupla, da nossa linha tronco, há anos remodelado, em que hoje se inaugura o tráfego elétrico, — era, em 1875, no seu traçado primitivo em via singela, inaugurado com a tração a vapor, por Luiz Matheus Maylasky.

São decorridos quase 70 anos, desde então até esta realização, há muito por todos nós almejada.

Progredimos, mas se quisermos progredir ainda mais, teremos que ir vendo, dia a dia, a volumosa locomotiva a vapor, ceder o seu lugar à rápida, serena e higiênica locomotiva elétrica."

Continuando, s. s. tece considerações em tôrno do desenvolvimento do nosso sistema de viação, observando que a nossa melhor política econômica é dotar o país de uma grandiosa rêde de transportes terrestres, ferroviário, rodoviário e aéreo. E prossegue:

"Assunto de transcendental importância para o Brasil é o que se refere à nacionalização de nossa indústria e de nossos serviços, como o dos transportes, aproveitando-se as riquezas naturais de que foi o nosso país tão prodigamente dotado.

Sim, todos sabem que a vitalidade de um país é consequência da exploração de suas fontes naturais de energia e se a potência hidráulica do Brasil é de tal ordem a garantir-nos, pelo seu aproveitamento, a nossa independência econômica, devemos sem tardar dar tôda preferência à exploração industrial da energia hidro-elétrica, cujas aplicações à tração ferroviária e a muitos outros ramos da atividade humana, apresentam vantagens insofismáveis.

Em tôda a parte, a utilização da energia hidro-elétrica tem produzido, quer sob o ponto de vista técnico, quer econômico, os melhores resultados e no que diz respeito às vias férreas, entre as inúmeras vantagens da sua eletrificação, entre as quais avulta a da grande economia na energia despendida, há ainda a destacar, no caso dessa eletrificação ser feita, pela utilização da potência das quedas dágua, que é o nosso caso, o grande benefício da eliminação da impiedosa devastação das nossas matas e da escravização ao carvão nacional ou estrangeiro, combustíveis êstes que dependem sempre de agentes subservientes e contra os quais as restrições se acumulam dia a dia.

O desenvolvimento da tração elétrica acentuou-se já de muitos anos a esta parte, em todos os países cultos do mundo e hoje a sua vitória é perfeita, tanto em relação ao transporte urbano e suburbano, como nas linhas de grande curso, até mesmo nos países onde a potência hidráulica é reduzida e a vida industrial intensa."

A seguir discorre sôbre o aproveitamento do nosso potencial hidráulico, destacando a orientação do Govêrno Federal na solução de tão alto problema, continuando:

"Situado entre uma zona fertilíssima e os mercados consumidores, São Paulo, que é um dos maiores celeiros do país, já é também um centro importantíssimo de industrialização e o será futuramente, numa escala muito maior, encontrando-nos, como nos encontramos, frente a uma grande expansão industrial.

Um povo que já encheu o mundo de café e mostra seguir o mesmo caminho na cultura do algodão e de outros produtos da sua terra fecunda, não determina limite para os campos da sua espantosa atividade.

A Sorocabana, servindo a uma zona de intensa produção agrícola, pecuária e industrial, tem função preponderante a desempenhar na estrutura da existência econômica do grande Estado bandeirante.

Por isso mesmo, neste tempo de guerra, que exige de São Paulo a concentração de tôdas as suas energias produtivas para servir à causa do Brasil e das Nações nossas Aliadas, esta grande ferrovia, um dos maiores Patrimônios do Estado, ocupando hoje o primeiro lugar no sistema ferroviário do Estado, quanto à extensão das suas linhas e quanto à sua arrecadação, deve constituir-se em um incentivo à economia e seria um crime permitir o seu funcionamento entravando e embaraçando a expansão dessa economia."

E mais adiante:

"A Sorocabana, que arrecadou, no ano passado, importância de cêrca de 200.000.000,00, arrecadará, neste ano, quantia superior a Cr$ 300.000.000,00.

Não tendo, principalmente em ocasiões como a que atravessamos, em vista acumular grandes saldos, mas como principal objetivo facilitar a lavoura, o comércio e a indústria, é certo que proporcionou ao público, a vários ramos de atividade e ao Govêrno pelo aumento da arrecadação governamental, benefícios que podem ser calculados em somas bem superiores àquelas, concorrendo, assim, para o nosso engrandecimento.

E' portanto, incalculável o "valor econômico" desta ferrovia, não considerada como uma simples Emprêsa Financeira, sendo avultados os benefícios indiretos que ela acarreta, pelas rendas diversas, pelo enriquecimento de tôdas as classes de atividade e desenvolvimento das nossas riquezas.

Encarado o problema de transporte com decisão, para corresponder, de nossa parte, ao apêlo de Vossa Excelência e do senhor Interventor dêste Estado, de produzir mais e cada vez mais, vem realizando esta Estrada um grande esfôrço que deve ser levado a crédito da atual Administração Paulista para dar mais rápido escoamento à produção, escoamento êsse de que resulta, sem dúvida, uma maior circulação de riqueza, garantindo condições econômicas indispensáveis ao progresso e bem estar coletivo.

Enfrentando seriamente o problema da eletrificação da nossa Estrada, temos em vista melhor aparelhá-la, para assegurar um transporte mais econômico, mais rápido e mais oportuno, deixando o produtor confiante na nossa ação e a lavoura tranquilizada para poder voltar-se animada à dura faina da gleba, já por si tão cheia de problemas.

Esse acréscimo de arrecadação, a que nos referimos, dêste ano em relação ao ano passado, de cêrca de 50%, por si só significa a certeza de que a vasta e rica região servida pelos seus trilhos vive um momento da mais intensa e produtiva atividade, realizando-se, pois, aquela função social inerente às ferrovias, que a do estímulo ao trabalho."

Segue o orador expendendo uma série de considerações em tôrno das realizações da Estrada de Ferro Sorocabana, suas necessidades e projetos de um futuro grandioso a serviço de S. Paulo e do Brasil, para concluir:

"O problema do Brasil exige solução Brasileira", são palavras de Vossa Excelência no manifesto à Nação em Junho de 1934.

Construimos as nossas linhas econômicas de penetração mas, que, com a onerosa tração a vapor, dadas as nossas tão desfavoráveis condições em relação a combustível, aliadas às precárias condições técnicas das nossas vias, nunca serão linhas de penetração econômica, que devem ter tarifas baixas que permitam o transporte de produtos a longas distâncias.

Para a maioria das nossas ferrovias, entre as quais está incluida a Sorocabana, **a solução brasileira é a eletrificção. E é a única solução.**

Precisamos, Senhor Presidente, levar já a eletrificação da nossa linha tronco, numa segunda etapa, de Santo Antônio a Bernardino de Campos, realizando êsse serviço nos próximos três anos, 1945, 1946, 1947, para numa terceira etapa extendê-la de Bernardino de Campos a Assis e daí às barrancas do Paraná.

Senhor Presidente:

A primeira locomotiva elétrica da Sorocabana, que também foi a primeira locomotiva elétrica que entrou triunfante na cidade de São Paulo, através da gare desta nossa Estação, receberá, dentro de alguns instantes, o nome "Getulio Vargas".

Com êsse nome, simbolizando os anseios de progresso e liberdade do Povo Brasileiro, ela levará pelos sertões a dentro desta grande circunscrição do território pátrio — onde não morrem as idéias fecundas e onde à produtividade da terra se aliam a iniciativa e descortino do paulista — a garantia de que muitas outras suas companheiras virão, para num brado uníssono, ao rolar das paralelas de aço, entoar o hino da nossa marcha ascensional para a civilização, acompanhando o ritmo do progresso que aqui tem uma aceleração vertiginosa, que atordoa e deslumbra, — hino que traduza a confiança no presente e a certeza num futuro radiante de um Brasil Maior, sempre uno, sempre intangível às tendências dispersivas, conservando cada vez mais fortes os laços preciosos que hão de manter essa unidade indestrutível desta nossa gigantesca e formosa Nação."

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI --- 24-2-45 --- N. 8

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00. Visconde de Maranguápe, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622 Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel.. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITORIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9169 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANISADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira.** Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use *Regulador* Gesteira

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos soffrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**

Sumário

LITERATURA:

Guerra e Epilogo (Barbosa Neves) 3
A Sombra (Dickson Field) 15
O Centenario e Meio de Francisco Manuel (Escragnolle Doria) 18
Kostia (A. Avertchenko) 32/33
Livros Novos 38/39

REPORTAGENS:

Vamos Escrever Para os Expedicionários 4/5
Joracy Camargo e o Teatro Soviético (Celius Aulicus) 9/14
A Guerra em Marcha 16/17
Arranha-céus e Outros Flagrantes Paulistas (Celestino Silveira) 23/27
Figuras e Fátos 28/29
Jockey Club Mundano 30
Ecos do Carnaval 35/36

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos 19
Modas Juvenis 20/21
Boa Conduta (Harrison Leam) 22
Modêlos 44/46

CINEMA:

Gráficas de Hollywood 42/42

SEÇÕES:

Semana em Revista 8
Coisas do Brasil 31
Do Rádio (Dialma Maciel) 34
Da Música (Roberto Lyra Filho) 41

CARICATURAS:

"Charge" de Raul 50

BELMONTE E JUCA PATO NA INTIMIDADE

Em nossa próxima edição publicaremos momentosa e interessante entrevista concedida a Celestino Silveira, em São Paulo, pelo creador do popular Juca Pato.

Em longa explanação, Belmonte fala da caricatura e de outros assuntos.

Aparecerá ainda em nosso número da semana que vem o primeiro capítulo da novela radiofônica "Ressurreição", de Gesy Barbosa, início do folhetim que a REVISTA DA SEMANA publicará a partir dessa data.

A nossa Capa

Outra vez Deanna Durbin enfeita a nossa capa. E, se voltamos a estampar hoje o retrato da jovem estrela, é tão simplesmente como uma satisfação aos desejos de seus "fans", cujo número se conta hoje por milhões, espalhados por todos os recantos do mundo.

Publicamos neste número sensacionais declarações de Joracy Camargo em torno do momentoso problema do Teatro Nacional, resultado de uma longa entrevista com o grande teatrologo patricio, durante a qual ele se extendeu tambem em considerações sobre o teatro soviético e a experiencia artistica que vem sendo realizada a vinte e sete anos na U. R. S. S.

Outra reportagem de grande atualidade que vai nesta nossa edição é a intitulada "Arranha-céos e Outros Flagrantes Paulistas", escrita por Celestino Silveira e que constitui a primeira de uma série de grandes reportagens feitas por ele na Paulicéa, que aparecerão seguidamente na REVISTA DA SEMANA.

Neste número encontrarão ainda os nossos leitores as secções habituais, noticiário de guerra com o resumo completo dos acontecimentos da semana, e em torno dos soldados brasileiros em ação na Italia.

Completam esta edição atualissimos assuntos femininos, como modelos juveis para a estação, apreciações de Harrison Leam, etc.

a Semana em Revista

STETTINIUS NO BRASIL

Mesmo na ignorância dos detalhes da conversa que mantiveram o Chefe da Nação Brasileira com o Secretário de Estado Norte-Americano sr. Edward Stettinius, certo é que o encontro de Petrópolis há de perdurar nos anais da nossa vida política e social. Muito mais importante do que, na aparência, prometia ser, a visita do alto representante dos Estados Unidos ao nosso país — uma visita meteórica mas de extraordinária eficiência — ela será comentada devidamente, mais tarde, quando tiverem desaparecido as razões de ordem política hoje reinantes, impondo maior silêncio. Não foi apenas um cidadão de projeção universal que tivemos no seio da capital da República, por espaço de vinte e quatro horas, mas um legítimo embaixador do presidente Roosevelt, enviado às nossas plagas quando mal se encerravam as "démarches" da memorável reunião de Yalta. Era o emissário das realidades do mundo na hora presente, portador da palavra de ordem dos estadistas e cabos de guerra naquele conclave, o senhor das responsabilidades que são tanto dos Estados Unidos como do Brasil e de quantas Nações Unidas participam na luta da hora presente.

Já na simples exposição dos fatos, no resumo da conferência de Petrópolis e no modo como se processaram as divulgações dêsses trabalhos nas alterosas, executadas com o auxílio direto dos representantes da Imprensa, fez sentir-se um reflexo direto dos homens e das coisas dêste fim de guerra. Que terão pensado os derradeiros nazistas, os embuçados, os que julgavam ser muito outro o epílogo da tragédia iniciada em setembro de 39, tomando conhecimento da nota oficial entregue, muito democraticamente, aos rapazes de jornal, pela sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto! Outros, muitos outros seriam os processos se outra fôsse também a rota final da guerra com o domínio das idéias de Hitler, que em tempos encontraram tantos e tão precipitados adeptos dentro do Brasil! E quantos escribas dêsses tempos devem andar, nesta hora decisiva, em palpos de aranha rebuscando os arquivos particulares, na tentativa inútil de proceder à destruição de todos os indícios de suas idéias passadas! Porque a conferência de Petrópolis, levada a efeito entre o Presidente Getulio Vargas e o secretário de Estado Stettinius veio selar o advento de uma nova época para quantos, no Brasil, se entregam ao espinhoso dever de levar ao público os acontecimentos quotidianos. Muito acertadamente, como querendo testemunhar nesse gesto a abolição irrevogável de sistemas antiquados, foi o primeiro magistrado do Brasil que se fez aproximar dos reporters e, com o auxílio precioso de sua distinta filha, colaboradora sempre prestativa e útil nessas horas históricas, com êles paléstrou, sem rebuços, dando largas ao seu senso de humor. Estes são os tempos que surgem, dispensando intermediários odiosos e mostrando aos brasileiros o raiar de novos dias, mais luminosos e felizes.

Bem haja a Stettinius, cuja rápida presença em solo brasileiro serviu para marcar com pedra de ouro o início de uma éra nova.

"Ó VIRGENS QUE PASSAIS AO SOL POENTE"...

"Antigamente, a escola era risonha e franca" e todos se comoviam com a história heróica do jovem alsaciano que enfrentava a ira do mestre-escola prussiano, dizendo, no final da poesia, com peito erguido e a fronte levantada: "A França vive em meu coração".

A França, de tudo isto, é realmente a única que ainda vive, eterna e imutável, una e indivisível. Mas a poesia, esta morreu no esquecimento do público, e lá ficou enterrada, na vala comum onde se escondem hoje tôdas as obras "imortais" do romantismo.

Isto para nós, que já conhecemos pelo menos Zola e Cézanne.

Mas além, longe do ruido dos bondes, muito além daquela serra que aparece no horizonte, vivem ainda os espíritos de Iracema e de Margarida Gautier.

A imprensa progrediu, a rotativa não imprime os folhetins que apareciam todos os dias no "Fígaro". Os tempos são outros, e os jornais, ocupados com os anúncios de sabonetes e de cinemas, não têm mais espaço para os sonetos "chave de ouro", nem para as novelas chorosas dos escritores de cabeleira grande e pulmão pequeno.

Enquanto tal acontece nas cidades grandes, no interior continua o romantismo a andar à sôlta, emigrado do cemitério, como um fantasma cultural, aproveitando-se de qualquer vasa para aparecer em letra de fôrma.

A quem não quiser creditar no que afirmamos, oferecemos êste exemplo, retirado de "Fôlha da Serra", da cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, edição de 19 de Janeiro de 1945:

"VIRGEM! EM QUE PENSAIS? — Vejo em vosso abatido semblante e no brilho triste dos cansados olhos, o desprêzo que sentís por tôdas as coisas da vida, por tudo quanto há no mundo. Mesmo quando sorrís, não sei que misteriosa dolência dá ao vosso sorriso uma expressão de amargura comovedora.

Estando nos primeiros albores da vossa existência, não deveis desalentar, não deveis deixar que morram as vossas ilusões, quando o remédio para o vosso mal está ao alcance de vossas mãos.

Chamai pelo fone 9 os automóveis da Garage Ferreira, de Lindolfo Ferreira e uma vez sentada em suas deliciosas almofadas, sentireis renascer em vosso espírito a felicidade perdida. Um belo panorama descortinar-se-á ante vossos olhos e vos sorrirá um futuro de venturas.

Ânimo pois, e sempre à frente, com resolução e galhardia...

Fone 9 vos acompanhará."

Assim, respeitada a redação, a idéia e a forma, é o anúncio.

Portanto, se ainda existe por aí, perdida dentro dêste Brasil imenso, alguma donzela que espere melancolicamente sentada, com um livro de Deli aberto ao colo, pelo seu príncipe romântico, que não o espere mais. — Não, não espereis mais pelos vossos príncipes, donzelas melancólicas. Correi ao seu encontro, comodamente instaladas, à boa maneira do século, nas almofadas de uma "limousine" da Garage Ferreira. Não espereis mais pela ventura, ó virgens. Ide logo ao encontro da felicidade, num dos automóveis do "seu" Lindolfo, "ó virgens que passais ao sol poente"...

ENFIOU A MÃO NO BOLSO ERRADO

O "Maria Fumaça" apitou e entrou numa curva. Dentro do vagão de primeira, aglomeravam-se os passageiros como sardinha em lata. Entre êstes estava José Iglesias, observando atentamente os movimentos de todos os seus companheiros de carro, à espera que um dêles se distraisse. Ah! Iamos nos esquecendo de apresentar José Iglesias aos nossos leitores. Mas, ainda em tempo, aí vai a apresentação: José Iglesias, o mais hábil e ilustre batedor de carteiras dos subúrbios da Central. Para fazer uma bela "punga", ninguém como êle. Não há bolso onde não entre desapercebida sua mão de prestidigitador. E o seu campo de ação se estende de preferência aos trens suburbanos, em horas de movimento.

Eis porque, no trem de que aqui tratamos, êle observava atentamente todo mundo, à espera de uma oportunidade.

Entrou o itinerante recolhendo as passagens. E enquanto os homens do trabalho iam tiarndo afobados as carteiras dos bolsos, à procura dos bilhetes, o larápio conferia com o canto do ôlho o conteúdo das bolsas.

Viu um indivíduo que viajava entre dois outros sacar uma carteira onde apareciam nada menos de cento e sessenta cruzeiros em cédulas novinhas. Era pouco, mas já dava para o café. — Assim pensou José Iglesias.

Acontece que a vítima em perspectiva era um infeliz sentenciado que se dirigia para o seu triste calvário, sob a escolta vigilante de dois oficiais de justiça.

Mas José Iglesias não sabia disto, nem lhe interessavam as desgraças alheias. Vira as notas aparecerem e isto era o suficiente para que se sentisse impelido para o trabalho.

Assim, foi se aproximando do camarada que julgava um "pato", pronto para o bote final.

Chegou de mansinho, alisou os dedos, e enfiou calmamente o indicador e o polegar direitos na algibeira visada.

Mas o sentenciado, velho no "golpe", pressentiu a manobra e, agarrando o punguista pela mão, gritou-lhe:

"Mais devagar, colega. Não é assim que se toca um "violão". Aqui tem ratoeira".

Os oficiais de justiça deram o alarme, o "punguista" foi prêso com a boca na botija.

E lá se foram, êle e a sua vítima, acompanhados pelas autoridades.

E êste, provavelmente, ia resmungando entre os dentes: "Sim senhor, querendo me bater a carteira. Sim senhor! Que classe desunida".

A VOLTA À NATUREZA É PROIBIDA!

O caso foi noticiado na primeira edição do vespertino "O Globo", de 19 do corrente. Um modesto cidadão de província, cansado de tôdas as vicissitudes da vida, desiludido do seu semelhante, torturado pelas maledicências humanas e, certamente, sem recursos para se entregar a uma existência melhor, viajar, fugir do meio-ambiente deletério, resolveu promover por conta própria um retôrno à Mãe-Natureza. E se bem o pensou, melhor o executou, transferindo-se sem armas nem bagagens, por não as ter, para os cafundós das matas mais remotas. Despediu-se dos falsos amigos, não guardou rancores, nem ameaçou ninguém, disse adeus e foi embora, como na canção da nossa infância. Ninguém se interessou pelo pobre de Cristo, nem procurou dissuadí-lo dêsse propósito, socorrendo-o em suas amarguras. Não houve quem lhe oferecesse um emprêgo, uma nota de dez cruzeiros, não o reanimaram com palavras carinhosas e o deixaram ir. Ou melhor, não deixaram... O moço desapareceu da circulação, mas surgiu a lenda, a inefável lenda do homem misterioso, que estaria, dentro das selvas, preparando uma revanche contra a sociedade... Sempre o perigo imaginado pelos fracos contra um poder mais forte! E a notícias da existência dêsse perigoso indivíduo nas imediações do lugarejo chegou ao conhecimento das autoridades. Organizou-se uma tropa de soldados para ir ao encontro do facínora. Facínora, pois não, nem ninguém nessa altura fazia por menos o perigo do pobre desanimado da existência. Mata a dentro, fuzil ao ombro, olhos penetrantes e ouvido alertado, lá foram os mata-mouros, dispostos a passar fogo no canibalesco "specimen" humano, até que deram com êle. E como estava abatido, o pobre! As melenas caindo-lhe pelo rosto hirsuto, as vestes em tiras, os pés descalços, o busto quase nú, mas o moral alevantado. Puderal Sem problemas de ordem comum a resolver, sem a tortura maior das novelas de rádio, sem falsos amigos, sem a submissão às filas, que vida boa estava passando o nosso homem! Tão boa a ponto de ser interrompida pela realidade da vida civilizada. E lá estavam os homens da cidade, trabuco na mão e olhar feroz, intimando-o a voltar. Voltar para os desesperos desta vida de cão que todos nós passamos por falta de coragem para imitar o ilustre varão sertanejo! Conta a notícia de "O Globo" que o pobre homem arrojou-se ao solo, pedindo ao comandante da tropa, de mãos postas, que o deixassem em paz e sossêgo, tal como vinham de encontrá-lo. Não ameaçava a ninguém, não tinha armas, não sairia da sua toca, podiam ficar certos... Sim, mas a Civilização impõe atitude diferente. E lá veio o desiludido das cidades, novamente para uma cidade, impelido pelos representantes da coletividade dita civilizada. Nenhum crime foi apurado capaz de privar o sertanejo da liberdade, que era dêle e só dêle, da qual poderia fazer — aparentemente — o que bem entendesse. E como ainda não se admitiu a possibilidade de um homem normal fugir aos grandes centros embrenhando-se nas selvas, ficou resolvido que o homenzinho só podia mesmo ser louco. Louco varrido. O jornal não diz, mas, certo, a esta hora, o amante da Natureza deve estar convenientemente engaiolado, mais prêso do que nunca. Novamente às voltas com os problemas que por conta própria, e do modo mais original, havia solucionado. Moralidade do conto: não é possível trocar as amarguras de um centro dito civilizado pelos prazeres da Natureza. Em última hipótese, quem tentar a experiência passa por doido. Razão substanciosa para continuarmos amarrados às filas, aos falsos amigos que nos escrevem deliciosas cartas anônimas, às novelas radiofônicas e a outras barbaridades não menores...

O Teatro Nacional volta à evidência, como o assunto magno do dia, em virtude do tema ventilado no Congresso de Escritores, realizado há pouco em São Paulo, onde o jornalista Pompeu de Souza, numa catilinaria tremenda e extensa, lançou-se contra a nossa literatura teatral e contra os autores em particular, acusando-os de responsáveis pelo atraso de nossa arte cênica, que êle atribui tão somente à incompetência e à falta de cultura dos teatrólogos.

Sairam porém a campo, em defesa do teatro, os autores filiados a S. B. A. T., entidade a quem o sr. Pompeu de Souza culpara de organizar um monopólio intelectual, que impedia o aparecimento de novos valores na literatura teatral brasileira.

Não desconhecendo o papel que tem o teatro na evolução cultural de um povo, seria justo que se esclarecesse um assunto tão atual e importante quanto êsse, mormente agora, que os nossos intelectuais, movidos pelas premências das circunstâncias do momento, tentam uma aproximação mais íntima com as massas, das quais durante tantos anos viveram sempre distanciados, ou por snobismo, ou por simples incompreensão.

Assim pensamos e, por isso, procurámos buscar alguém que nos dissesse algo de verdadeiramente proveitoso sôbre teatro e a literatura, com palavras autorizadas e simples, revelando ao público o verdadeiro valor da arte cênica, e o seu papel na luta pela divulgação das idéias e pela popularização da cultura.

E para falar de teatro, fazer a sua defesa, explanar sôbre os seus benefícios e sôbre o seu papel na educação popular, ninguém melhor que Joracy Camargo, que vem há muito tempo vivendo exclusivamente do teatro e para o teatro.

Apertámos pois o botão da campainha da porta de sua casa do Grajaú, e esperámos por êle.

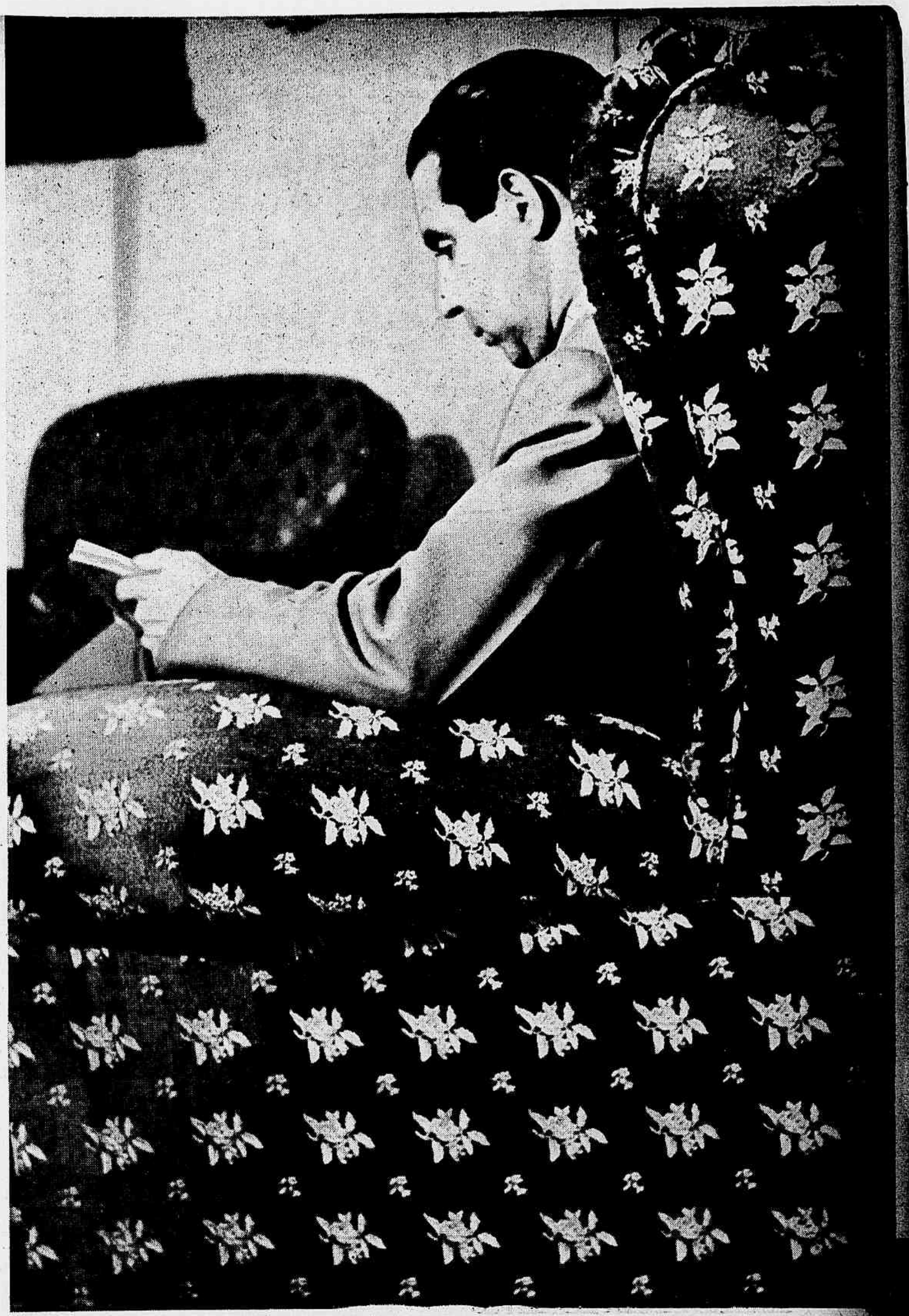
Convidados a entrar, fomos encontrar o teatrólogo trabalhando no escritório, onde os livros se empilhavam sôbre as cadeiras, sôbre as mesas, espalhavam-se pelo chão, numa confusão completa e absoluta.

O PAPEL DO TEATRO NA EDUCAÇÃO DAS MASSAS

Joracy escrevia sôbre uma velha escada de escritório, único lugar vago na sala atopetada de livros.

Quando lhe dissemos ao que íamos, desceu os degraus, assentou-se sôbre uma pilha de encadernações e prontificou-se a atender-nos.

Sucedeu-se então um longo diálogo, quase um monólogo, pois o nosso entrevistado, à medida que pensava e concluia, dava suas idéias e seus argumentos às palavras, o que tornou quase inúteis as nossas perguntas.



Chegaram da tipografia os primeiros exemplares de "O Teatro Soviético". Joracy folheia o seu novo livro, fruto de suas investigações e estudos efetuados na terra de Stalin.

JORACY CAMARGO E O TEATRO SOVIETICO

A FUNÇÃO DA ARTE CÊNICA NA REEDUCAÇÃO DO POVO — PERSONAGENS DE ROMANCE NÃO PODEM ENTRAR SEMPRE NO PALCO — OS AUTORES TEATRAIS SÃO OS INTELECTUAIS QUE MAIS SE APROXIMAM DA MASSA — PALAVRAS QUE NÃO FORAM DITAS PELOS "VERDADEIROS ESCRITORES" — DENTRO DA CONFUSÃO O CREADOR DE "MARIA CACHUCHA" EXPÕE SUA OPINIÃO A RESPEITO DO TEATRO BRASILEIRO — A INFLUÊNCIA DO TEATRO SOVIÉTICO NO BRASIL

Escreveu CELIUS AULICUS

À nossa primeira interpelação, que versou sôbre a influência do teatro na evolução cultural do povo, Joracy Camargo, que muito tem viajado e visto tôda a Europa, respondeu-nos que é êle o método mais prático e seguro de se educar um povo, para a assimilação de qualquer idéia progressista de caráter técnico, político, higiênico ou puramente cultural.

Mas o autor de "Deus lhe pague" não fala por falar, tentando fazer-se entender apenas pelas suas palavras. Antes, a técnica de sua dialética concisa e simples, consiste em apresentar sempre um exemplo, após a ventilação de qualquer idéia.

Assim, logo depois de afirmar o valor do teatro na educação das massas, citou-nos, como um exemplo típico dessa influência, o teatro soviético.

Falou-nos dos grandes planos russos de socialização das propriedades rurais e da formação das granjas coletivas, que exigiu uma preparação intensa da mentalidade camponesa. E quem preparou o espírito dos camponeses? A doutrina argumentada e exemplificada? O romance? A poesia? — Não; o estado de analfabetismo ou de semi-alfabetização do povo não podia assimilar as idéias escritas. Assim, o teatro salvou a situação, mais como uma arte mímica, que como arte puramente dialética.

O teatrólogo continua a falar. Discrimina uma infinidade de exemplos sôbre a influência do teatro soviético na formação da nova mentalidade russa.

Pegando no tema indagámos:

— E qual seria a influência do teatro soviético no teatro brasileiro?

O teatro soviético é assim. Monumental, dinâmico. Esta cena foi fotografada no Teatro Katerina Ismailova, de Moscou, que obedece à direção de Dautchenko. A cenografia russa atual tem causado uma verdadeira revolução na técnica teatral de todo o mundo.

— Sob êsse aspecto, responde-nos, não se pode falar do teatro soviético como um setor aparte, porque na Rússia não há movimentos isolados. Tôdas as atividades fazem parte de um plano geral. Tome, por exemplo, a industrialização do país. Quando ela foi levada a efeito, o govêrno cogitou ao mesmo tempo de evitar o enfraquecimento da agricultura. Enquanto se levantavam as fábricas, lavravam-se os campos. Para evitar, entretanto, o êxodo dos campos cu das cidades, para que nem todos quisessem ser operários ou camponeses, foi necessária a preparação das massas. Assim foi que o teatro entrou no plano geral da contrução da nova Rússia. Certos de que a adaptação das novas idéias dependia cem por cento do apôio da massa, foi que os dirigentes do Exército Vermelho, passada a fase da revolução armada, apelaram para os artistas e os intelectuais, no sentido da preparação de todo o povo russo para a colaboração na obra, que seria apenas planificada e orientada pelo govêrno.

Convencidos de que o maior inimigo de um país é o seu próprio povo, quando lhe faltam consciência do seu dever e os meios para cumprí-lo, os dirigentes da Rússia lançaram-se à tarefa de esclarecimento das massas, integrando a literatura e tôdas as artes no plano geral de reconstrução da U. R. S. S. e de reeducação popular.

Mobilizaram-se artistas e intelectuais e moveu-se guerra de morte à arte-pela-arte, que tem sido a desgraça de tantos povos.

Viu-se de início que, nessa campanha, o teatro teria o papel mais importante.

Organizou-se então na Rússia um verdadeiro exército teatral, sob o comando de Mayerhold.

O autor de "O Neto de Deus" fotografado em companhia de sua espôsa e filhos, em sua residência.

Para todos os recantos do país partiram "batalhões" de atores, técnicos, cenógrafos, etc., viajando em navios, aviões, diligências, caminhões, cavalos, trenós, e mesmo a pé!

Em pouco tempo, a onda teatral invadia todo o território das repúblicas soviéticas.

Lunatcharski, o primeiro comissário do povo para a Instrução, presidiu o movimento, depois de haver estabelecido a forma e o estilo da arte socialista.

A arte passou então a exercer função mais importante que a das classes armadas ou da polícia.

Em tôda parte, antes da chegada dos engenheiros, das máquinas industriais, dos tratores, antes do estabelecimento dos tribunais e da construção dos presídios, antes mesmo da chegada dos médicos e dos higienistas, ou dos mestres-escola, chegavam os artistas de teatro, desde os mais famosos, para as regiões menos incultas, até os "petruchkas", geniais palhaços, que sabiam penetrar na alma dos homens mais rudes e rústicos.

O resultado da "ofensiva" teatral foi milagroso: tôda uma população de quase 200.000.000 de pessoas, antes alheia ao seu próprio destino, tornou-se útil a si mesma, procurando espontaneamente os campos e as fábricas e movimentando-se voluntariamente em direção às escolas.

A REALIDADE DO TEATRO BRASILEIRO

Joracy Camargo é hoje, talvez, a maior autoridade brasileira a respeito de teatro. Por isso mesmo fomos procurá-lo quando se tratou de encontrar algo que nos esclarecesse sôbre a atualidade da nossa arte cênica. E por isso mesmo, levando em conta os seus estudos sôbre o teatro soviético e o teatro em geral, não pudemos deixar de perguntar-lhe:

— E você crê que a experiência russa poderia alcançar algum sucesso se levada a efeito no Brasil?

Joracy responde:

— O que aconteceu ao teatro russo é possível acontecer em tôda parte. Isto desde que se faça o mesmo, quero dizer, que se trabalhe sem se olhar para trás, começando tudo de novo, lançando ao esquecimento o que passou. O papel do teatro brasileiro, queiram ou não, tem que ser o papel primordial na educação de nossas massas.

O povo precisa alfabetizar-se, curar-se, instruir-se.

Mas a instrução, a saúde e o bem estar de que êle necessita devem ser conquistados por êle próprio. Estão errados os que querem obrigar os povos a serem menos infelizes, obrigando-os a tratar da saúde, ou a procurar trabalho. Agem de cima para baixo, quando deveriam agir de baixo para cima. O que é preciso é educar, e educar não é alfabetizar, e muito menos impor a felicidade por meio de leis.

O que é necessário é ensinar o povo a reivindicar a satisfação de suas próprias necessidades, pelo menos o limite máximo das concessões que ainda lhes podem ser feitas.

Ensinar isto ao povo é pois a tarefa magna do Teatro Brasileiro. E ela deve contar com o apôio de todos os que se interessem realmente pelo bem estar das nossas populações.

OS INTELECTUAIS E O TEATRO

A estas palavras de Joracy, não pudemos deixar de lembrar-nos da questão levantada no Congresso de Escritores entre os literatos e os teatrólogos. E isto nos leva a uma nova pergunta:

— E poderíamos contar com o apôio dos intelectuais para a tarefa de reeducação do povo através do teatro, ou mesmo através do livro?

— Por enquanto — prossegue o nosso entrevistado — não. E isto porque, os intelectuais brasileiros, em sua grande maioria, ainda escrevem por mera vaidade literária, por bisantinismo, ou pela necessidade de arranjar um "bico". Mesmo os idealistas, os que escrevem para se desabafar, sentindo-se infelizes como o povo, ainda estão desorientados. Uns são escritores apenas para se distinguirem do homem comum, visando um título honroso e sempre invejado. Tratam de publicar livros, como praticariam outra qualquer façanha considerada invulgar. Outros sonham com a Academia. Os que realmente têm talento atiram-se aos temas psicológicos. Os que têm cultura livresca atiram-se a pacientes ensaios. Os sentimentais escrevem versos. Os que se julgam revolucionários contam as desgraças das populações exploradas e dos trabalhadores. Há, por fim, os que apenas criticam os outros. Mas até hoje nenhum dêles se dirigiu diretamente ao povo, à massa, à multidão. As histórias do povo que êles contam são dirigidas aos próprios colegas, aos intelectuais, porque escrevem sempre dominados pelo espírito de concorrência literária.

Aí está a razão pela qual ainda não temos, e nunca tivemos um só livro que exercesse qualquer influência nos destinos do povo, ou nas nossas transformações sociais e políticas. Tivemos escravos durante tantos anos, e nunca apareceu aqui uma "Cabana do Pai Tomás"... O que há por aí é muito intelectualismo, cultura livresca e conveniências pessoais.

Temos livros dignos de ser traduzidos nos países mais cultos, mas o povo não conhece os nossos escritores e nunca sentiu o menor efeito

Museu de recordações... Joracy passa em revista o seu arquivo fotográfico. Ao fundo um retrato seu, ao lado do de Procópio.

de suas idéias. Ninguém escreve para o povo, não só porque isso é difícil, como porque, e principalmente, é "feio" parecer vulgar ou empregar lugares comuns, única linguagem que o povo realmente entende.

A única literatura que o povo conhece é das modinhas e sambas. A filosofia do nosso povo ainda é a dos provérbios, das anedotas e das canções populares. São êles a única fonte da chamada sabedoria popular. E enquanto os intelectuais tentam fazer literatura revolucionária, a única coisa neste sentido que o povo continua a conhecer são as letras dos sambas como aquêle que diz que "o trabalho não dá camisa a ninguém", referindo-se naturalmente aos que ganham o salário suficiente apenas para enganar o estômago.

Nesse momento atalhamos a explanação de Joracy:

— Voltando ao teatro soviético, ou melhor voltando à Rússia. O panorama ali não era o mesmo antes da revolução e da consequente valorização da arte teatral?

— Mais ou menos. Muitos escritores foram parar na Sibéria...

E' verdade que havia muitos intelectuais nitidamente revolucionários, amordaçados pela censura, ou burlando-a de vez em quando, à custa de muito talento. Mas em geral os escritores eram reacionários, por convicção, ou por ignorância da dialética que ensina a combater a opressão e as injustiças sociais.

Quando se tratou da formação da nova mentalidade artística na Rússia, Lunatcharski teve que vencer em primeiro lugar a resistência dos intelectuais e dos artistas. Eles eram muito "independentes" como os nossos, e não queriam admitir o realismo socialista. O próprio Gorki chegou a recuar, até ser vencido por Lenine. Só os escritores de teatro estavam preparados para a campanha que começaria pela "socialização dos sentimentos".

— Mas por que estavam êstes preparados, enquanto o próprio Gorki ainda não poderia ser enquadrado no novo modo de agir?

— Aí é que os meus argumentos encontram o apôio dos exemplos. Os fatos vieram provar que, iniciada a preparação do povo para receber as novas idéias, os únicos intelectuais que estavam preparados para começá-la eram justamente os autores teatrais. E isto se explica muito facilmente. E' que os teatrólogos escrevem sempre diretamente para o povo. Seus temas vêm das massas e voltam para elas. São êles, portanto, os únicos escritores que não podem viver divorciados das multidões, porque suas obras deverão influir no espírito do público, sem o que não poderão subsistir. As obras teatrais não podem ser escritas para as estantes dos bibliófilos ou para as prateleiras das livrarias, pois só existirão e estarão completas depois de consagradas pelo público. A consagração da crítica é um simples registro.

— Deve ter sido essa a razão do conflito surgido recentemente em tôrno da tese apresentada no Congresso Brasileiro de Escritores — atalhamos.

Joracy apanha a "deixa":

— Já escrevi sôbre isto. Acha o autor da tese a que você se refere que, no Brasil, o teatro sempre viveu divorciado da inteligência. Ele se refere, naturalmente, à inteligência dos escritores e nunca à inteligência do público. Ele tem como inteligência, pelo que ficou dito, apenas a dos escritores de gêneros alheios ao teatro. Esquece-se entretanto de que o teatro é um gênero eminentemente popular e se esquece também de que os que êle chama "verdadeiros escritores" nunca souberam entrar em contacto com o povo. E esquece-se ainda que se as produções dos nossos teatrólogos não possuem o valor literário e cultural das obras dos nossos romancistas, é apenas porque, influindo decisivamente no espírito da massa, não gozam da mesma liberdade (sempre relativa, é claro) concedida aos outros gê-

A dialética de Joracy é clara e explícita. O seu escritório porém é confuso, de uma confusão inacreditável. Ei-lo aqui trabalhando sôbre o reduzido espaço vital de uma escada.

neros. A literatura teatral é a única forma de manifestação do pensamento que está sujeita à censura prévia e permanente. Tôdas as censuras são transitórias e poderão ser suspensas, menos a do teatro. Há uma repartição pública fixa, eterna, especialmente destinada a fiscalizar o teatro. E isso é quase uma homenagem ao talento dos nossos teatrólogos, ao mesmo tempo que importa em desprêzo à capacidade revolucionária dos "verdadeiros escritores", da qual êles tanto se orgulham e tanto alarde fazem. Em teatro, nunca podemos apresentar certos conflitos e muito menos apresentar verdadeiras soluções. Muitas personagens dos nossos romances nunca poderiam aparecer nos palcos. A própria linguagem do teatro deve ser diferente, coibida, restrita, obrigando o autor a malabarismos mentais que só uma forte vocação para o gênero poderá realizar. Não acredito que os "verdadeiros escritores" concordem com o autor da tese apresentada em São Paulo, mas, em todo o caso, a sua simples apresentação ao Congresso indica bem claramente que os nossos intelectuais, com raras exceções, estão longe das realidades literárias e políticas do momento.

Que trate pois cada qual de escrever, segundo sua vocação e capacidade, mas que todos escrevam para o povo. Do contrário, só o teatro estará cumprindo a missão de orientar e recreiar, e continuará provocando conflitos como o causado pela tese, justamente porque as vantagens econômicas que oferece aos seus autores serão cada vez maiores, fazendo portanto crescer ainda mais o "pômo da discórdia".

ONDE SE VOLTA AO TEATRO SOVIÉTICO

O nosso entrevistado faz neste ponto uma pausa para atender ao telefone. Quinze minutos depois entrega-se de novo ao nosso interrogatório:

— Acontece que queríamos saber algo mais sôbre a provável influência do teatro soviético no teatro brasileiro.

— Muito bem. Tenho para mim que esta influência será decisiva, idêntica à influência que terão na nossa vida e na vida de outros povos tôdas as experiências feitas na Rússia, desde que sejam examinadas e adaptadas, sem receios pueris e infundados, que nos têm deixado à margem das grandes conquistas do povo russo, a maioria das quais podem ser aproveitadas em qualquer regime político. O teatro soviético, por exemplo, atingiu o grau máximo do desenvolvimento, do ponto de vista da técnica, dos processos cênicos, da cenografia, da iluminação, da própria compreensão das idéias do autor. E teve aplicações imprevistas na formação política, na industrialização, na preparação militar, em tôda a vida do país. O Exército Vermelho tem os seus teatros, para que os soldados adquiram consciência de sua missão e conheçam a cultura pela qual se batem hoje nos campos de batalha. Para que havemos de estudar, pesquisar, experimentar e perder tempo e dinheiro para chegar, daqui a não se sabe quantos anos, aos resultados da experiência soviética, quando podemos aproveitá-la imediatamente?

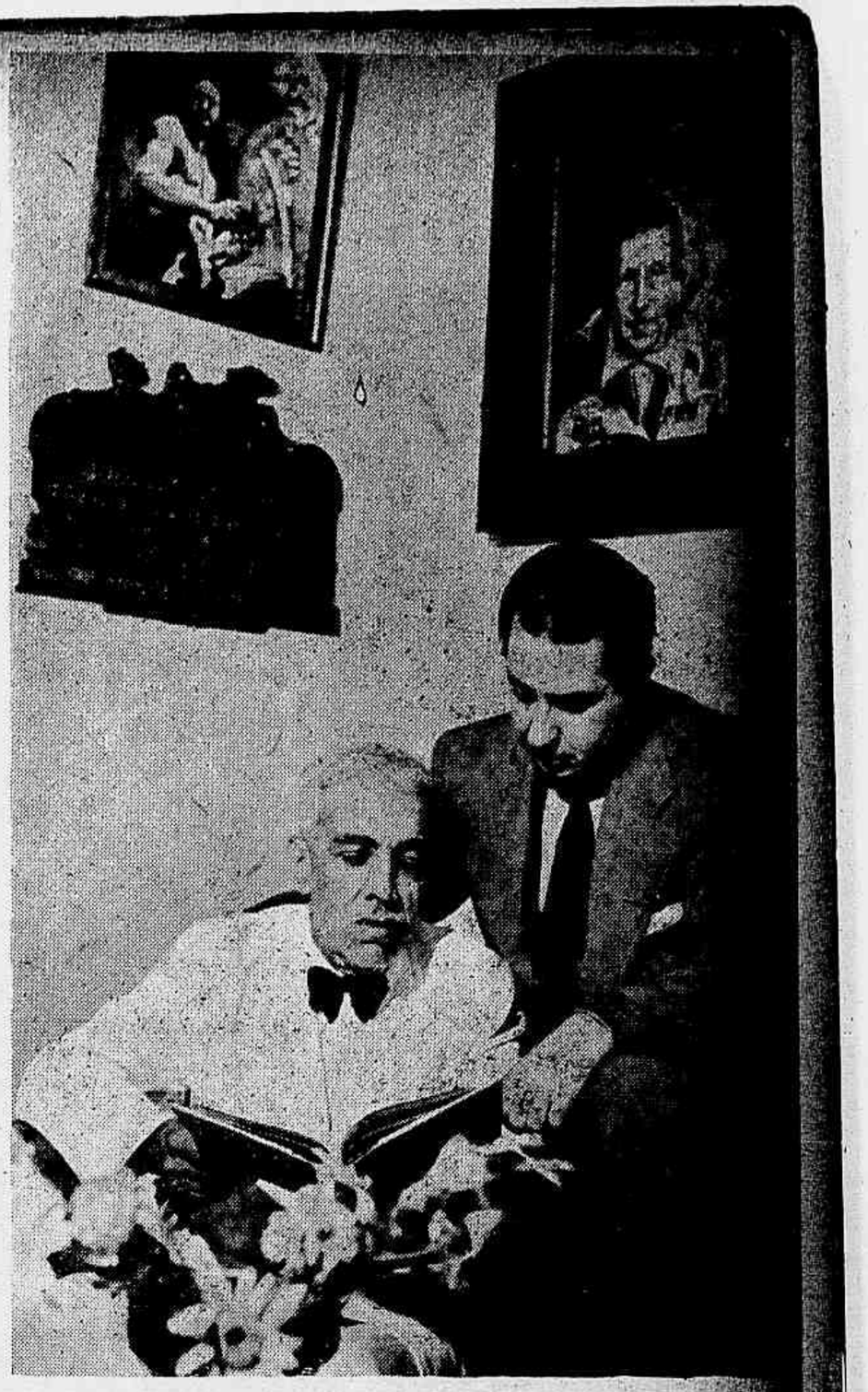
— Então, o que aconselharia você nesse caso?

— Enquanto não pudermos transformar os nossos semi-desertos em zonas férteis, desviar o curso dos rios, "ensinar" as sementes a germinar em qualquer região ou sob qualquer clima, reflorestar, sanear, educar, construir estradas, melhorar a saúde, em todo o Brasil, ao mesmo tempo, segundo um plano geral; poderíamos ao menos começar a preparar a massa para essa grande campanha, criando o teatro do povo — o primeiro passo.

TEATRO, FUTEBOL E CARNAVAL

O autor de "Deus lhe pague" continua a falar:

— O povo brasileiro nunca foi ao teatro, e é por isso que está desorientado. Se nos faltassem o futebol e o carnaval, teríamos que construir hospícios em tôda parte. Li há dias um cientista, afirmando que nas épocas de carnaval diminuem sensivelmente os casos de loucura! Na Espanha, quando se proibiam as touradas, estouravam revoluções. Ora, se o Carnaval, as touradas e o futebol são boas válvulas de segurança social e política, simples desabafos sensoriais, que influência poderia exercer o teatro sôbre a saúde mental, política e social do povo? Ninguém entretanto tem pensado nisso. Há mesmo administradores que criam obstáculos aos divertimentos públicos. Entretanto, o nosso povo tem uma disposição intelectual e sentimental privilegiadas para o teatro. E não importa a sua incultura, quando se sabe que para um autor de verdadeiro talento o público ideal, do ponto de vista da capacidade de emoção, seria um público de analfabetos. A preguiça mental de nosso povo, que decorre da sua própria formação apressada, pela influência do clima, longe de afastá-lo do teatro, ao contrário obriga-o a procurar a única forma de expressão artística que lhe permite satisfazer a irresistível tendência para a materialização, ou melhor, para fazer da idéia uma realidade viva e plástica. Um povo que não lê, para fugir à abstração, e que prefere que as idéias lhe entrem pelos olhos, deve ser um público verdadeiramente excepcional para o teatro, desde que êsse teatro se apresente mais ao sentido da vista que ao do ouvido. Aí está a razão pela qual o nosso povo, à falta dos antigos espetáculos de circo, com suas pantomimas de poucas palavras



Quando visitávamos Joracy, encontrava-se também em sua residência o sr. João Brandão, filho do saudoso ator Brandão, um dos comediantes mais populares e queridos do Brasil. Como contribuição para o futuro livro do teatrólogo sôbre a arte teatral no Brasil, o seu amigo lhe havia levado a tese de doutoramento do médico Paulo Silva Araujo, versando sôbre as reações faciais provocadas pelas emoções, estudo feito com exemplos tomados das expressões do popular comediante Brandão. O fotógrafo apanhou êste flagrante: os dois amigos examinando a tese e suas ilustrações.

e de ação intensa, movimentou-se em massa, apaixonadamente, para os campos de futebol, o esporte que passou a ser o verdadeiro teatro nacional, com os seus dramas sem palavras, sem literatura, simples, diretos, colocando os espectadores apenas diante de uma incógnita fundamental: a vitória de um dos grupos, ou o desfêcho imprevisto, que, no teatro, é, invariavelmente, o motivo central da atenção da platéia.

NÃO TEMOS VERBA PARA O TEATRO DO POVO

Notando o entusiasmo do teatrólogo pelo teatro do povo, não pudemos deixar de perguntar-lhe:

— E por que você não tenta, no Brasil, o teatro do povo?

— Já tentei. E não apenas uma vez, mas

Joracy vive os seus personagens. Na foto à esquerda, uma expressão facial de "O Neto de Deus". Ao centro: "Deus lhe pague, Barata, Deus lhe pague" — a cena final da obra máxima do teatrólogo, interpretada por êle, Aimée e Ramos Junior. E, finalmente, à direita, o autor de "Maria Cachucha" e Hortencia Santos, numa das passagens desta peça.

Outra obra prima da cenografia russa: maquete da peça "Tchapaief", grande obra de Alexandre Tyschler. Este drama baseia-se na vida gloriosa de Tchapaief, um dos heróis da guerra civil que sucedeu à revolução de outubro.

várias. Acontece, entretanto, que sempre ouvi, em resposta aos meus propósitos, a mesma e eterna frase: "Não há verba".

E assim morreram tôdas as minhas tentativas, diante dêste muro intransponível: falta de verba.

Não quero plagiar ninguém, meu caro, mas esta frase se impõe no momento: "a confusão era geral". E assim continuamos...

Enquanto durarem a confusão e a espectativa, tudo está bem. Passada porém a confusão... Bem, a entrevista está ficando longa. Desculpe-me, mas devo agora ir assistir aos ensaios da peça que escrevi para Eva Todor, "Bonita de mais". Vá ao teatro Serrador e assista à peça, que nada mais é do que uma entrevista concedida ao público.

Assim falou Joracy Camargo.

Despedimo-nos do autor de "Deus lhe pague", com um "shake-hands" cordial.

E aqui oferecemos agora, aos nossos leitores, as suas palavras.

Elas são, por si só, a voz do teatro brasileiro, que defende das acusações que lhe foram feitas.

Sim, porque Joracy Camargo é, em verdade, a própria encarnação dêste teatro, pelo qual vem se batendo há tanto tempo e pelo qual lutou durante tantos anos, não escrevendo apenas, mas tomando parte ativa em todos os trabalhos realizados em prol do seu engrandecimento.

E as suas peças, representadas em vários países estrangeiros, têm levado o seu nome aos quatro cantos da terra.

Quando da realização do Congresso Internacional dos Escritores e Compositores, realizado em Sevilha em 1935, Joracy Camargo foi delegado pela S. B. A. T. para participar do mesmo, sendo o único membro brasileiro desta representação, por isto que os dois outros estavam apenas autorizados a representar aquela sociedade, mas faziam parte do corpo da embaixada francesa enviada àquêle certame.

Na Espanha, o autor de "Anastácio" levantou o nome do teatro brasileiro.

Mas, ansioso de conhecer coisas novas, que pudessem trazer proveito ao movimento de reabilitação do nosos teatro, visitou a França e foi ter por fim à Rússia, onde se realizava a maior experiência educacional de todos os tempos, através do teatro.

Em Moscou, Joracy assistiu ao grande "Festival Teatral", uma das festas com que o povo comemora todos os anos a revolução de outubro.

Consiste esta comemoração na encenação de tôdas as grandes peças teatrais, comédias, tragédias, dramas, óperas, e na realização de concertos, levados a efeito em todos os teatros da cidade, que, nessas ocasiões, funcionam dia e noite, durante oito dias ininterruptamente.

O teatrólogo demorou-se porém no País dos Soviets, onde poude estudar a fundo o grande plano de reeducação pelo teatro, que atingia então o seu ponto culminante e começava a colher os frutos promissores da grande experiência.

Voltando ao Brasil, o autor continuou a escrever para o teatro, a forma de literatura que êle considera como a mais assimilável pelo povo e à qual, por isto mesmo, entrega os melhores de seus esforços, escrevendo então "Anastácio".

"Anastácio" é entretanto o retrato vivo e movimentado da sociedade atual e, por isto mesmo, os reacionários, que já votavam ódio a Joracy desde a estréia de "Deus lhe pague", continuaram a atacar o autor, já que não podiam atacar a sua obra, que êles próprios reconheciam como grande.

Mas Joracy não esmoreceu. Escritor do povo, continuou a fazer esforços para escrever para o povo. E se não o conseguiu, foi justamente por causa dos outros, por culpa da "falta de verba", por interferência da "confusão" geral e absoluta.

E agora, contra êle, contra todos os teatrólogos, se voltam os próprios intelectuais alheios ao teatro.

Aqui está porém, a defesa do autor de "Neto de Deus".

Dentro do barulho causado pelas acusações feitas em São Paulo contra os autores teatrais, êle nos falou calma e pausadamente sôbre o teatro, expôs as suas idéias sôbre a arte cênica, e disse o que achava a respeito da influência do mesmo na formação da mentalidade de um povo.

Serão certas as suas afirmativas? Tais sugestões poderão em verdade ser aproveitadas?

Deixamos ao critério do leitor, as respostas a estas perguntas.

O certo é que Joracy Camargo muito tem viajado e muito tem visto no Brasil e no Estrangeiro. E observando e estudando, foi que êle chegou a abraçar as suas convicções de hoje.

Mas quem pode saber, a rigor, o que é certo, dentro da confusão que nos cerca? Apenas esta verdade se nos apresenta, núa, irrefutável: "a confusão era geral"...

Um dos amigos que deixou Joracy Camargo na Rússia: Dimitri Shostakovich, quando ainda era apenas um jovem maestro. Hoje, a "Sinfonia de Leningrado" entregou êste

Dentro desta confusão, lutam os escritores e os autores teatrais, no sentido de elucidarem qual o melhor meio de aproximar a arte do povo e colocar as letras ao serviço das massas.

Acusam-se mutuamente de estarem divorciados do povo, cada um defendendo, é lógico, um ponto de vista antagônico, lançando os argumentos que julgam mais irrefutáveis.

E quem estará com a razão. Os escritores? — Os teatrólogos.

O povo, que está aí a exigir uma ação mais concisa e concreta, é quem sofre as consequências, à espera que êles resolvam qual o caminho a tomar, e lhe indiquem qual o melhor método de resolver os seus problemas imediatos. Sim, pois se êles, que representam, de um modo ou de outro, o pensamento do Brasil, para quem mais poderíamos apelar, senão para êles mesmo, para que esclareçam o povo, em meio da confusão?

Já falaram os teatrólogos, pela voz de um leader. Que falem pois os escritores alheios ao teatro. O povo espera...

O passado voltou para acusá-lo...

A SOMBRA

Novela de DICKSON FIELD

Ele levantou os olhos, lentamente, e, quando fixou o olhar no espêlho, reparou que os seus cabelos estavam despenteados e que a expressão da sua fisionomia era de pavor. Apressadamente, tentou recuperar a calma com que sentara à mesa, antes de ler a correspondência.

A carta nada tinha de extraordinário, nem mesmo a caligrafia regular, que êle desconhecia. Certamente, não era a de Piker John. Mas o conteúdo era suficiente para apavorá-lo. E, de repente, lembrou-se das palavras de um amigo, ao deixá-lo:

— Esqueça-se de tudo. Mas não tenho a certeza de que todos se esquecerão de você.

Aquilo, quando o amigo falara, lhe parecera um absurdo, quando muito uma frase com intenções moralizadoras. Agora provava a sua verdade. Nos anos que se tinham seguido, êle esquecera. Com paciência e meticulosidade êle compusera um novo caráter e se ajustara de tal maneira a êle que, depois de certo tempo, tôda a referência ao homem que êle fôra — raras aliás, pois êle não voltara à cidade onde vivera a primeira parte de sua vida — parecia-lhe uma alusão a outro homem com quem êle nada tinha a ver. Entretanto, agora que via à sua frente aquêle retângulo branco coberto por uma grafia regular, êle sentia-se novamente um bandido e instintivamente levou a mão ao bolso traseiro da calça, sentindo uma verdadeira suprêsa ao não encontrar ali a arma que há muito não carregava.

Nada tinha a fazer. O aviso tanto poderia significar uma ameaça séria como uma brincadeira de mau gôsto. De qualquer forma, êle não tinha recursos. Como recorrer à polícia, se, para tal, teria de confessar quem era, na realidade? Tinha amigos influentes, mas todos o conheciam como Julian de Brant, rico comerciante e sabia bem que, uma vez inteirados de sua existência aventurosa, êles haveriam de cessar de ser seus amigos. Assim, como valer-se dêles naquele momento? Na verdade, nada tinha a fazer. Restava-lhe somente a espera.

Longe, muito longe, pareceu-lhe soar uma voz. Fazendo um esfôrço êle voltou a atenção para as palavras da espôsa que, sentada ao seu lado à mesa do café, perguntava se êle já telefonara para a agência afim de que mandassem os criados extras que haveriam de precisar no dia da festa.

— Não.

Levantou-se bruscamente e dirigiu-se para seu quarto. No fundo da gaveta da cômoda estava o revólver que êle há muito não utilizava. Sentindo o contacto frio do gatilho, êle tranquilizou-se. Sentiu-se protegido.

— Julian! Telefone!

Era uma voz velada, meio rouca:

— Não se esqueça de que a carta não é brincadeira.

Um ruido surdo anunciou que seu interlocutor desligara. Julian chamou a telefonista.

— Investigue de onde veio esta chamada!

Meia hora depois, veio a resposta:

— Um telefone público na esquina da Sétima Avenida.

♦

Ele acordou sobressaltado com a luz de uma lâmpada nos seus olhos. Uma voz partiu das trevas para a luz ofuscadora que o cegava.

— Sou eu, Piker John.

— Perdão! Perdão!

Não encontrava outras palavras. Antes, imaginara o encontro. E preparara uma desculpa, uma história complicada para desculpar-se, uma justificativa. Mas, ao ouvir aquela voz que êle tanto conhecia, não teve mais coragem para nada. Limitava-se a implorar, com voz trêmula:

— Perdão! Perdão!

Na escuridão só percebia uma dentadura agora que se acostumara à luz. Uma dentadura muito branca, de dentes pequenos e afiados como prêsas. Ouviu um riso baixinho:

— Você vai morrer. E não serei eu quem há de matá-la.

A voz era baixa, velada, mas inconfundível. Mantinha um tom de calma, muito pior do que qualquer grito porque qualquer coisa, uma intensidade, uma fôrça concentrada davam-lhe um tom sinistro que o fazia estremecer.

— Não vou sujar minhas mãos com teu sangue de barata! Lembra-se do que eu disse, no dia em que me largaste para morrer?

Sentiu que à sua frente as figuras iam diminuindo até que pareceu-lhe ver um homem — o mesmo homem da dentadura muito branca — deitado perto de um arrôio. Ao longe a sirene do carro da polícia soava, cada vez mais perto.

— Julian! dissera a voz do homem, meio rouca, leva-me para o carro. Leva-me contigo!

Mas êle não prestara atenção. O outro se agarrava a êle:

— Leva-me contigo. Eu também tenho direito à minha parte. Eu te ajudei.

E êle lutava silenciosamente para se desembaraçar daquelas mãos que o enleiavam como os tentáculos de um polvo.

— Leva-me!

O outro falava mais fracamente. A ferida que tinha no peito enfraquecera-o.

— Leva-me!

Subitamente uma idéia ocorreu a Julian. Sorriu covardemente. O outro já não tinha fôrças para lutar. E se a culpa do roubo fôsse somente daquele que estava morrendo? Ele escaparia... Livre... Poderia mudar de vida agora que estava rico com o dinheiro que cabia a êle e ao outro...

— Você vai morrer, falou com crueldade.

— Por tua culpa, miserável! Foste tu quem me empurrou para a frente da arma para proteger-te! Pode ser que eu morra mas garanto que dentro de cinco anos tu hás de pagar pela minha morte!

Calou-se afinal. Piker John já não tinha mais fôrças...

A sirene se aproximava. Como atrasá-los? Uma idéia sinistra ocorreu a Julian. Se o outro ia tomar a culpa por que não...? Ia morrer de qualquer forma... Arrastou o corpo do amigo desmaiado para o meio da estrada e largando-o ali correu para o carro. Com o dinheiro na pasta que levava ao seu lado, deu uma risada vitoriosa e saiu a tôda a velocidade. Ouviu ao afastar-se as sirenes mais perto, depois o ruido de um carro que freiava repentinamente, o ruido dos pneumáticos, e em seguida silêncio... O carro da polícia atropelara Piker John e parara. Julian apertou o acelerador e correu desabaladamente para a liberdade...

♦

Novamente a luz da lâmpada. E a voz no escuro:

— Cinco anos eu disse! E não morri! Estou aqui para cumprir a minha palavra. Palavra de Piker John...

— Perdão!

—Não adianta! Você há de morrer. E não por minhas mãos, mas lentamente, atormentado por mim. E, talvez finalmente eu dê o tiro de misericórdia para que você vá continuar a sofrer no outro mundo!

O suor frio corria pelo rosto de Julian. De repente apagou-se a luz e no escuro êle ouviu passos que se afastavam...

♦

— Que é que há, Julian?

A voz da espôsa aparentava preocupação. Que teria êle?

— Nada. Nada.

— Você parece tão preocupado...

— Não é nada, já lhe disse.

— Está bem, está bem...

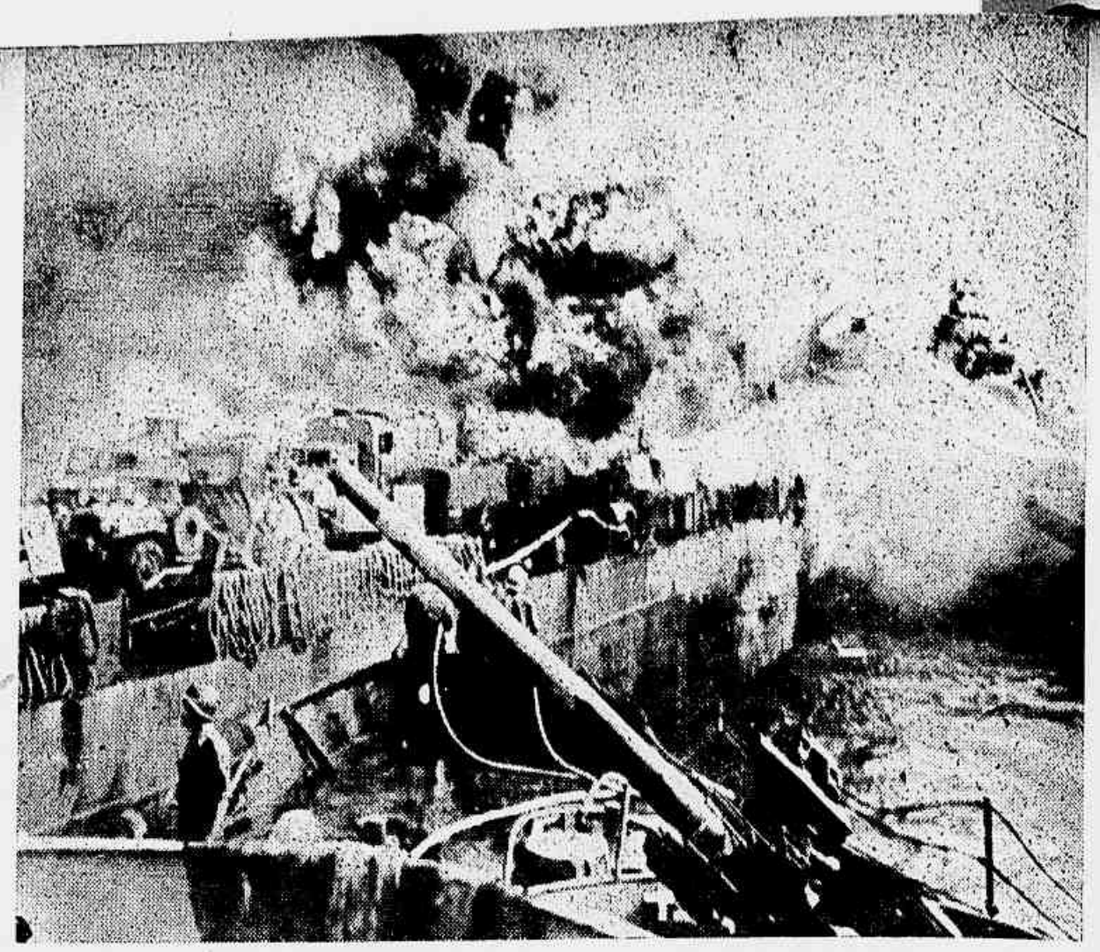
♦

Fôra rude com a espôsa sem motivo. Tudo era causado por aquêle maldito nervosismo. Mas como livrar-se daquela obcessão?

Lembrava-se perfeitamente de que deixara o cúmplice deitado no meio da estrada, quase morrendo de uma ferida que recebera. Lembrava-se de que êle não morrera, que, mais tarde, êle lera a notícia de sua prisão. Do hospital

Continua na pág. 57

PRISIONEIROS ALEMAES NA AMÉRICA. — Eis aqui alguns dos milhares de prisioneiros alemães que têm chegado aos Estados Unidos atualmente. Lá vão êles, em vagões de 1.ª classe, seguindo para o campo de concentração. Que diferença entre êste tratamento e o ministrado aos prisioneiros dos nazistas!



EM LUTA CONTRA UM VIOLENTO INCÊNDIO. — Durante um combate no Pacífico, uma barcaça americana é atingida por um projetil incendiário. Tôda a tripulação do barco foi salva. Tripulantes de outros navios debelam as chamas, tentando salvar o que podem da unidade atingida pelo fogo da granada japonêsa.

TRISTE FIM DOS SOLDADOS DE HITLER. — Eles vieram armados, arrancar dos povos indefesos, com suas granadas de mão e suas baionetas, o espaço vital que a loucura de Adolf Hitler lhes havia prometido. Hoje, estendidos sôbre a neve, êstes infelizes alemães, não têm sequer os sete palmos da sepultura raza.

ESTICANDO ARAME FARPADO. — Sob a inclemência das intempéries, dentro do inferno da violenta tempestade de neve, êstes soldados americanos esticam o arame farpado que há de proteger a sua trincheira, na eventualidade de um contra-ataque alemão. Uma recente contra-ofensiva foi rechassada neste setor.

A semana passada assinalou novas e decisivas vitórias para as fôrças das Nações Unidas, em todos os teatros da luta.

Os progressos dos exércitos de Stalin no território germânico continuaram a desenvolver-se, num ritmo verdadeiramente vertiginoso.

Rompendo tôdas as barreiras naturais que se intercediam entre êles e a capital do Reich, os soldados soviéticos já se encontram agora às portas de Berlim, forçando as suas defesas externas, onde os nazistas empregam esforços desesperados no sentido de salvar a grande cidade que, dia a dia, mais de perto se encontra ameaçada pelas fôrças de Zukhov e Konev.

Ao redigirmos estas notas, os exércitos da Rússia Branca, irrompendo pelas fronteiras do Corredor Polonês, invadiram a Pomerânia e, através cidades e aldeias limítrofes, já haviam conseguido localizar-se solidamente dentro do território alemão, com fortificações de emergência, continuando a progredir pelo norte, numa marcha acelerada.

Enquanto isto acontecia, as tropas de Konev e Zukhov, num rápido movimento de pinça, lançando uma ofensiva em tenaz contra Berlim, estavam na iminência de formarem junção, o que viria causar uma situação desesperadora para as tropas que defendem a cidade.

Telegramas do exterior davam a posição das vanguardas do Primeiro Exército da Rússia Branca e do Primeiro Exército Ucraniano, como ocupando posições distantes apenas dez quilômetros entre si.

A junção dêstes exércitos, agora que a Luftwaf se encontra a braços com a ofensiva aérea aliada, sem recursos para abastecer pelo ar um número elevado de divisões, viria causar o aniquilamento ou a rendição de tropas encerradas no bolsão.

Esta a situação atual na frente de Berlim.

Na frente ocidental, os exércitos aliados avançam sempre, embora em ritmo moderado. As tropas canadenses porém, em seguros assaltos, lograram investir contra a Renânia, ocupando grande parte das margens ocidentais do Reno, as quais são agora dominadas pelos aliados em uma extensão bastante ampla.

◆

No "front" da Itália continuam os exércitos aliados a progredir, apesar do mau tempo. Não têm havido, naquele "front", apreciáveis alterações, embora os alemães tenham lançado, em escala reduzida é certo, uma série de contra-ataques, que não têm entretanto, logrado um resultado satisfatório.

Os soldados brasileiros têm demonstrado o seu valor e a sua capacidade combativa, ora lançando assaltos às posições inimigas, ora repelindo os pequenos mas ferozes contra-ataques alemães.

◆

Também no Pacífico, os aliados desenvolvem uma ofensiva em larga escala, que tem sido coroada de êxito, em todos os setores. A invasão de Leyte é uma vitória definitiva.

Manilla, a cidade mártir, que sofreu, após bombardeios desumanos e brutais, as misérias e os horrores de uma longa dominação japonêsa, foi finalmente libertada por Mac Arthur, muito antes do que esperavam todos os estrategistas e comentadores militares.

Agora, segundo os próprios prognósticos do Estado Maior Japonês, é esperada a qualquer momento a invasão da ilha de Corregidor, uma das primeiras posições insulares dos Estados Unidos a serem invadidas e dominadas pelas tropas de desembarque do Mikado.

E assim continuam os exércitos da liberdade a avançar em tôdas as frentes, na faina de varrer da face da terra, de uma vez por tôdas, as fôrças odiosas do fascismo.

A GUERRA EM MARCHA

FERIDOS BRASILEIROS. — Membros da Fôrça Expedicionária Brasileira, que foram feridos na Itália, são mandados para um hospital do Exército Americano em Charleston, Carolina do Sul, Estados Unidos, a bordo do navio hospital "Arcadia". Da esquerda para para a direita: no fundo, Joaquim Barros Filho, do Alto Araguaia, Mato Grosso; Ivan Alhadas Santos, do Rio de Janeiro; Renato Fussi, de São Paulo, e Carlos Oliveira Saldanha, de São Paulo. Ao centro: Teófilo Pedroso, de São Paulo; Segundo Tenente Isabel Dulje, de North Bergen, New Jersey, enfermeira do Exército Norte-Americano; Alfredo Gallett, de São Paulo, e Antônio Vieira da Veiga, de São Paulo. Ajoelhados: Julio Teixeira Machado, de Muriaé, Minas Gerais; Angelo Caroli Filho, de Batatais, São Paulo, e Fernandes Hertmann, do Rio Grande do Sul.

UM CAMINHAO REBOCA UM TANQUE. — Esse grande caminhão do Exército dos Estados Unidos, conhecido como "caminhão socorro de tanques", reboca um tanque M-4 que se encaminha às oficinas de reparo. Esta unidade couraçada foi posta fora de combate em algum lugar nas proximidades de Bastogne, na Bélgica.

(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério).

FRANCISCO MANOEL DA SILVA

N. Rio de Janeiro 1795, vice-reinado do Conde de Rezende. F. Rio de Janeiro, 1865, reinado de D. Pedro II.

NAS matrizes das cidades, mormente populosas, raro transcorre dia sem batisado. Assim para a inocencia cristã de recem-nascidos, na falta do sacramento, pagãos bem depois do mundo antigo.

Uma das menores freguezias cariocas a de N. S. da Candelaria, em sua matriz, a 2 de Março de 1795 acolhia batisado, o de criança nascida pouco antes, a 21 de Fevereiro.

Após a cerimonia lustral, o sacerdote batisante, com o habitual cortejo de tais atos, recolheu-se á sacristia para lançar assento no competente livro de batisados de pessôas livres da freguezia.

Interrogando interessados, o padre coadjutor foi escrevendo com letra mais do que corrida em tinta grossa, até hoje negra. Redigio sem duvida com pena de ganso salpicante, aqui e alí de mancha ao papel no deslisar da escrita de atestação.

O assentamento declarou a criança batisada Francisco, filho legitimo de Joaquim Mariano da Silva, natural e batisado na freguesia de Jacarépaguá, e sua mulher Joaquina Rosa, natural da mesma freguesia.

Registrou o coadjutor o batisado por neto paterno de Manoel da Silva Nazareth, natural do Reconcavo da cidade do Rio de Janeiro, e de Maria Angelica de Jesus, natural da freguesia de Irajá.

Pela parte materna eram avós Vicente Ferreira da Silva, natural de Magé, e Maria Joaquina Rosa, natural da freguesia da Candelaria.

Do nóvo cristão foi padrinho o avô paterno e madrinha a avó materna.

Quem lê documentos e se não limita a vêr grafia, deduz, comenta, interpreta. Destarte o documento lançado pelo coadjutor da Candelaria "aos dois dias do mez de Março de mil setecentos e noventa e cinco annos" mostra o batisado do dia bem e bem carioca, por seu berço, por sua familia. A reunião em padrinhado de avô paterno e avó materna evidencia probabilidades de estarem dois lares em harmonia, mostra-o a escolha de padrinho e madrinha em duas familias.

Completando quanto ha mais de seculo escreveu o coadjutor da Candelaria, diga-se agora que a criança batisada teria nome imorredouro, o do autor do nosso Hino Nacional.

Nascera Francisco Manoel na capitania do Rio de Janeiro, ao tempo do vice-reinado do conde de Rezende.

Principiou Francisco Manoel crescer, educação, instrução numa cidade colonial, em 1808 de subita e completa transformação, pela vinda do Principe Regente de Portugal ao Brasil para inversão de metropole.

Aos treze anos de idade achou-se Francisco Manoel em sitio natal dia a dia a mudar de usos, de costumes e de espetaculos.

Dedicando-se à musica, Francisco Manoel procurou pratical-a guiado pelas lições e pelos conselhos de bom mestre. Encontrou-o ótimo, em José Mauricio Nunes Garcia, artista digno do apreço e da amizade de Neu Kom, o diléto de Haydn. Em materia musical esses dois nomes bastam.

Sobejamente conhecida é a guerra declarada, ou surda de Marcos Portugal a José Mauricio. A má vontade do musico português descarregou-se sobre Francisco Manoel envolvido o discipulo na antipatia pelo mestre. Refere Joaquim Manoel de Macedo ter Marcos Portugal, para tomar-lhe tempo de compôr, feito passar Francisco Manoel, musico da Capela Real, de violoncelista a violinista, em mudança de instrumento, de cordas, de posição de braço, de estudos, tudo a serviço de picuinha.

D. João VI, bem a pezar seu, se foi a Lisbôa. Marcos Portugal ficou no Rio de Janeiro para triste fim de vida a 18 de Fevereiro de 1830 descido a sepultura de pedra, no capitulo do mosteiro de Santo Antonio, quem tanto no mundo pavoneára.

O Primeiro Reinado, com o seu imperador compositor, instrumentista, não foi auspicioso para a musica, da mesma maneira a Regencia para melhor sobresaimento da epoca de D. João.

Advinda a Maioridade, as ciencias, letras e artes mereceram desvelo, e seus cultores a proteção de D. Pedro II.

Francisco Manoel, em madureza de idade e de experiencia, poude emfim encontrar ambiente para talento e produção. Não era de certo um desconhecido na cultura nacional, mas da Maioridade em diante se afirmaria mais e mais para que na obra do compositor o Hino Nacional fosse o sól.

A Independencia proclamada por um grito encontrou vozes na musica. Deu causa a hinos de sons tão gratos às expansões patrioticas:

D. Pedro I, o proclamador, deu musica ao seu feito, Marcos Portugal, mais para agradar ao principe que á nascente nação, tambem compoz hino da Independencia, servindo-se de letra de Evaristo da Veiga já aproveitada por D. Pedro.

Cumpre não esquecer que um moço de vinte e sete anos, idade propria para ardencia de entusiasmos, existia no Rio de Janeiro e conhecido como compositor.

Tal Francisco Manoel.

O hino de D. Pedro hoje sôa constantemente, o de Marcos Portugal calou-se de vez. Mas à Independencia falta um hino.

E' o de Francisco Manoel. Em torno da composição e da sua data cresceu por muito tempo floresta de duvidas, aos poucos e a espaços desbastada por pesquisadores, uns votados só a indagações historicas, outros dedicados propagadadores do valor de Francisco Manoel.

Não conhecemos quem no particular se avantaja a patricio nosso, Agostinho Dias Nunes de Almeida. Tempo, gastos, constancia no memorar, no despertar atenção publica ou privada, tudo isto Agostinho de Almeida tem empregado para exalçar ou fazer exalçar Francisco Manoel, sobretudo nas suas datas comemorativas. As pesquizas de Agostinho de Almeida, os seus achados autograficos ou não, as suas doações ao Museu da Cidade, não levando de vencida a ideia por varios e por tanto tempo esposada de ser o Hino Nacional composto por Francisco Manoel para Hino da Coroação de D. Pedro II, em Julho de 1841.

O Hino Nacional tinha dez anos quando o parlamento, pela nação desejosa de paz, dos quinze anos de D. Pedro II fez dezoito completos, maiorisando-o por subito suplemento de idade.

Manuscrito de Francisco Manoel e peça unica entregue à Biblioteca da Escola Nacional, por doação de D. Francisca Muniz Freire Teixeira, neta e afilhada de Francisco Manoel, mostra a parte vocal do Hino Nacional e a letra do mesmo levada à conta do estro do desembargador Ovidio Saraiva de Carvalho, para "Homenagem" ao Heroico — Dia 7 de Abril — (1831).

A peça tem cunho de certidão de idade. Alem disto, na seção rica de manuscritos da Biblioteca Nacional encontra-se papel de musica com o hino "A' Coroação" composto para a cerimonia de 18 de Julho de 1841. Traz letra de João José de Souza e Silva Rio, dizendo à tranquila:

"Negar de Pedro as virtudes,
Seu talento escurecer,
E' negar como é sublime
Da bella aurora o romper."

Ou isto, ou o trovejar de Saraiva de Carvalho:

"Os bronzes da tyrania
Já no Brasil não rouquejam.

Quando tais bronzes já não rourejavam, da tipografia Imperial de Seignot. — Plancher sahia opusculo intitulado *"Historia da Revolução do Brasil por Hum Membro da Camara dos Deputados.*

O representante da nação a esta dando conta da Abdicação dizia-lhe:

"Das sete para as oito horas da manhã, o General acompanhado do seu Estado Maior appareceo no Campo, onde depois das continencias do estilo leo na frente de cada hum Corpo, o Decreto pelo qual D. Pedro declarava haver abdicado na Pessoa de seu Augusto Filho; repetidos vivas ressoarão á *Nação Brasileira — á Constituição* — ao Senhor *D. Pedro II Imperador Constitucional* etc., que forão respondidos pelas Musicas com os harmoniosos sons do Hymno Nacional".

Seria admitida, ensaiada, tal musica se não fosse de compositor brasileiro? Basta o momento para bem explicar nativismo. As bandas sem duvida militares, executando o hino a 7 de Abril de 1831 o fariam sem antecedencia de ensaios pelo menos de horas? Dias antes da Abdicação não estava decretado, por qualquer fórma, o fim do Primeiro Reinado?

Descendo no tempo, considere-se a noticia de festa nautica-militar oferecida ao imperador menor e às suas irmãs D. Januaria e D. Francisca, pela fragata francêsa *Hercules*, na qual se achava o principe de Joinville, filho do rei Luis Felipe e futuro esposo de D. Francisca.

O *Jornal do Commercio* descreveu a festa, constante de exercicio de fogo, de manobras, de ataques simulados da marinhagem da *Hercules*. Fôra dividida para ataque e defesa, o primeiro desfechado da ilha adjacente á Quinta do Cajú, a defesa preparada nesta.

As simuladas operações bélicas desenvolveram-se á tarde e á noite, D. Pedro II veio da fragata para terra, "tomando grande interesse pelo divertimento a ponto de participar do combate ficticio.

O imperador, suas irmãs, seu sequito serviram-se de pequeno banquete disposto em pavilhão onde entremeiadas bandeiras auri-verde e tricolores.

Em seguida D. Pedro II e o principe de Joinville dirigiram-se ao palacete da Quinta da Boa Vista para o espetaculo de continuação noturna do combate simulado vespertino, o duplo espetaculo atraindo multidão de pé firme em terra ou posta sobre aguas em mais de duzentas embarcações.

Terminado o fogo, reuniram-se os *inimigos* para desfilarem duas vezes em continencia e de rumo á fragata *Hercules*. Desta a banda de musica, durante a festa, diz a noticia do *Jornal* de 1838, "tocou lindissimas peças de musica e entre ellas o hymno nacional, composto pelo Snr. Francisco Manoel da Silva, que foi executado com o maior primor".

A noticia de imprensa coeva é de peso, conferindo a Francisco Manoel a autoria do hino nacional, a imprensa da epoca muito sobria no comentar e muito cautelosa no noticiar, sem "os berros tipograficos" aos quais se referio Eça de Queiroz ironisando espalhafatos de noticiario ou reportagem.

O incipiente 1945, no seu 21 de Fevereiro, assinala o nascimento de Francisco Manoel ha cento e cincoenta anos. Dele o centenario natalicio ocorreu em 1895 sem homenagem devida. Não estavamos acostumados à celebração de centenarios como agora. A epoca na qual transcorreu a centuria natalicia do autor do Hino Nacional foi de guerra civil, de paixões obscurecedoras de memorias pacificas. Mas as dividas nacionais pagam-se sem prazo. Fique nestas linhas nossa contribuição de ceitil.

ESCRAGNOLLE DORIA

CENTENARIO E MEIO DE FRANCISCO MANOEL

NOS BASTIDORES FEMININOS

Seu rosto, minha amiga, reflete tôda a sua vida. E' êle quem revela o seu estado de saúde, o quanto você dormiu ,o quanto você fumou ou bebeu e o que você tem comido. Se você leva uma vida sem método o seu rosto se encarregará de revelá-lo ao mundo. Os principais requisitos, portanto, necessários à conquista de uma aparência bonita e agradável, são: saúde, ar puro, descanso, boa alimentação, limpeza e um "make-up" adequado..

E' fácil verificar o efeito que alguns minutos de descanso produzem sôbre o seu rosto; para isso basta que quando você se sinta fatigada se deite durante uma hora, cobrindo o rosto com uma camada de creme lubrificante. Também o sol e o ar puro exercem grande influência sôbre a beleza. Muitas vêzes só isso basta para dar uma aparência mais fresca e agradável a um rosto marcado pelo cansaço, provocado quer pelo excesso de trabalho, quer por noitadas de casinos, festas, etc. A beleza do seu rosto está tão intimamente ligada à sua saúde que negligenciar na última é prejudicar a primeira.

Compete à pele eliminar setenta por cento das impurezas do nosso organismo: é óbvio que uma pele limpa e sã pode fazê-lo em melhores condições do que uma pele cansada e doente.

Inclua na sua alimentação líquidos bastantes, principalmente leite e água, os quais facilitarão sobremaneira o trabalho de eliminação que toca à pele.

Frutas e legumes são também alimentos poderosos, que muito contribuem para a beleza da pele. A sua alimentação deve ter a mesma importância que você dá aos seus produtos de beleza.

Portanto, cuide da sua saúde e da sua alimentação, e lembre-se de que qualquer defeito da pele provém de um desarranjo do seu organismo, sendo então necessário não o uso de pomadas e cremes, mas ouvir a opinião de um bom médico.

Kitty.

DUSTY ANDERSON (Columbia)

Vestidinho de algodão x drez, com mangas japonezas e decote redondo. Nas mangas e no decóte, bordado inglez. O decote é franzido com uma tira de piqué que termina com um laço na frente. A sáia é franzida, com um bolso de cada lado, tambem arrematados por bordado inglez.

E' ainda Tereza Wright quem nos apresenta este vestido de verão, feito em linho ou shantung areia, com aplicações do mesmo tecido em vermelho ou azul vivo. A sáia é franzida e ligada à blusa por um largo cinto pespontado sobre uma e outra.

Gracioso, sem dúvida, é este avental que nos apresenta a deliciosa miss Wright, feito em algodão estampado, enfeitado com rendinha branca. A parte superior em forma de coração. Sáia franzida, grandes bolsos na mesma

Moda Juvenil

BÔA CONDUTA...

Conto de **Harrison Leam**

Não havia outra coisa a fazer. Se ainda restava algum resquicio de "sense of humour" nêle, era melhor aproveitá-lo e rir. Assim, os transeuntes que desciam àquela hora a rua, passaram para olhar para aquele rapaz alto, bem parecido, que, repentinamente, estoirara na mais fraca das gargalhadas. De repente, êle sentiu no ombro a mão de um policial:

— Que há, meu amigo?

Ele olhou para o representante da lei e sorriu.

— Nada, meu amigo. Um caso leve de histeria...

O policial levantou as sobrancelhas e refletiu se não seria o caso de mandá-lo dar um passeio pelo hospício, mas o rapaz parecia sómente um tanto nervoso. Deixou-o ir em paz.

Em casa, ninguem lhe fez perguntas. Ele subiu para o quarto e disse:

— Não quero jantar.

Mrs. Trueman compreendeu que não conseguira o emprego. Afinal de contas, não haveria de ser uma tragédia. O pai poderia arranjar-lhe outro, com facilidade. E' verdade que êle, há muito tempo vinha cobiçando aquela posição. Era, de fáto, um golpe. Mas quê fazer? Era melhor conformar-se? De nada serviria ficar triste e amolado. Por outro lado, ela se espantava de vê-lo recusado. Ele era inteligente. Tinha todos os requisitos., um moço ordeiro, bem educado... Mal sabia ela que, na folha corrida do nosso amigo, constava uma prisão e que esta prisão era a causa da perda do emprêgo. Acontecera no Carnaval... Muitas coisas acontecem no Carnaval, sobretudo quando os habitantes da pequena cidade de New Orleans ingerem uma quantidade indevida de uisque. Entretanto, não fora êste o caso. Paul era rigorosamente abstêmio. Nunca tocava em alcool. Como, então?

Bem, isso já é outra história, como diria o velho Kipling. Mas como é essa outra história que nos interessa, vamos a ela.

—

Tudo começou quando a moça disse uma graçola. Paul ia descendo a rua, espiando o movimento, quando a moça disse o gracejo. Ele, como rapaz sério, não lhe deu ouvidos. Mas ela repetiu:

— Tão grande, tão bonito e tão bobo!

Ele sentiu o sangue correr para a cabeça, e imaginou-se corado. A jovem soltou uma gargalhada.

— Olha só como ele fica bonitinho assim todo vermelhinho!

Urgia ação urgente e decisiva. Era preciso que ela aprendesse que êle era sério, mas não tolo ,e que, se uma mulher o provocasse... bem, êle agiria como tôdo o homem. Mas, acontece que êle não sabia que seria mais do que outro homem, porque um timido, quando perde as estribeiras, é pior do que qualquer audacioso. Os audaciosos são, em geral, covardes. Recolhem-se ao primeiro obstáculo, ao primeiro olhar mais severo. Os timidos, entretanto, uma vez abandonada a timidez, não veem mais nada e vão, por assim dizer, até o fim da linha.

A reflexão fechara-lhe a fisionomia. A moça notando isso exclamou:

— Feio! Assim não gosto. Sorria!

Ele encarou-a pela primeira vez. Era mais do que bonita, era o que os rapazes americanos chamam, com toda a razão, "um bom prato". Sem pensar nem mais um instante, agarrou-a pelo braço e puxou-a para si.

— Oba! Olha como êle é forte! Que é isso, meu meu bem? Quer bancar o Tarzan? Cadê o grito? Yoioôôô!

Sem responder, êle apertou-a mais ainda.

— Puxa! Olhem só que o timido me saiu melhor do que a encomenda!

Ainda dessa vez, não deu resposta. Levou-a para um café que havia perto, escolheu uma mesa, e fê-la sentar-se. Era um reservado. Fechou a cortina e virou-se para ela:

— Agora, vamos: Que é que Você está querendo? Está me achando bonito, é?

Ela fez um muchocho gracioso e disse:

— Tô, moço valente!

— Então é isso que você quer!

E antes que ela protestasse, tapou-lhe a boca com um beijo cinematográfico.

— Ufff! Comentou ela, quando se separaram. Eu retiro o que disse, você não é brincadeira!

Mas, nesse instante, um demoniozinho malicioso murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. E ela não resistiu. Avistara, lá no fundo do café, Jerry Ralston e teve uma idéia. Piscou para Jerry e ele se aproximou para ouvir o que ela dissesse. Quando já estava suficientemente perto ela falou bem alto:

— Meu Deus!

— Que foi? perguntou Paul.

— Meu marido que vem ai com uma cara de féra!

Paul sobressaltou-se. Tôda aquela ferocidade desapareceu. E o rapaz timido retomou o seu lugar. Absolutamente não estava habituado a lidar com maridos furiosos. Não sabia nem como começar...

— O senhor aí!

A voz era truculenta. Paul virou-se.

— Que é que ha?

— Que é que o snr. está pensando? Pensa que pode tomar confiança com a mulher dos outros?

— Quem é que é sua mulher?

— Essa dama que está ao seu lado!

Paul deu uma olhadela com o rabo dos olhos para a moça e viu que ela assumira, para salvar-se, uma atitude de pudor ofendido.

— Oh!

Um furor tremendo agitou o nosso heroi. Afinal de contas, êle, um rapaz sério, que estava calmamente dando o seu passeiozinho...

— Ora bolas, cavalheiro! O sr. e sua mulher podem ir pentear macacos no Senegal!

Ela aproveitou a deixa e fez novamente:

— Oh!

Um guarda ia passando. As ruas são bem policiadas em dias de Carnaval...

— Que é que há?

Jerry explicou:

— Este camarada aqui estava importunando esta senhora!

O policial não quis ouvir mais nada. Minutos mais tarde Paul ia como um pocesso, batendo nas grades do carro policial passar a noite menos confortavel de sua vida, numa cela mais cheia do que uma lata de sardinha nos bons tempos em que as latas de sardinha continham mais sardinhas do que massa de tomate. Hoje é ao contrário.

—

Paul não quis jantar. Mas Mrs. Trueman, que o conhecia, sabia que, quando estava "emburrado", só ela conseguia que ele fizesse alguma coisa. Foi vê-lo.

— Tome! Eu trouxe para você um jantarzinho cutuba!

— Não quero!

— Bobagem meu filho, só porque não arranjou o emprêgo está assim! Isso acontece...

— Não quero!

(Continua na pág. 37)

ARRANHA-CEUS E OUTROS FLAGRANTES PAULISTANOS

O EDIFÍCIO MARTINELLI "DESBANCADO" PELO BANCO DO ESTADO — COMO SE COME EM SÃO PAULO! — A RUA DIREITA EM 1860 E 1945 — OUTROS ASPECTOS BANDEIRANTES

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

Fotos de A. Vieira

A RUA DIREITA EM 1860. — Era assim, há oitenta e cinco anos passados, a grande artéria da capital bandeirante. A reconstituição, obedecendo a investigações históricas do prof. Affonso Taunay, foi feita por A. Canella, encontrando-se êsse quadro no Museu do Ipiranga. Tipo exato da ruazinha de aldeia, com o carro de bois carregado de lenha, arrastando-se por entre os sobradinhos coloniais...

O mal está na dificuldade de viajar, mesmo do Brasil para o Brasil. Já de si mesmo pouco dado a excursionista, o carioca é quem menos conhece a sua terra. Quando muito, resolve tirar uma vez por ano seus dias de férias e sobe a primeira serra ou vai beber água na montanha mineira, tendo o cuidado de obedecer aos mais comesinhos princípios de rotina. Quem, uma vez, experimentou São Lourenço fica sendo fã de São Lourenço e adquire um princípio de bairrismo em favor da estância que visitou primeiro. Há então os fãs de Cambuquira, os de Caxambú, os de Lambari. Ultimamente, apareceram os adeptos das águas de São Pedro, que estão ficando muito em moda.

COMO COMEM! — A cada passo, em plena avenida São João, deparam-se as casas especialistas de guloseimas — salgadinhos, massas italianas e salsicharias, coisas que o paulista vai devorando para não perder tempo no almôço. Esta vitrine de frios parece montra de joalheria...

Isso acontece uma vez por ano. Fora do período de férias, é preciso ter muita necessidade de viajar para um carioca tirar-se de seus cuidados, deixar de frequentar o seu cinema de bairro — zona norte, Metro-Tijuca; zona sul, Metro-Copacabana, e pronto, acabou-se — para ir conhecer outros pedaços do seu Brasil. E aí está o verdadeiro motivo porque o carioca tanto se espanta quando vem a São Paulo pela primeira vez, ou quando desembarca na estação do Norte depois de uma longa ausência, cinco, dez ou quinze anos. Neste último caso, encontra tudo muito diferente e espanta-se, pois não sabia da existência de tantas casas tão altas e continuava pensando que São Paulo estava ainda reduzido às proporções centrais do Triângulo. Houve tempo que os próprios paulistas, aí no Rio, definiam a capital bandeirante como uma grande área de terra, cheia de fábricas nos bairros proletários, tendo, no centro, as três ruas que se davam as mãos fraternalmente: Direita, São Bento e 15 de Novembro. Nas imediações, o Largo da Sé, a Praça do Patriarca, um pouco afastado o Largo de São Francisco com as habituais correrias provocadas pelos estudantes em dia de comício, quando havia comício, é claro. E pronto. O turista, que nem sempre era turista mas um simples homem de negócios, aboletava-se no velho Hotel do Oeste e não precisava ir mais longe para ficar conhecendo São Paulo como as palminhas das mãos. Quando muito, dava uma descida pela avenida São João, parava na Praça dos Correios, fazia outro hiato no Largo da Paisandú, muito duvidoso nessa época, e subia novamente, pressuroso, porque se afastava por demais do famoso Triângulo.

E o carioca voltava para o Rio sem conhecer mais coisa alguma da terra de Piratininga, estranhando a ausência das moças bonitas nas artérias centrais e protestando contra a falta de melhores cafés, onde, a trôco da "saborosa rubiácea", desse repouso às palmilhas dos sapatos depois de alguns sobe-e-desce ladeiras e conversasse meia hora da política, dos negócios recém-concluidos e de outras banalidades sem maior importância.

Mas como está diferente São Paulo dêstes dias! Quem não o tiver visitado por espaço de meio ano corre o risco de perder o ponto de referência, até porque o edifício Martinelli foi destituido da honrosa categoria de prédio mais alto da cidade. Lá está, por detrás, estrategicamente colocado na parte mais alta da Avenida São João, o Banco do Estado, com seus trinta e seis andares fora os quebrados que são os mirantes da sua grande cúpula. Um prédio de tal estatura que à noite, enquanto inacabado, permanece cautelosamente iluminado de lâmpadas vermelhas, feitas guirlandas, como advertência aos pilotos noturnos. E se a ausência do velho amigo carioca se estendeu a mais de seis meses, para entrar no espaço de um ou dois anos, então São Paulo será uma contínua caixa de surprêsas para êle. As avenidas novas e espaçosas, que nos deslumbram aí no Rio, também aqui se encontram. Não é preciso conhecer a 9 de Julho, um pouco afastada do centro, porque cruzando a São João, pouco além do Largo de Paisandú cujas imediações hoje se transformaram numa autêntica Cinelândia Paulistana, aqui está a Avenida Ipiranga, escancarada e imensa de largura, prometendo estender-se até não sabemos onde, com um hotel de vinte e três andares, tendo, na parte térrea, um arrojado cinematógrafo, o Ipiranga. E de cada lado, mais edifícios ciclópicos, mais cinemas em construção, mais hotéis e restaurantes de luxo, tudo situado em terrenos onde, outrora, existiam casebres e construções que não iam muito além da denominação de barracões.

Que dizer então de Avenida Brasil, abrangendo tôda a largura do velho Parque Anhanga-

A RUA DIREITA EM 1945. — Um aspecto atual da mesma e grande artéria de São Paulo, feito da sacada de um prédio na esquina da praça da Sé, abrangendo apenas um trecho da rua Direita, que, por sinal, como invariavelmente acontece, não é positivamente direita. Nesse pedaço é que menos se tem feito sentir a mudança fisionômica da cidade, tão pronunciada em outros trechos. Oitenta e cinco anos depois... Que diferença!

baú, vindo do lado esquerdo da metrópole, lá do Pacaembú e do Jardim América, prometendo arrazar tôdas as construções primitivas da rua Libero Badaró, da Praça dos Correios e ir sempre adiante, larga e imensa, rumo à face direita de São Paulo!

E' preciso avistar em conjunto o panorama desta gigantesca cidade do tôpo do novo edifício do Banco do Estado, ou mesmo da "terrasse" do Martinelli para sentir o efeito coletivo da obra monstro dos paulistas, neste momento levada a curso. O próprio viaduto do Chá perdeu a sua feição imponente, porque tudo, em volta, não é menos imponente. E para onde se encaminhem nossos passos, rumo aos bairros residenciais ou recuando para o perímetro de comércio, a zona bancária, os setores de indústria, tudo é assim, surpreendentemente grande, moderno e como que feito para nos deslumbrar a vista.

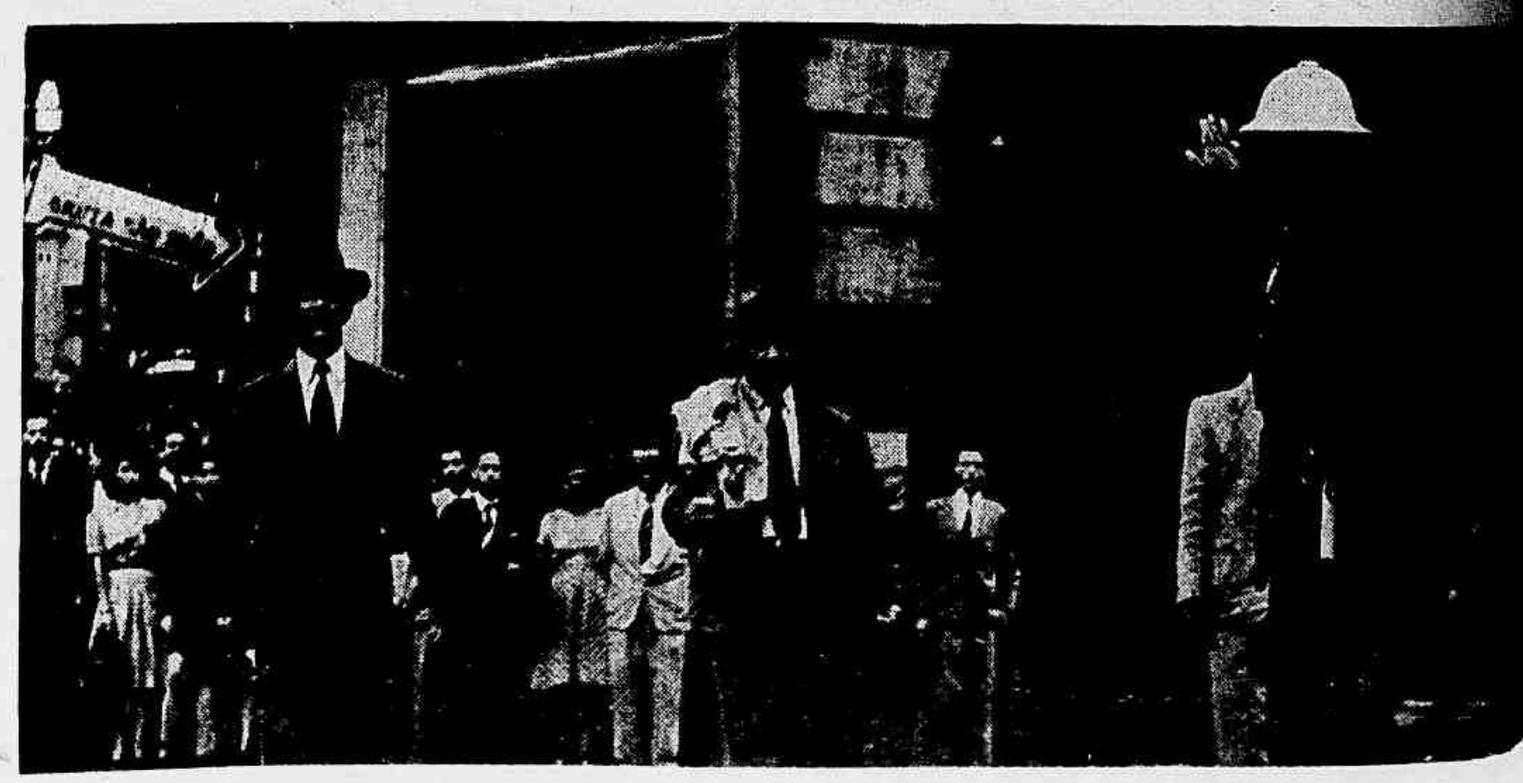
De resto, São Paulo está, hoje, formidavelmente enriquecida de excelentes construções residenciais. Os Jardins Europa e América, o novíssimo Pacaembú, sem falar no estádio que hoje é considerado insuficiente e diminuto, Higienópolis, e mesmo sem aludir aos palácios da Avenida Paulista, possuem muito maior número de casas luxuosas, cujas construções arquitetônicas embelezam a cidade de maneira admirável, muito maior número, dizíamos, que o nosso Rio. A febre dos arranha-céos restringe-se ao perímetro central. Aparentemente, pelo menos, o paulista não gosta muito de dormir em casas de apartamentos, preferindo construir sua residência própria, quando tem recursos, num dêsses aprazíveis bairros afastados da zona comercial por quinze ou vinte minutos de ônibus. Já no Rio, os arranha-céus residenciais distribuem-se pelos arrabaldes, tomando o espaço das primitivas casas apalacetadas e ajardinadas que vão desaparecendo, enquanto aqui, em São Paulo, vão repontando em proporções notáveis.

◆

Se é fato que o carioca sente a falta do mar e das montanhas, dentro dos contornos geográficos da metrópole bandeirante, não é menos verdadeiro que se entusiasma com o progresso da capital vizinha. Hábitos e costumes daqui di-

OBEDIÊNCIA AOS INSPETORES DO TRANSITO. — Não é só durante a Semana do Trânsito que o povo obedece às determinações dos inspetores de tráfego. Nas encruzilhadas de maior movimento, como na avenida São João e rua Libero Badaró, existe um serviço magnífico de sinaleiros. E os pedestres aguardam, pacientemente, o sinal de avanço, deixando a rua entregue aos carros e aos guardas.

— "CAVALHEIRO, QUEIRA VOLTAR, POR FAVOR!" — Si algum transeunte, desconhecedor das instruções locais, insiste em atravessar a rua com o sinal fechado, perde o tempo. Surge-lhe à frente o inspetor, de mão espalmada, obrigando-o a retroceder. De resto, os guardas agem com absoluta cordura, prontificando-se a dar ali mesmo qualquer instrução ao turista ignorante das leis de trânsito.



vergem totalmente dos nossos. Continuamos encontrando racionado o desfile feminino elegante pelas ruas do centro. Dir-se-ia que a mulher elegante paulista abstem-se de maiores promiscuidades. E acresce que as ruas andam lotadas de homens apressados, que dão encontrões sem pedir desculpas, abarrotam os "camarões", entram nas filas com caras de poucos amigos e devoram alguns "sandwiches", de pé, na primeira salsicharia da Avenida São João, ingerindo em seguida um expresso, tudo a galope, realmente expresso, para não perder um bom negócio mais adiante. Come-se muito em São Paulo, come-se bem, mas sem vagar. E no entanto, a cidade está ganhando o que lhe faltava: alguns excelentes restaurantes, onde, por sinal, os preços do "menu" atingem cifras quase das proporções dos seus mais altos edifícios.

Mas para conhecer São Paulo é preciso encontrar um bom guia ou então munir-se o visitante de um vademecum razoável. As damas elegantes têm seus pontos de encontro obrigatórios, dias e horas previamente designados, quase nada se fazendo de improviso. E os chás do "magazin" de luxo continuam atraindo a granfinagem da terra onde menos se toma chá e mais se trabalha. Isso não impede que as filas dos inúteis tomem de assalto as calçadas da rua Direita a certas horas da tarde, tal como acontece na Cinelândia carioca. E não sabemos, mas por fôrça há de existir a falange dos Inocentes da Rua Direita, como temos, aí no Rio, os Inocentes do Leblon ou dos cinemas de maior luxo na rua do Passeio e adjacências.

A formação da Cinelândia paulistana é outra novidade para o visitante depois de longa ausência. Tem São Paulo os cinemas de mais arrojadas fachadas que o Brasil possui: Ipiranga, Ufa Palácio, Ópera, Ritz, Bandeirantes, sem falar de outros que já estão passando de moda. E' verdade que os teatros não evolveram, mas o mesmo sucede na capital da República. Cinema continua sendo um maravilhoso empate de capital, apesar dos "trusts" de exibidores, tão reais no Rio como em São Paulo.

Mas aqui os esportes absorvem a melhor parte das atenções da terra. E' preciso acompanhar o movimento de São Paulo num domingo, para encontrar entre os dois maiores rais do futebol de São Paulo e o Palmeiras, para sentir as reações desta massa eminentemente futebolística, ultimamente esportiva. Famílias inteiras vêm-se para o estádio de Pacaembú, carregando embrulhos com tôda a sorte de iguarias. Os pobres homens do estádio hão de ter um afanoso e incrível, terminado o jôgo, para as arquibancadas onde, frequentemente, estalam cem mil torcedores de ambos os sexos.

O mesmo obsessão pelo futebol faz sentir-se também no centro. Também aqui deparamos com um ponto onde se reunem os campeões da pelota. Em vez do dentifrício de mestre Leonidas é uma ação permanente para as morenas sestrosas que passam e repassam no bar da esquina da rua José de Barros, mais para marcar o olhar do "Diamante Negro" que para esticar o giro.

São Paulo trabalha brutalmente de manhã à noite. Suplício das filas, que nos tornam as cobertas no Anhangabaú e na Praça da Sé, terminadas suas obrigações, São Paulo namente carioca, tomando de assalto onde os grandes filmes se exibem antes do Rio e namoriscando as escassas morenas, mesmo quando não aspiram a um café ou um sorriso de Leonidas.

♦

E quando desfilam, têm que suportar os galanteios sempre muito delicados. Como na Cinelândia da Avenida Atlântica. Não faz muitos anos um rapaz elegante suspirava para a garçoner que saía para o almôço:

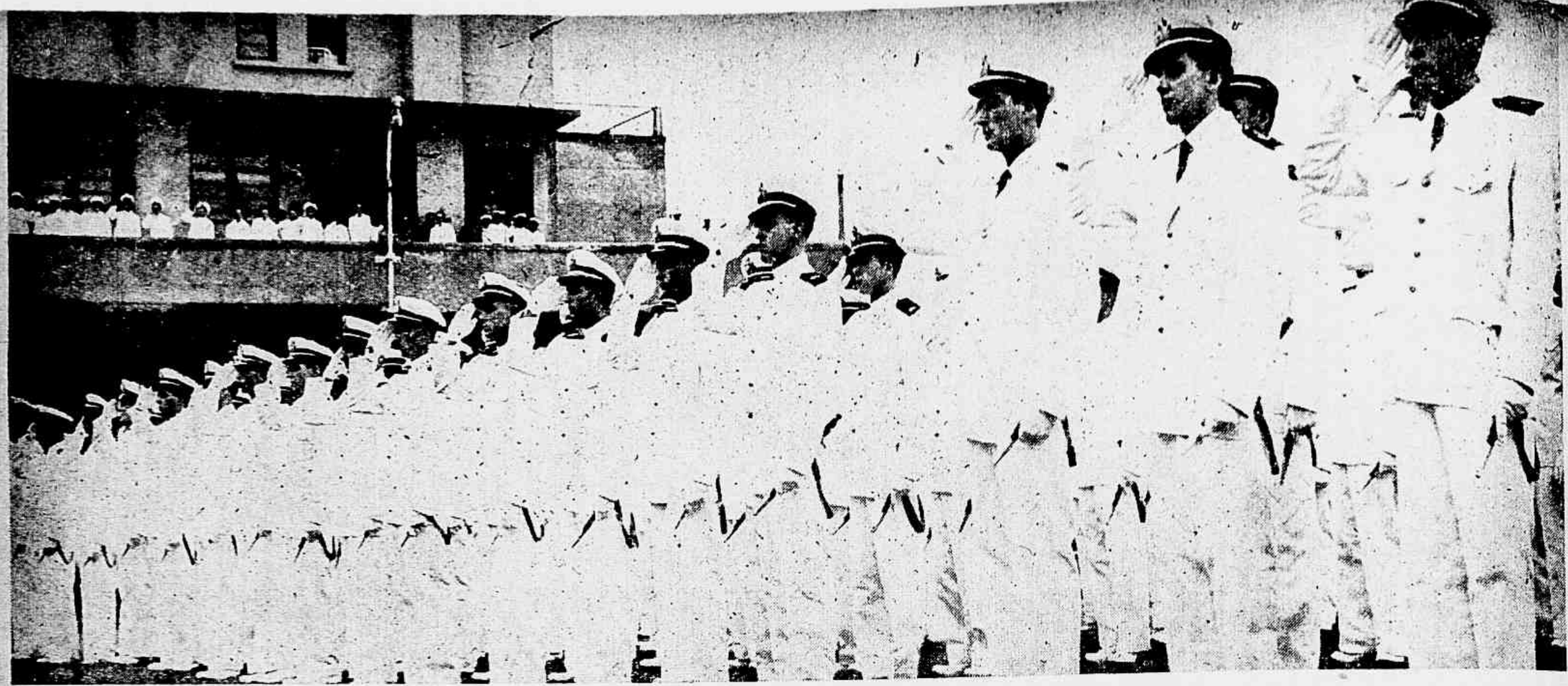
— Cafetão!...

E noutra vez:

— Quer uma espuminha, meu bem?

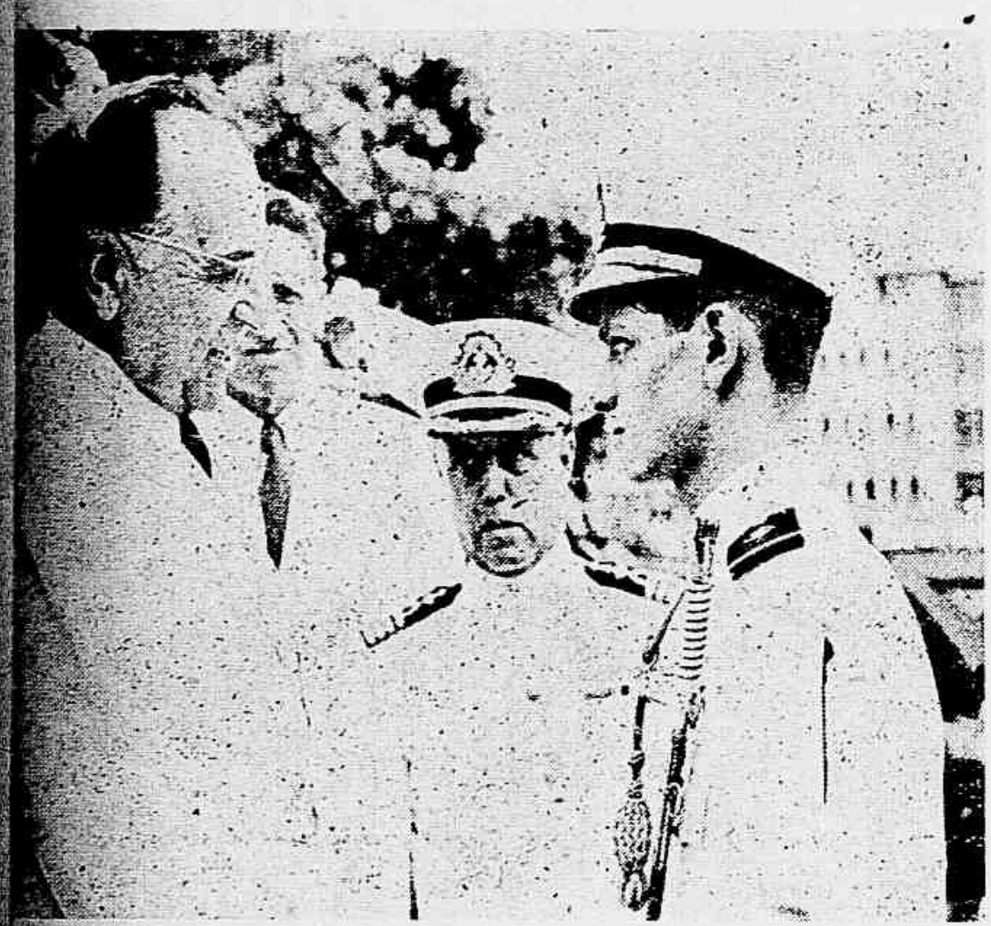
E assim, bem traduzida, quer dizer: um cinema, volta de ônibus e um "flirt", dos bons, em suma...

SÃO PAULO, A CICLÓPICA! — O edifício Martinelli foi desbancado. Por pares de anos, servia de ponto de referência para o visitante da capital paulista. Mas os tempos passam e "quem mais alto se levanta". Levantou-se exatamente atrás do Martinelli o Banco do Estado de São Paulo, com seus seis andares, "abafando" por completo o antigo maior arranha-céo. Na gravura superior da esquerda, o Banco aparece lá no alto da avenida São João. O aspecto foi batido na esquina da rua Libero Badaró, onde o Central chefia o seu importante serviço de trânsito. Em baixo, outro documentário do cruzamento das ruas, que é aberto e os pedestres tratam de passar para o outro lado, sem receiar nenhum carro inesperado ou uma bicicleta traiçoeira. Na gravura em frente, um sugestivo efeito do prédio do Banco do Estado, obtido da janela do Hotel São Bento, instalado no Edifício Martinelli.



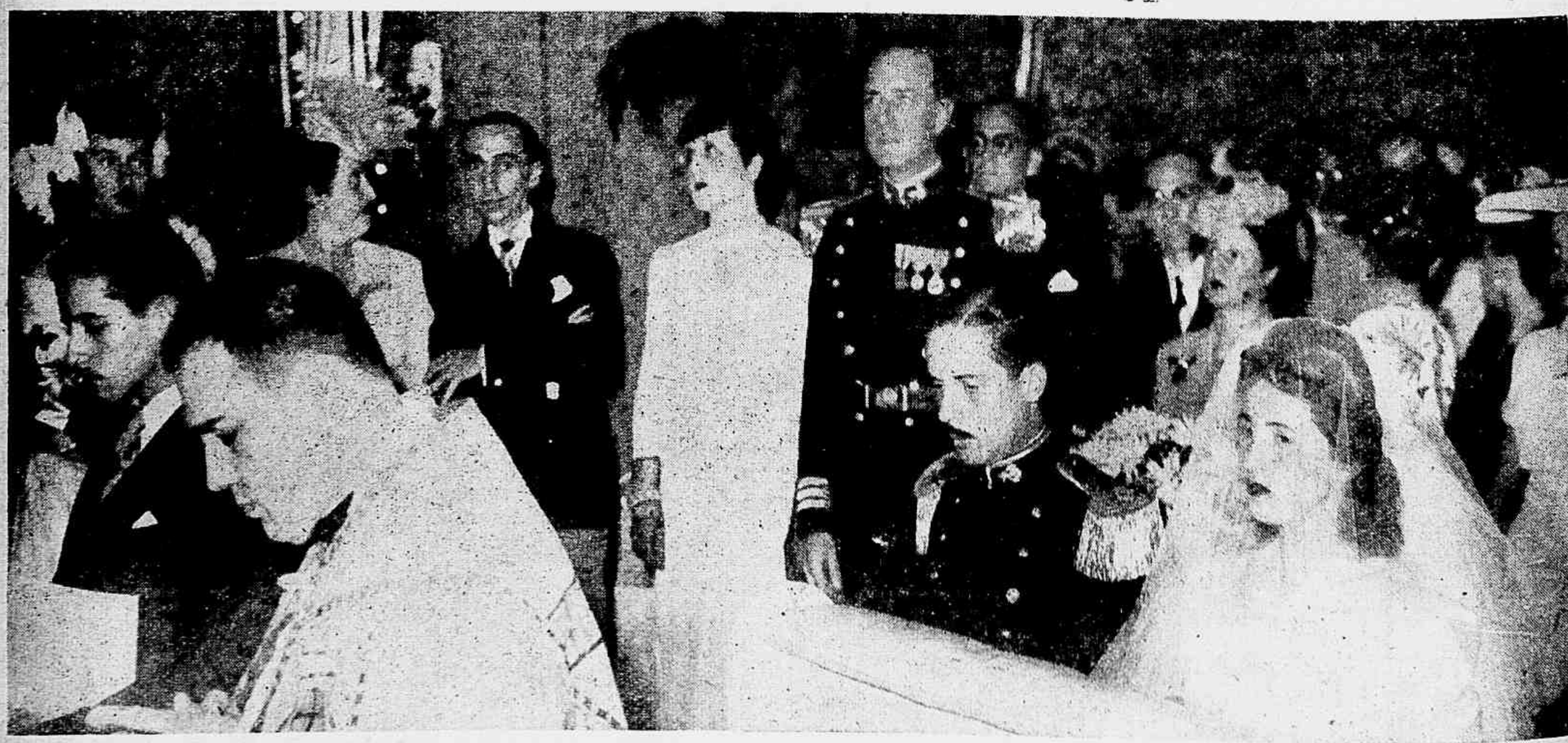
Dois aspectos da solenidade de declaração dos novos guardas-marinhas, vendo-se ao alto, em continência à bandeira, os alunos que terminaram o curso da Escola Naval êste ano. Em baixo, flagrante colhido durante a cerimônia, onde aparece o Presidente Getulio Vargas entregando a espada oferecida pelo interventor Amaral Peixoto ao guarda-marinha Joaquim Caracciolo Peixoto de Azevedo, classificado como o primeiro aluno da turma. Simultaneamente com a espada, o novo guarda-marinha recebeu outros prêmios, pelo brilhantismo com que se desenvolveu o seu curso de oficial.

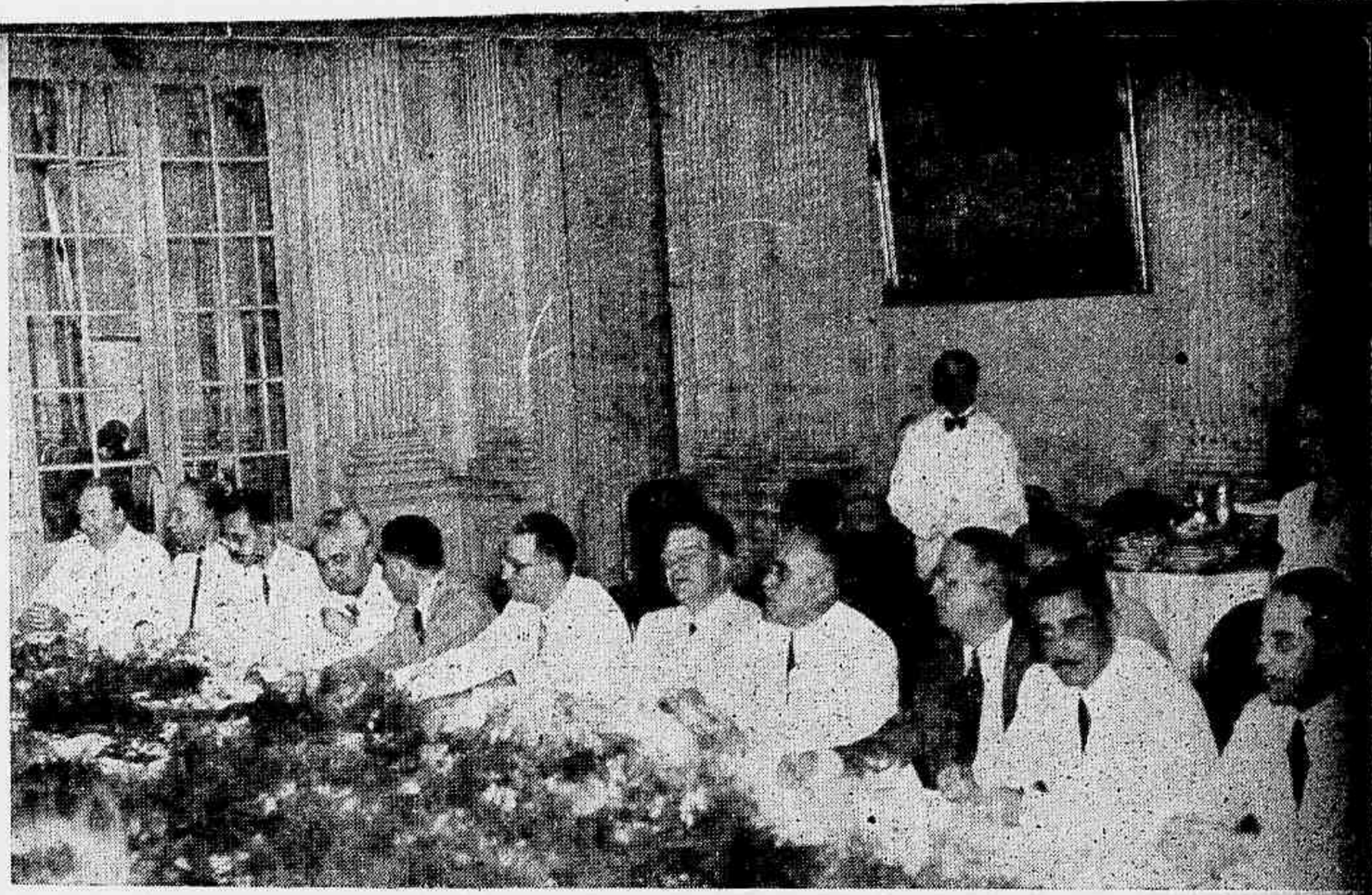
FIGURAS E FATOS



Consorciaram-se, no dia 3 do corrente, na igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, a senhorita Lucia Eleonora Xavier, filha do dr. Rafael Xavier e de d. Noemia Xavier, e o 1.º tenente da Armada Brasileira, Ayrton Augusto Lobo de Carvalho, filho do sr. José Pereira de Carvalho e de sua espôsa sra. Graziela de Carvalho. Na foto abaixo um aspecto da cerimônia religiosa.

NO RECOLHIMENTO DE ÓRFÃOS. — Flagrante apanhado durante a última festa realizada no Recolhimento de Órfãos da Santa Casa de Misericórdia, nesta capital, instituição que vem prestando os melhores serviços à coletividade.

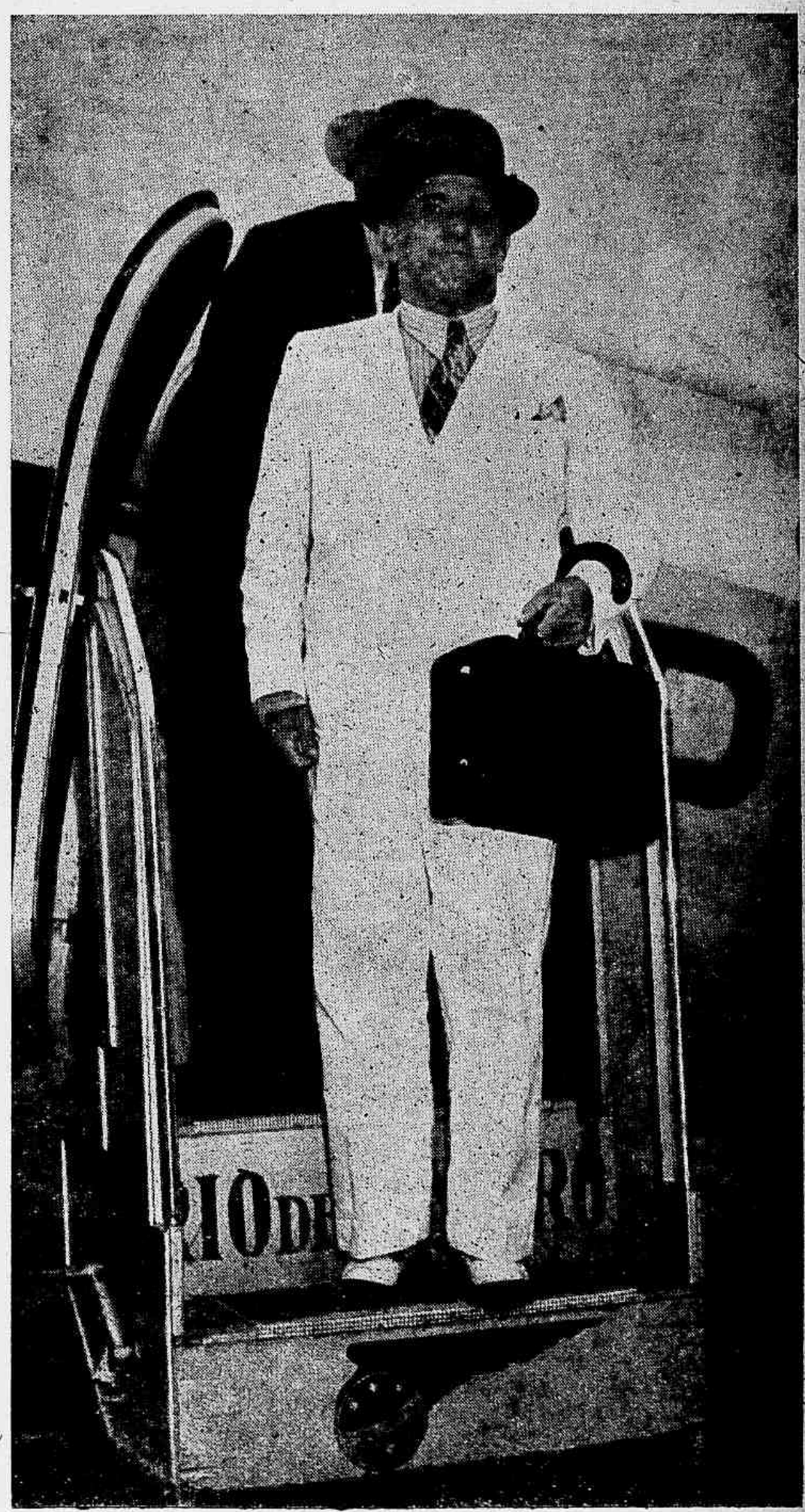




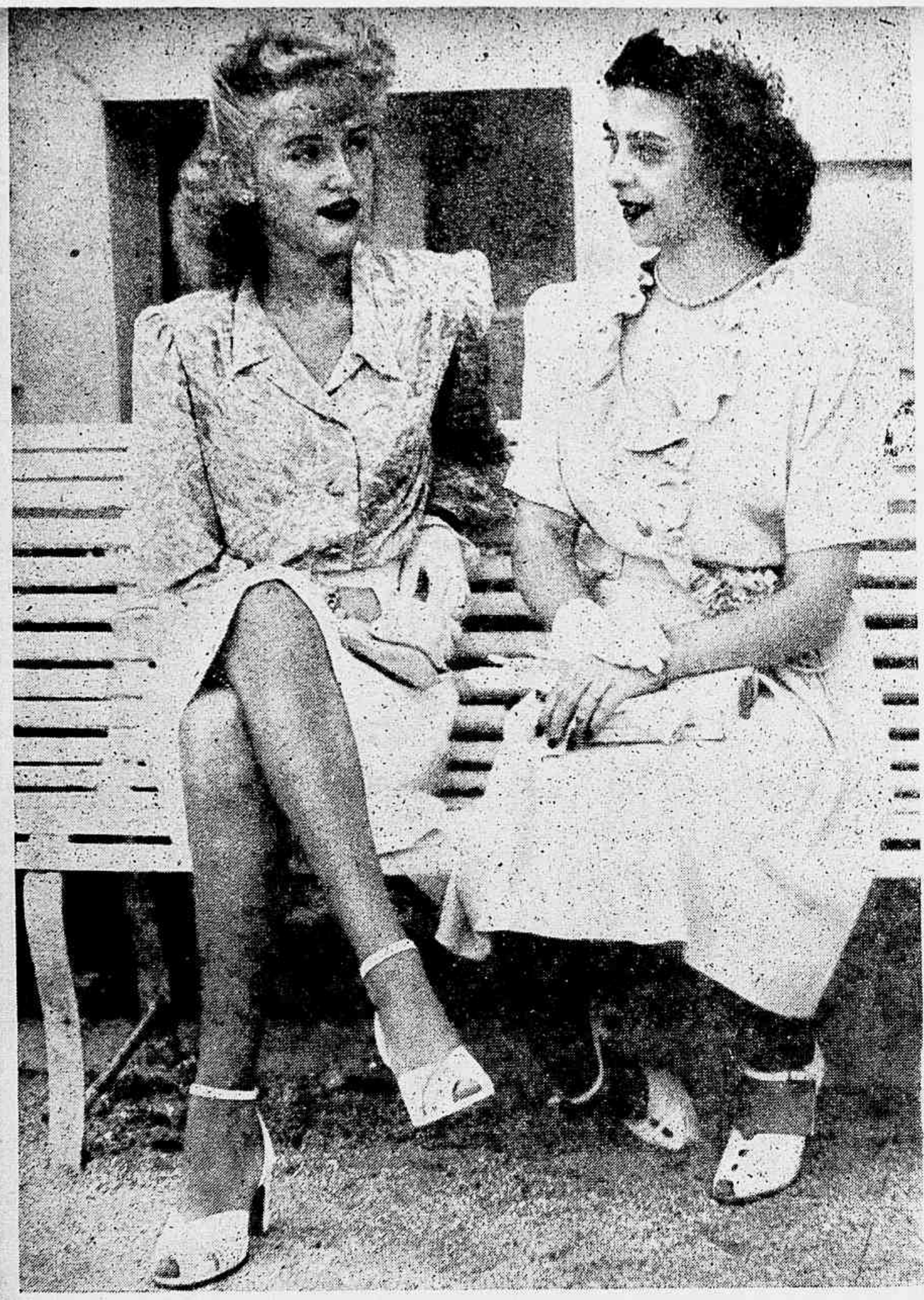
O PRESIDENTE DO ROTARY INTERNACIONAL NO RIO.— Esteve de passagem pelo Rio de Janeiro, completando uma viagem de inspeção aos Rotarys Clubs da América Latina, o sr. Richard H. Wells, presidente do Rotary Internacional. O ilustre viajante, recebido no Aeroporto por grande número de admiradores e associados do grande clube que preside, recebeu em nossa cidade as mais inequívocas demonstrações de simpatia e solidariedade. Uma das mais significativas homenagens prestadas no Rio ao sr. Richard H. Wells foi por certo o almôço rotário, que teve lugar a 7 do corrente. Entre os rotarianos ilustres que tomaram parte no ágape, destacamos os srs. dr. J. G. Pacheco de Aragão, presidente do Rotary Club do Rio de Janeiro, dr. Murtinho Nobre de Melo, ministro Barros Barreto, dr. Carlos Rocha, Carlos Brandão de Oliveira, dr. Waldemar Luz, dr. Carlos Luz, dr. Paulo Martins e A. Bezerra Cavalcanti. São desta brilhante festa de homenagem os flagrantes que acima reproduzimos.

O aspirante Euclides de Souza, agora formado pelo C. P. O. R. da Capital Federal, recebeu naquela escola de preparação militar um dos seus mais altos prêmios, a medalha "Correia Lima", recompensa difícil de ser obtida por um aluno de Cavalaria, tão rigorosos são os inúmeros requisitos que devem ser satisfeitos para um aspirante merecê-la, tais como conclusão de todo o curso com média final superior a 8, não ter nenhum grau abaixo de 6 em nenhuma das matérias, não ter sofrido qualquer punição, reprovação ou falta etc. Esta é a 2.ª vez que um aspirante de Cavalaria saído do C. P. O. R. é distinguido com tão preciosa relíquia.

INTERVENTOR MAGALHAES BARATA. — Encontra-se nesta capital o sr. coronel Magalhães Barata, interventor federal no Estado do Pará. Recebido por muitos amigos e conterrâneos, quando de sua chegada ao Aeroporto Santos Dumont, o eminente patrício, figura de relêvo nos meios civís e militares, tem sido muito homenageado. Este flagrante foi tomado quando s. excia. desembarcava do avião em que viajou.

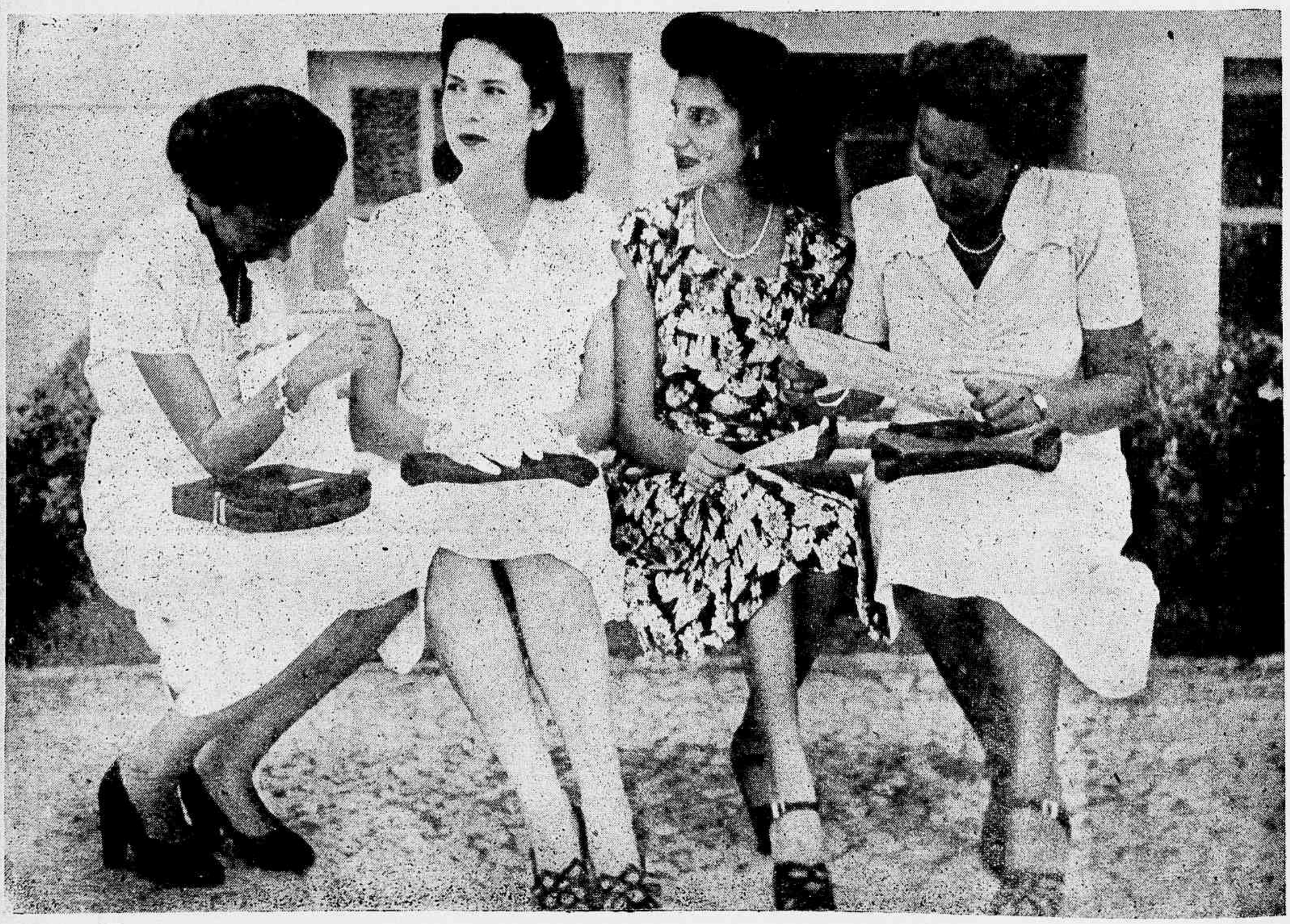


Aspecto da recepção do general Fulgencio Batista, ex-presidente de Cuba, aos taquígrafos brasileiros, tomado quando o professor Oscar Diniz Magalhães, diretor da Federação Taquigráfica Brasileira, saudava o ilustre estadista em nome de seus colegas.



JOCKEY CLUB MUNDANO

Pelas três fotografias que estampamos nesta página, o leitor pode ter uma idéia do sucesso alcançado pelos domingos turfísticos do Jockey Club Brasileiro como acontecimento social. No Hipódromo da Gávea, reune-se assim, tôdas as semanas, uma sociedade fina e homogênea, para aplaudir os sensacionais páreos que ali se desenrolam.



Coisas do Brasil

Em Goiaz: — Os rios desconhecidos se estendem, encachoeirados e misteriosos, serpenteando através da ramaria murmurante das florestas cerradas. As águas revôltas, traidoras, profundas, guardam no seu leito arenoso o cascalho multicolorido e áspero, onde se esconde, misturando o seu brilho leitoso e primitivo à opacidade dos minerais pobres, os diamantes magníficos, somando tesouros incomensuráveis, ocultos sob a correnteza.

A paisagem serena observa o trabalho da ambição humana. Nem um casebre em tôrno. A floresta agressiva e virgem dos golpes do machado se eleva nas margens selvagens do rio misterioso. A beleza sombria do ambiente, faz lembrar o eden primitivo, onde tudo era repouso e serenidade. Mas ali está presente o homem, rasgando o véo do desconhecido, bandeirante audaz correndo atrás dos tesouros fabulosos que a sua ambição adivinha, sob o curso manso das águas.

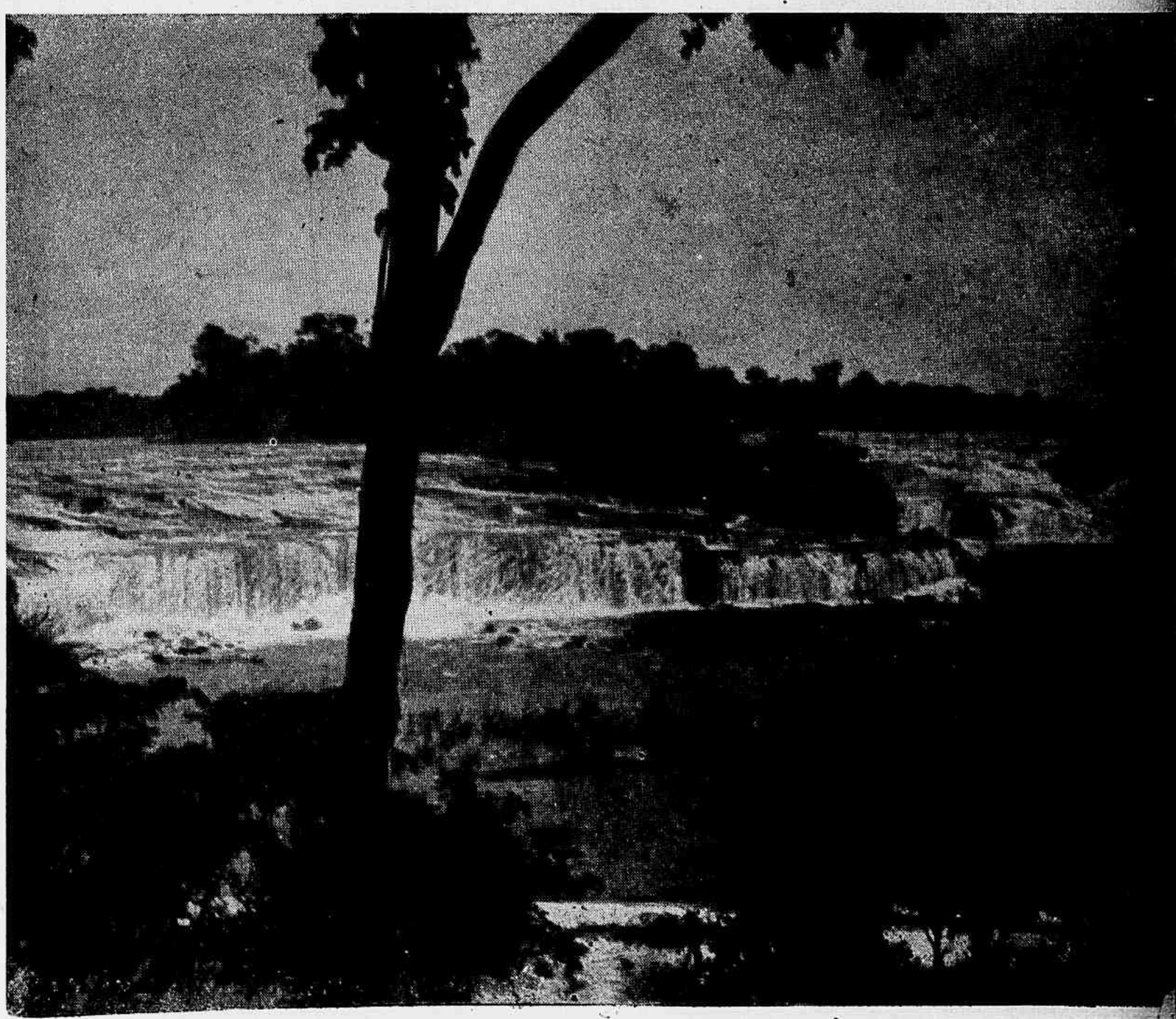
O escafandrista se prepara, dentro da sua armadura impermeável, para descer ao fundo do rio, na faina ingrata e perigosa de retirar os tesouros, que a natureza ocultou sob a linfa cristalina.

E entre lutas e asares, perdido no meio da selva espêssa, longe da civilização, desligado do mundo, êle ali está, presente sempre, na luta diária e exaustiva, heróica e arrojada.

E' êle, sem o saber, o próprio símbolo da gente brasileira, retirando, à custa de suor e sacrifício, de heroismo e bravura, do seio da natureza agreste, os tesouros que hão de talvez decorar côrtes.

Mas além, além ainda do trabalho dêste escafandrista está o desconhecido, as florestas e cachoeiras ainda não varejadas pela ambição humana

E as cachoeiras, dominando a beleza tôsca e virgem das florestas, lançam aos céos o seu murmúrio bravio, à espera de novos lutadores, que venham devassar os seus segredos e recolher os seus tesouros



K Ó S T I A

I

Os outros garotos não gostavam do pequeno Kóstia, que era mole, tinha o rosto transparente e usava sempre seus cachos castanhos despenteados... Não, não gostavam dêle.

Por que?

Certamente devido à mesma causa por que os maiores não gostam dos menores semelhantes a Kóstia, pensativo e de olhos claros. Um e outro grupo se diferenciam apenas pela idade; contudo a antipatia subsiste...

Quase todos os meninos repeliam igualmente Kóstia; quando se aproximava de um grupo de meninos e meninas, um grito uníssono era ouvido:

— Cai fora! Pira daqui, que não gostamos de ti!

Depois de permanecer um instante junto dêles, suspirava e experimentava puxar conversa, começando de modo suave e indeciso:

— Nosso porteiro estava no patamar fazendo um buraquinho para plantar uma árvore e a enxada bateu contra uma coisa dura. Olharam e eram ossos, uma caveira e um caixinha de ferro... Abriram-na e nela...

— Desguia, não nos interessa sabê-lo... sempre estás querendo misturar-te conosco!...

De novo suspirava submissamente, retirava-se a um lado, e assentando-se num banco do parque onde batesse o sol, ensimesmava-se...

Um senhor ocioso que estava ao seu lado, comovido pelo seu aspecto melancólico, deixou cair a pesada mão sôbre sua cabeça, quebradiça como casca de ôvo, e perguntou-lhe amavelmente:

— Como te chamas, menino?

— Jim...

— Ora, vamos! Acaso não és russo?

— Não, inglês, sir.

— Vamos, vamos! E como falas tão bem o russo?

— E' que fugimos de Londres quando eu era ainda muito pequeno.

— Fugiste? Que dizes? Quem te obrigou a fugir?

Os olhos pensativos do menino elevaram-se para o céu. Acompanhavam a passagem das nuvens que flutuavam a imensurável altaura.

— Oh! E' uma história difícil, sir; o caso é que meu pai matou um homem...

O senhor começou a inquietar-se e afastou-se uns quantos centímetros do melancólico menino, que falava em tom simples de coisas tão horrorosas.

— Matou um homem? E por que?

— O senhor sabe o que é a City, sir?

— Sei muito bem! E que aconteceu?

— Na City havia um Banco, que existe ainda, e se chama... "Deutsche Bank"... Meu pai era empregado lá, e depois, graças à sua honorabilidade, foi nomeado tesoureiro. Uma noite, quando ia pôr em ordem algumas contas atrapalhadas, viu uma figura que, às furtadelas, deslizava pelo corredor em direção aos subterrâneos onde era guardado o ouro... Meu pai escondeu-se, disposto a seguí-lo. E quem julga o senhor que era aquêle homem? O diretor do Banco! Este desceu ao sótão, encheu a carteira de ouro e notas, e quando saiu, como uma flecha, zás!, meu pai agarrou-o pelo pescoço e apertou-lhe a garganta. Papai compreendeu que, se o outro conseguisse escapar, tôda a culpa recairia sôbre êle... O desespêro deu-lhe fôrças. Engalfinharam-se numa luta feroz e conseguiu asfixiar o canalha... Chegou à casa naquela mesma noite, tomou-me nos braços, atravessamos o Tâmisa num barquinho, e viemos para a Rússia...

— Pobre cabecinha! — disse o senhor com alguma pena, dando-lhe palmadinhas no ombro. — E onde está tua mãe?

— Morreu queimada, sir.

— Como morreu queimada?

— Uma vez os garotos de Londres embeberam de petróleo uma ratazana e atearam-lhe fogo; naquele momento passava minha mãe pela rua, com as compras que tinha feito; a ratazana, que estava ardendo, meteu-se debaixo do abrigo de minha mãe, e ao cabo de um minuto ela parecia uma tocha...

O menino abateu tristemente a cabeça, sem dizer mais nada; faltou pouco ao compassivo senhor para se ter desfeito em lágrimas, profundamente afetado; como tanta desgraça podia ter caído sôbre o pobre orfãozinho!

— Coitadinho! Vem, vou acompanhar-te até a tua casa; não vá acontecer-te alguma coisa...

Jim sorria docemente.

— Oh, não, sir; não me vai acontecer nada! Está vendo êste talismã? Protege-me de tudo e contra todos!

A criatura tirou do bolso um apito e mostrou-o confiante ao seu interlocutor.

— Que talismã é êsse?

— Deu-mo na Criméia uma velha tártara. Recordo quando estávamos trepados num altíssimo penhasco, junto do mar. E que aconteceu? Quando o tive em minhas mãos deslizou a pedra debaixo dos seus pés e... pum! Ela e a pedra ao mar...

— Milagre, um verdadeiro milagre! De modo que é esta a casa onde moras? Bem; adeus, Jim; que sejas feliz, meu bom menino!

Jim subiu alegremente as escadas e o senhor acompanhou com a vista o admirável menino.

Permaneceu abstrato tanto tempo, que a porteira, com as fraldas apanhadas, aproximou-se, interrogando-o:

— Por quem procura o senhor?

— Por ninguém, não senhora... Diga-me... Quem é êste garoto que acaba de entrar?

— E' Kóstia, o filho de Cherepitsin. Por que o pergunta?

— Como? Então não é inglês?

— Valha-me Deus, meu senhor. E' um garoto, e nada mais... Certamente lhe mentiu, não é? Sua mãe faz todo o possível por curá-lo dêsse defeito; mas qual! Não o consegue...

— Ele tem mãe? E' viva?

— E' viva, sim senhor! Mas, pelo visto, vai acabar com ela se continuar com suas mentiras; já vê o senhor. Que menino mais embusteiro! E' surpreendente! Já o conhecem em tôda a rua, louvado seja Deus!

II

Após um tinido prolongado da campainha, abriu-lhe a porta a empregada Uliacha.

— Onde estiveste, Kóstia, até estas horas?

— Distraí-me na rua; um automóvel acaba de atropelar nosso porteiro. Vê se tenho sangue nas botas...

— Como, como? Atropelaram Estêvão? Mataram-no?

— Sim... Foi o seguinte. Os cavalos desenfrearam; ia uma senhora muito linda no carro... e Estêvão meteu-se na frente para segurar os animais pelas rédeas...

— Por que você é tão mentiroso, Kóstia? Primeiro, um automóvel, agora, um cavalo... sempre inventa bobagens.

— Não, não é bobagem; essa condessa disse que quando ficar boa se casará com êle.

— Está bem, está bem; chega de embustes. A comida já esfriou; sua mãe saiu e a vovó o espera.

Balançando-se sôbre suas pernas esguias, Kóstia fez um muxoxo misterioso e dirigiu-se à sala de jantar.

— Por que vens tão tarde? — disse-lhe a avozinha, indo ao seu encontro. — Onde estiveste metido?

— Há uma hora tenho estado perto da nossa porta; mas tive que voltar. Uma história muito interessante...

— Que foi?

— A senhora verá. Acabava de chegar em frente à nossa porta, olhei e... dois sujeitos estavam fazendo não sei o que em nossa fechadura; um dizia: "A cêra está muito dura, não sai o molde", e o outro, que era mais baixinho, respondeu: "Aperta, aperta, que sairá!"

— Kóstia! — gritava a avozinha — não mintas, menino! Outra vez, criatura, outra vez!...

— Está bem, se acha que são mentiras... — disse sorrindo sarcasticamente — mas deixe que entrem dentro de casa e nos carreguem tudo e nos cortem o pescoço... e então verá se são mentiras ou verdades!... Que me importa? Minha obrigação é dizer o que vi...

A avó desesperava-se:

— Kóstia, estás mentindo! Leio em teus olhos que acabas de inventar essa história...

— Inventar, eu? — disse Kóstia lentamente, dando às suas palavras um tom sibilado, que fazia crispar os nervos. — E se eu lhe mostrar o pedaço de cêra, dirá também que é coisa inventada por mim?

— E como o tens em teu poder?

— Pois muito simplesmente; êles subiram num carro; montei na traseira, e quando chegámos ao subúrbio, passei correndo perto do homem mais baixinho, dei-lhe um empurrão e tirei-lhe a cêra do bolso. Aqui está ela!...

Puxou pela segunda vez aquêle apito que tinha mostrado no jardim e mostrou-o de longe à avozinha que já tinha a vista bem curta...

A dúvida destroçava o coração desta: "Está visto que mente; mas... e se por acaso é verdade o que diz? Costuma dar-se casos em que tiram moldes das fechaduras, entram nas casas e estrangulam uma família... Precisamente ontem li um caso idêntico num jornal... E' preciso dizer a Uliacha que corra o ferrôlho da porta"...

— Chama Uliacha!

Kóstia obedeceu e foi correndo à ante-sala, onde gritou estridentemente a Uliacha, que falava com alguém pelo telefone:

— Uliacha! Esqueceu-se outra vez de fechar a torneira da cozinha! E está tôda cheia de água, e os cachorros já estão saindo pela janela!...

Uliacha solta imediatamente o fone, que bate estrepitosamente contra a parede, corre a tôda pressa à cozinha, tropeçando e derrubando os móveis que encontra à sua passagem...

Ao cabo de um minuto desenrola-se uma cena horrível.

— Kóstia! Mentiu outra vez! Já não posso aguentar mais, não quero continuar servindo nesta casa... vou-me embora...

— Pareceu-me que a água estava correndo — dizia Kóstia, justificando-se timidamente, enquanto olhava com olhos súplices a enfurecida rapariga. — Pensei que...

Só Deus sabe o que era êste doce e inofensivo menino. Talvez lhe tenha parecido realmente que dois senhores que estavam fumando calmamente na calçada de sua casa tentassem de fato tirar o molde em cêra da fechadura.

III

De noite estava Kóstia no escritório de seu pai, junto à escrivaninha, e com os olhos muito abertos fitava as mãos do seu progenitor, que moviam e removiam rapidamente uns papéis.

— Onde estiveste hoje, Kóstia?

— No parque.

— E que viste de bom por lá?

— Vi a mãe de Lidochka Priaguina.

— Que estás dizendo, menino? A mãe de Lidochka morreu...

— Pois é isso justamente o assombroso; estava sentado num banco e, de súbito, por debaixo das árvores, começou a surgir e aproximar-se algo assim como uma espêssa nuvem cinzenta... mais perto, mais perto. Olho e... era a mãe de Lidochka! Estava tão triste... Aproximou-se rapi-

Continua na pag. 40

Conto de *ARKADIO AVERTCHENCO*
Ilustração de *José Antonio*

DE RADIO

SAI CASCALHO!

DJALMA MACIEL

Paro meia hora à porta daquele Café, à rua Alvaro Alvim, na Cinelândia, onde em conversas vadias fazem ponto elementos do rádio, e fico examinando a minha fauna. Mestiços que não puderam esconder seus complexos de inferioridade exibem irrepreensíveis gaforinas cabelizadas. Há uma orgia de ternos de "panamá" pelas mesas, enquanto no ambiente môrno do botequim pretencioso como sua freguesia pairam nuvens de fumaça perfumada. Os "astros" do microfone só usam "Camel" ou "Pall Mall", é claro, embora àquelas guelas de origem bem proletária saiba melhor o gôsto forte — e sem dúvida muito mais agradável e são — do legítimo caporal bororó. Mas, como ia dizendo, parei à porta e apurei olhos e ouvidos. Num círculo quarenta-e-quatro dentes alinhados de orelha a orelha, certo "astro" dava risadinhas mentecaptas, contando alto histórias de mulheres tremendamente vampirescas que já o quiseram raptar para os subúrbios da Central e Leopoldina. Em outro canto do salão, um "produtor" de programações, espadaúdo, porejando saúde e alegria, parece diretor de picadeiro de circo de cavalinhos em dia de festival. Seus gestos são largos, quase bruscos; sua "pôse" é de quem possui o mundo ajoelhado aos pés e sabe que merece essa homenagem. Faz-me lembrar a figura acanhada, meio esbatida pela modéstia, de um seu homônimo e parente, jornalista, escritor, parlamentar, acadêmico, que eu, ainda "foca" na profissão, conheci em pleno apogeu literário levando despretenciosamente suas crônicas ao secretário de redação do meu diário — crônicas pelas quais hoje não dariam um ceitil os **habitués** do café da Cinelândia acostumados a escutar com ouvidos de admiração e de mal contida inveja os "scripts" geniais do atlético e farfalhante rapaz.

Continuo a prestar atenção e o que vejo de permeio com três pares de belas pernas femininas, escandalosamente expostas até muito acima dos joelhos? Dois confrades, críticos **doublés** de **broadcasters**, que ali mesmo, entre chícaras de 20 centavos de café e copos de refrescos de 1 cruzeiro, resolvem em caráter definitivo sôbre a supremacia cultural dos gêneros musicais. Um deles vem buscar fósforos com o charuteiro, presumivelmente surdo aos seus chamados, e aproveita o ensejo para um apêrto de mão e algumas frases:

— Entra!

— Não, obrigado, fico aqui mesmo.

E, reparando em meia dúzia de basbaques, de olheiras grandes, que atravancam a entrada do café, olhando, fixamente em direção à sua mesa:

— Decididamente, não me acostumo com essa incômoda popularidade que dá o **broadcasting**. Note que eu e Fulano, afinal de contas, somos mais do jornal do que do rádio!

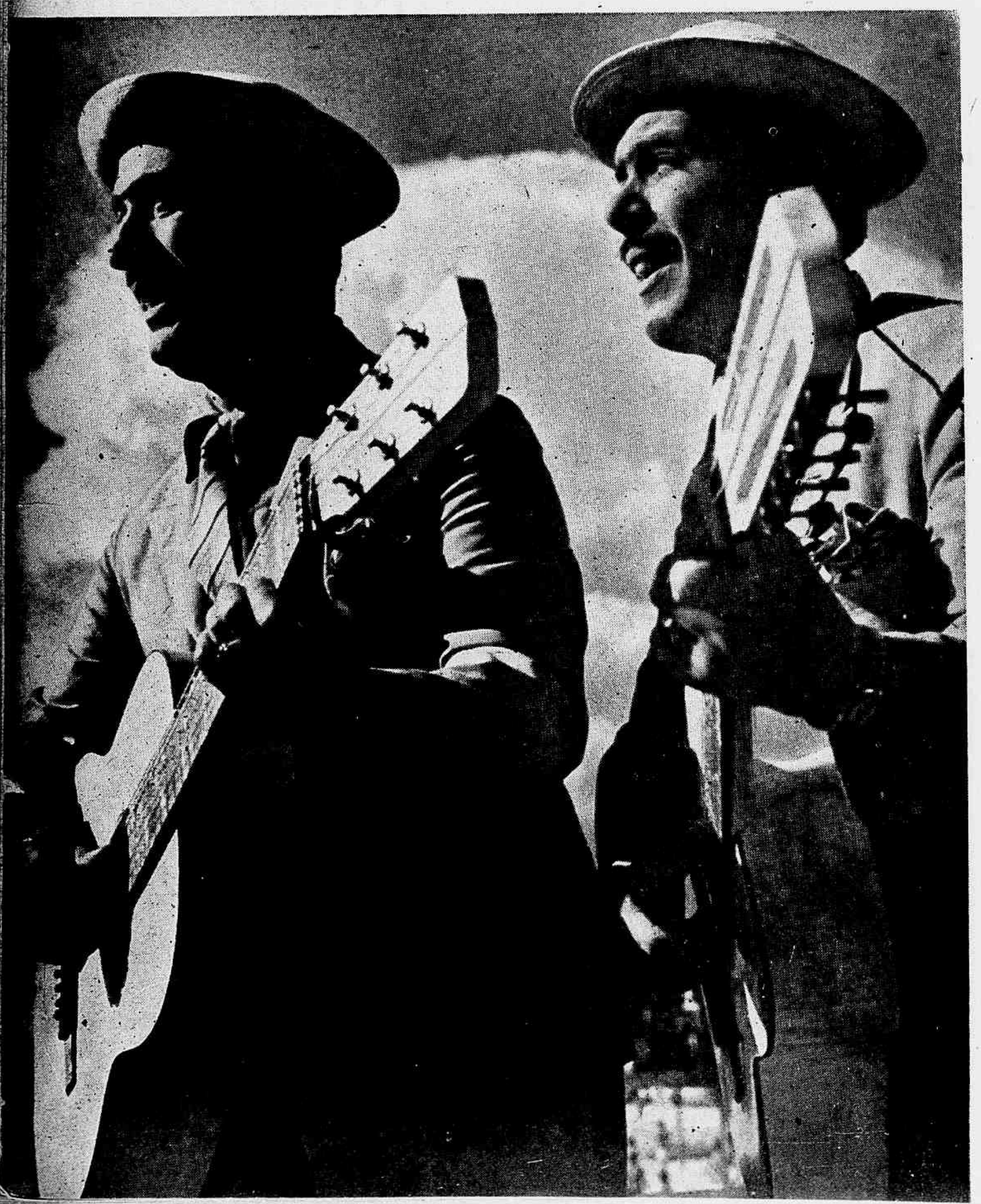
Lá, na mesa, onde o outro ficara engatilhando novos argumentos, as três sambistas circunstantes pareciam vestidas para banho de mar...

♦

O enfeitado boteco dos artistas, à rua Alvaro Alvim, é uma Feira de Amostras das vaidades radiofônicas. Desfilam em suas pequenas bancas de mármore falsificado todo um mundo de pauperismo intelectual, de atitudes grosseiras, de semcerimoniosa falta de educação e de discernimento. Quem pára ali para examinar aquilo com poder de análise chega a um triste conclusão: ou a arte popular não é expressão da mentalidade coletiva ou ainda estamos na categoria dos ajuntamentos de civilização primaria. Sim, porque duvido haja intérpretes de sentimentos do povo mais sestrosos e vasios do que os ídolos reunidos em tertúlias vadias no cafezinho do Bairro Serrador — substituto eventual da Casa Nice! Ídolos que quando se penteiam o pente fica cheio de cascalho!

O nome de Ademar Casé, diretor do maior programa independente já aparecido no **broadcasting** nacional, é um símbolo de trabalho, de pertinácia, de inteligência construtiva a serviço da arte e do progresso do Brasil.

Alvarenga e Ranchinho, uma das duplas caipiras mais antigas do rádio carioca, de vez em quando apresenta, sem dúvida, interessantes números regionais. Agora mesmo ouvimo-la interpretando bons programas do gênero ao micro da PRA-9.



Alô... Alô...

Floriano Faissal foi eleito presidente da Casa dos Artistas em pleito renhido. Uma justa homenagem que a jovem ator, ensaiador e rádio-ator presta, agora, sua classe. Floriano é um rapaz de cultura, inteligência e grande dedicação profissional, de quem muito pode esperar a veterana instituição dos artistas brasileiros.

♦

Das 22 horas às 22.15, diariamente, a Cruzeiro do Sul está pondo em ondas o programa Rádio França-América do Sul, destinado a transmitir aos ouvintes brasileiros notícias e crônicas objetivas sôbre a luta do povo francês contra o nazismo e pelo soerguimento de sua Pátria.

Rádio França-América do Sul, irradiada simultaneamente em várias estações sul-americanas, constituirá um veículo de permanente contacto entre a realidade francesa dos dias atuais e o povo brasileiro.

♦

Benedito Lacerda e o seu conjunto musical popular estrearão a 1.º de Março na Rádio Tamoio.

♦

Merece tôda a simpatia o movimento iniciado pelos locutores de rádio de S. Paulo no sentido de obter um estatuto legal de salário mínimo para a classe, idêntico ao que foi concedido aos jornalistas profissionais. Estão à frente da iniciativa Valter Roberto e Homero Macedo.

♦

Celestino Silveira vai apresentar em "Cine-Rádio Novela" enredos cinematográficos em primeira mão para a América do Sul.

♦

Sagramor Scuvero está apresentando seus programas femininos, na Rádio Globo, todos os dias úteis às 18 horas. E vai participar do "cast" das rádio-teatralizações de Celestino Silveira, na emissora do vespertino de Roberto Marinho, começando em "Flôres do Pó".

♦

A Nacional levou a efeito, na noite de 16 do corrente, a Festa dos Melhores de 45, apresentando ao seu microfone os eleitos no concurso do semanário "Fon-Fon". Foi realmente uma interessante festa.

♦

A REVISTA DA SEMANA iniciará em número vindouro a publicação da novela "Ressurreição", de Gesy Barbosa, já apresentada aqui no Rio e em São Paulo, e em véspera de ser irradiada em duas emissoras do Norte.

ECOS DO CARNAVAL

Ainda hoje, o carioca se lembra com saudade do carnaval que se foi: três dias de alegria desenfreada, que não voltam mais... Os foliões ainda trazem no corpo o cansaço do samba, e na alma a nostalgia da música, da dança, dos romances. O carnaval foi restrito, reduziu-se aos bailes à fantasia, sem confetti, sem lança-perfumes, cantoria apenas, mas alegria sôlta, sem rédeas, sem recalques. De todos porém, os que mais aproveitaram o carnaval foram os foliões de calça curta, a quem os clubes da Cidade Maravilhosa dedicaram as suas melhores festas. Nesta página aparecem dois aspectos da "matinée" infantil do Tijuca Tenis Clube, uma festa carnavalesca que deixou saudade à garotada carioca.

ECOS DO CARNAVAL

O carnaval, se se recolheu aos salões, deixando nas ruas apenas alguns saudosistas escassos mas fervorosos, dentro de casa foi de uma animação que em nada desmereceu as suas tradições. Nesta página, alguns aspectos do carnaval nos clubes da cidade e dos bairros: ao alto, aspecto feito durante um dos bailes do Automóvel Clube, no qual aparecem muitos dos mais conhecidos artistas do teatro e do rádio. Ao centro: à esquerda, grupo feito durante o "Baile das Atrizes", que alcançou êste ano mais um grande sucesso; e à direita um flagrante da festa carnavalesca do Engenho de Dentro Atlético Clube. Finalmente, em baixo, uma foto do carnaval do Clube Municipal.

A Sombra

(Continuação da pag. 15)

Piker John passara diretamente para a penitenciária. Interrogado negara que fôsse o único culpado dizendo que seu cúmplice tivera a maior parte de culpa, mas não quisera revelar o nome dêle. Somente insistira em algumas palavras que não tinham sentido para ninguém a não ser para Julian:

— Daqui a cinco anos êle pagará!

♦

Um chinês não é um personagem aterrador. Somente às crianças poderia assustar a obliquidade dos olhos. Mas quando Julian foi abrir a porta e deparou com dois chineses sentiu um calafrio. Conhecia-os muito bem. Eram amigos de Piker John...

— Julian?

— Sou eu mesmo. Vocês não me reconhecem?

— Queríamos ter a certeza de que era você mesmo...

— Que desejam?

— Trazemos um aviso.

— Como?

— Um aviso de Piker John. Amanhã, às três horas da tarde, você morrerá. E' só.

Antes que êle pudesse pronunciar outra palavra os dois chineses tinham desaparecido.

♦

O xerife não estava no escritório, Julian avisou à secretária que ia esperar. Ela disse que talvez êle tivesse que ficar ali sentado várias horas, mas êle não desanimou. Diante disso, ela encolheu os ombros e deixou-o ficar. A verdade era que o xerife estava no escritório mas não queria ser perturbado pois estava fazendo um relatório importante e dera ordem para que ela dissesse a quem quer que aparecesse que êle tinha saido para tratar de um negócio urgente.

Julian torcia as mãos. A moça acabou notando o nervosismo do homem que esperava e resolveu por iniciativa própria avisar o chefe.

O'Connel, o xerife, levantou os olhos do trabalho e ia protestar contra a invasão de seu escritório pela secretária contra sua ordem expressa, quando ela disse:

— Há um homem aí há mais de quatro horas esperando o senhor. Parece um caso grave.

O'Connel sabia que ela não haveria de perturbá-lo se não fôsse coisa importante.

— Mande entrar.

Julian encarou o xerife e subitamente viu ao seu lado os chineses. Estavam lá. Um dêles, sentado à mesa, outro de pé, ao seu lado. O xerife estava de pé e apontava para êle, Julian. Aliás, não estava só. Não era um único xerife eram dois...

Alucinação?

Julian não olhou para trás e a secretária do xerife levantou os olhos do seu trabalho, espantada. O homem que esperara pacientemente

(Continua na pag. 47)

Bôa conduta...

(Continuação da pág. 22).

— Pois bem. Vou deixar aqui em cima da mesa. Ah, é mesmo! Eu quasi que me esqueço de um recado.. Hoje, pela manhã, telefonou uma moça perguntando se era aqui a casa do sr. Paul Graham. Você ficou importante, não é? Pois ela me mandou dizer a você que... que. como foi, mesmo? Ah! sim! Que a moça do café não é casada com o homem de cara furibunda. Você entende isso?

— Paul!

Mrs. Trueman não cabia em si de espanto. Pela primeira vez Paul a desreipeitara, pronunciando, em sua presença, um substantivo comum que, segundo as regras da sociedade, não se deve dizer diante de uma senhora.

— Osses moços, quando dão para farristas!... refletiu Mrs. Trueman, lembrando-se de que êle saira num dia de carnaval e só voltara no dia seguinte de manhã tôdo amarrotado.

E, eis, senhores, como se desfaz uma boa reputação. Moral da história: Deixe em paz as jovens provocantes...

3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!...

★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefére o DORLY. Quem prefére um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe tambem o DORLY, porque o sabonete DORLY – *preço por preço é o melhor!*

Sabonete DORLY

À VENDA EM TODO O BRASIL

P.F

Livros Novos

VIDAS DE GRANDES FILOSOFOS, por Henry Thomas e Dana Lee Thomas, tradução de Otávio Mendes Cajado — Livraria do Globo, editora — *Porto Alegre, 1944.*

Não é um livro de simples biografias. Nestas páginas, as grandes figuras de pensadores se desenham e se explicam. Depois de se nos mostrarem, mais ou menos, tais quais as conhecemos, revelam-nos particularidades individuais, intimidades de temperamento, carater, sensibilidade que só os muito estudiosos, à força de pesquizas, reflexões e deduções, conseguem libertar do egoismo das bibliotecas, da treva dos arquivos ou ainda da acção desvanecedora, "esquecedora" do tempo. Os autores dedicaram à tarefa de reavivar estas fisionomias, ressuscitar estas vidas, tais como foram ou podiam ter sido, um periodo de tempo e uma intensidade de esforço que não podemos calcular... Dizem eles numa nota introdutiva:

"De acordo com nosso propósito geral de escrever a presente série biográfica, tentamos acentuar mais os pensadores que os seus pensamentos. Procuramos evitar as exposições técnicas, as análises criticas ou as excursões metafisicas a qualquer dos sistemas filosóficos. Entretanto, por outro lado, introduzir o leitor não sómente na casa dos filósofos como também em seus espiritos. Pois, para compreender os sonhadores do absoluto, devemos consentir que êstes nos convidem a penetrar o jardim dos seus senhos. Cremos ser possivel obter um retrato revelador da beleza de um jardim e aspirar um hausto saudável de sua fragrancia, sem um estudo técnico da estrutura botanica das flores ou um conhecimento especializado de seus nomes cientificos. Tentamos, por conseguinte, em cada uma dessas biografias, reproduzir os elementos fundamentais do pensamento do filósofo, simples, informativa e — esperamos — vividamente".

E assim Henry Thomas e Dana Lee Thomas, através da esclarecida e cuidada tradução do Sr. Otávio Mendes Cajado, nos falam de vinte e um filosofos, a começar do grego Platão e a terminar no hispano-norte-americano George Santayana.

❁ ❁ ❁

ANTOLOGIA DO FOLCLORE BRASILEIRO, por Luiz da Camâra Cascudo — Livraria Martins editora — *São Paulo, 1944.*

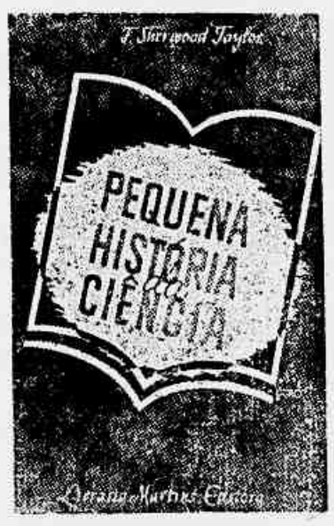
O Sr. Luiz da Câmara Cascudo é em tudo e por tudo um homem de letras. Com a mesma aptidão e a mesma autoridade exerce o jornalismo de idéias e de combate, a crônica literária, o ensaio de história, o estudo critico; e as suas conferências sobre assuntos de arte assumem a mais cativante feição magistral. Pode escrever um grande romance ou compôr um livro de versos superiormente inspirados e trabalhados. Mas a afeição predominante do seu espírito, a sua paixão de intelectual e artista são as pesquisas de folclore. A este ramo de erudição dedica a melhor da sua tão destra e complexa inteligência. Descobrir novos romances de poesia popular ou regional; analisá-los no sentimento de que proveem, nos costumes que refletem; compará-los a outras correntes, vindas de origens diversas; estabelecer as analogias ou os antagonismos que entre elas se tenham formado; tirar de cada confronto a sua conclusão própria; desfazer os equivocos, esclarecer as duvidas, nada deixar por explicar com o próprio comentário — eis a essencial tendência deste beletrista e a missão por ele assumida para ensinamento e regalo de todos nós. Assim o Sr. Câmara Cascudo nos deu já os livros *Vaqueiros e Cantadores, Geografia de mitos brasileiros, Contos tradicionais do Brasil, Lendas do Brasil* e assim, dilatando o saber e o prestigio para além das fronteiras e do Atlantico, nos ofereceu, na Coleção Clássicos e Contemporaneos da empresa editora Livros de Portugal, *Os melhores contos populares de Portugal.*

Traz-nos agora a *Antologia do folclore brasileiro.* E' um substancioso, esmerado, valiosissimo trabalho que, em volume de amplo formato, vai a quinhentas páginas. O folclorista pôs-lhe esta dedicatória de enlevo e gratidão: "Aos cantadores e violeiros, analfabetos e geniais, ás velhas amas contadeiras de histórias maravilhosas, fontes perpétuas da literatura oral do Brasil, ofereço, dedico e consagro este livro que eles jamais hão de ler"... E divide a obra em duas partes capitais: Séculos XVI, XVII e XVIII — Os cronistas, Os viajantes estrangeiros; Séculos XIX e XX — Os estudiosos brasileiros. A seleção e a organização estão feitas de maneira a abranger, com rápidas mas suficientes notas biográficas e bibliográficas acerca de cada escritor, vinte e sete nomes notáveis no primeiro periodo e vinte e seis no segundo. Vem de começo, *excusez du peu,* além de Frei Gaspar de Carvajal, o padre Manuel da Nóbrega e o padre José de Anchieta; adiante, e depois de muitos outros, encontraremos Tonelare, Saint Hilaire, Martius; e, entre os numerosos historiógrafos e rebuscadores da segunda parte, depararemos Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Melo Morais Filho, Sant'Ana Neri, Silvio Romero, João Ribeiro, Simões Lopes Neto, Afonso Arinos, Alberto Faria, Amadeu Amaral.

E' através das observações e apreciações de autores tão ilustres que devidamente ficamos conhecendo usos, tradições, contos, apólogos, anedotas, práticas coletivas e aforismos, crenças e abusões, toda a sorte de preciosidades e curiosidades que nós, em geral, só por alto conheciamos, se as não ignorávamos por completo. Nessa viagem de séculos, nessas visitas a tantas regiões de poesia e de encantamento, é o Sr. Luis da Câmara Cascudo o cicerone ideal que nada deixa por apresentar ou elucidar nem dá nunca a impressão de falar de mais. E' a sua tarefa foi aqui, como sempre, a mais bela e mais proveitosa.

❁ ❁ ❁

PEQUENA HISTOPIA DA CIÊNCIA, por F. Sherwood Taylor, tradução de Milton da Silva Rodrigues — Livraria Martins, editora — *São Paulo, 1945.*



Poder-se-á fazer um escorço, um resumo da história da ciência? Em França, Salomon Reinach escreveu o livro *Apollo* que, com extraordinário espirito de organização, em sintese deveras admiravel, dá a história geral das artes plásticas. O Sr. F. Sherwood Taylor resolveu — talvez sem conhecer *Apollo* — fazer coisa semelhante com a ciência, todas as ciências. Tarefa, como se vê, bem mais ampla e com exigências de seguimento e correlação bem mais dificeis de atender. Por isso mesmo, talvez, as duzentas e noventa páginas da obra de Taylor comportam muito mais matéria que as trezentas e trinta da de Reinach, de pequeno formato, tipograficamente folgadas e ainda, em grande parte, ocupadas por gravuras. E esta *Pequena história da ciência* não parece, ao próprio autor, bastante para esclarecimento dos profanos, pois que, no fim do volume, ele nos sugere, para ulteriores leituras, histórias, maiores ou menores, doutros autores e relativas á Astronomia, á Biologia, á Quimica, á Matemática, á Medicina e á Fisica.

Divide-se o presente livro em sete capitulos: Os primórdios da Ciência — A Ciência na Grécia — A Ciência no Oriente e na Arábia — A Ciência Medieval — A Ciência no Renascimento — O surto da Ciência moderna — A idade da Ciência. As matérias se desenvolvem e correspondem

EM TODAS AS LIVRARIAS

Um livro que interessa a todos os espectadores do drama universal

Edição ilustrada com 100 gravuras

Um volume em grande formato Cr$ 30,00

Atendemos pelo reembolso postal.

EDITORA LEITURA

Rua Senador Dantas, 20 - 7°. andar

RIO DE JANEIRO.

Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

A PRIMEIRA COLOCADA NO CONCURSO PARA O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

As alunas do Instituto Guanabara, o conhecido educandário da rua Mariz e Barros, que obedece à orientação dos professores Antônio de Souza Moreira e Carmen Landim, tiveram destacada participação no concurso recentemente realizado para ingresso no Instituto de Educação. Além do grande número de candidatas, preparadas naquele estabelecimento de ensino, que lograram classificação, pela quarta vez consecutiva o Instituto Guanabara obtém a primeira colocação entre centenas de concorrentes. Neste ano coube à aluna Maria Luiza Odoni Meirelles, de 11 anos de idade, o expressivo êxito, colocando-se em primeiro lugar com a média 9,4. Para comemorar o auspicioso acontecimento, a direção do Instituto Guanabara organizou uma festa íntima, durante a qual foi ofertado um mimo à menina Maria Luiza. A festividade, que contou com a presença de grande número de pessoas das famílias das jovens classificadas, decorreu num ambiente de entusiasmo e alegria, sendo servida aos presentes, ao fim da reunião, uma mesa de refrescos e doces finos.

A foto de cima mostra parte das alunas do Instituto Guanabara que se classificaram no concurso para o Instituto de Educação. O flagrante ao lado reproduz o momento em que a sra. Otilia Mendes de Almeida, técnica de educação, entregava à aluna Maria Luiza Odoni Meirelles o mimo que lhe foi oferecido por ter logrado a primeira colocação no referido concurso.

sempre magistralmente. E, através de tôda a exposição domina o objetivo capital do autor: "mostrar a mudança que se tem operado não só na atitude do homem perante a ciência mas também na desta perante o mundo exterior que ela estuda".

Quanto á propriedade e clareza da tradução, é garantia mais que suficiente a situação do Sr. Milton da Silva Rodrigues, catedrático da Universidade de São Paulo.

● ● ●

O CANTO DA TERRA, poesia de J. G. de Araujo Jorge — Casa Vecchio, editora — *Rio de Janeiro, 1945.*

"Eu sei — diz o Sr. J. G. de Araujo Jorge, num antelóquio intitulado *Definição* — que ha gente por ai discutindo poesia. Como se poesia se discutisse".

Esta maneira de pensar merece todo o nosso acatamento. Se o autor do *Canto da Terra* entende sinceramente que se não deve discutir poesia, nem a dos outros nem a sua, faz muito bem proclamando tal opinião. O que nos parece menos coerente é que ele envie o seu livro á imprensa. Se nos não reconhece o direito intelectual, literário, de o discutir, com que fim, então, no-lo manda? Para que o louvemos incondicionalmente? Para que o leiamos sem manifestar o nosso juizo? Para que, depois daquelas palavras liminares, passemos simplesmente a ocupar-nos doutra obra? Assim o poeta nos coloca em grave dificuldade... Se, porém, fizéssemos de conta que o *Canto da Terra* não traz prefácio nem apresentação nem definição de espécie alguma? Será talvez o melhor.

O Sr. Araujo Jorge, cujos versos, a propósito doutro livro, aqui mesmo exaltámos pela clara beleza e o rico sentimento, vem reafirmar nas presentes páginas a nobreza da inspiração e os recursos de arte que lhe deram um dos mais altos lugares entre os rapazes da sua inspiração. E' um poeta que, conforme a expressiva e tão oportuna definição do Sr. Guilherme de Almeida, faz realmente versos. Quando quer. Quando lhe acode a vontade de abandonar o metro e a rima dá-nos uma prosa esbelta, sugestiva, poética em suma. Questão de nome, apenas.

Talvez alguém estranhe, no sentido de certas composições do *Canto da Terra*, uma orientação, uma tendência demasiado pacifista em tempo de guerra... Não significa, porém, isso que, chamado ás armas, o poeta se mostre menos soldado que os outros. Uma coisa é o que se doutrina ou se rima, no sonho dum futuro melhor, e coisa diversa o que se faz quando o clarim sôa ao ouvido e no coração do paladino pela confraternização do mundo. Ao desencadear-se a conflagração que, até esta agora, se chamou a Grande Guerra, todos os pacifistas extremados da imprensa e do livro franceses correram a apresentar-se nos postos de recrutamento. Os caricaturistas de combate da *Assiette au beurre* que, nas imagens criadas pelos seus lapis, aconselhavam os soldados a responder á ordem de marcha fusilando os oficiais, fizeram questão, os reservistas mesmos e os isentos pela idade, de entrar o mais cedo possivel nas fileiras. Anatole France, convencido de que a sua pena de escritor faria, no momento, obra inutil ou talvez perniciosa, solicitou que lh'a aproveitassem nos serviços administrativos da retaguarda. E os poetas notóriamente dados a campanhas humanitárias, igualitárias, libertárias e outros ideais de rimas proletárias correram ás armas para defender a pátria contra o agressor. Eis o que o Sr. Araujo Jorge, chegada a sua hora, não deixará de fazer, sem que por isso se tornem menos eloquentes ou menos sentidos os dizeres de páginas como as deste *Poema á grande ponte*, paginas cujo defeito único consiste em não chegarem antes ou mais tarde, isto é: em terem vindo inoportunamente:

Estende-me tua mão sobre oceanos e terras
que eu quero apertá-la, irmão...

Estende-me tua mão, muito alto pelos céus...
São desumanas as guerras
e infames os seus troféus...

Formemos com as nossas mãos tão fortemente unidas
ligando um horizonte a outro horizonte
num gesto sem igual,
— sobre um mundo a morrer em lutas fratricidas:
o "arco-iris" triunfal da indestrutivel ponte
da fraternidade universal!

(Que os arcos desta ponte livre e sem senhores,
lançada pelo amor mais belo e mais profundo,
terão todas as cores, — tal como o "arco-iris" —
e abraçarão o mundo)!

. . . . . .

Estende-me tua mão sobre oceanos e terras,
oh! meu irmão!

E lancemos tambem sobre as ruinas das guerras
nosso arco fraternal para a reconstrução!

J. L.

O ritmo DA VIDA MODERNA

O ritmo rápido da vida de hoje exige muito da aparência feminina. Dentes e gengivas saudáveis e sadios são essenciais para a beleza e a popularidade. Cada dia que passa a ciência odontológica mais salienta a relação entre os dentes e a saúde, realçando a importância de um trato adequado. Viva ao ar livre tanto quanto possível—inclua na sua alimentação as vitaminas e os minerais apropriados—visite o seu dentista periòdicamente para exame —

... e faça questão de que o seu dentifrício seja puro e seguro

Use o

Creme Dental SQUIBB

Primeiro, pelo seu delicioso sabor e o frescor que produz na bôca—uma admirável sensação que refresca o hálito e faz com que escovar os dentes se torne um dos momentos mais agradáveis do dia. O mais importante, porém, é a pureza e a segurança do Creme Dental Squibb. Limpa apropriadamente—sem substâncias ásperas nem adstringentes que irritem as gengivas. Experimente êste refrescante e seguro dentifrício... hoje.

PROCURE O SÊLO DA CASA SQUIBB... PORQUE SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

18

KOSTIA

Continuação da pag. 33

damente de mim, colocou a mão em minha cabeça, ameaçou-me com um dedo... e foi embora sem me dizer uma palavra...

— Sim, sim!... — exclamou o pai olhando seu filho com semblante risonho. — Acontece às vêzes cada coisa!

— Que papel é êste, papai? — perguntou Kóstia, olhando por cima do ombro de seu progenitor. — Tem uma pistola desenhada...

— Isso? A conta duma casa de armas; comprei um revólver para o nosso Banco.

— Um revólver?

— Sim, para o caixa.

— Um revólver?

Kóstia, com os olhos muito abertos, olhava fixamente o rosto sorridente de seu pai. Já tinha voado muito longe a sua imaginação... e pelo seu rosto perpassavam sombras de pensamentos.

Estremeceu, levantou-se de um salto e a passinhos miúdos foi saindo do gabinete. Como um tufão atravessou as duas salas e como um tufão, com os cabelos desgrenhados, entrou na saleta de sua mãe, que trabalhava pacìficamente junto à mesa.

— Mamãe: papai está passando mal!

— Que foi? Que foi?

— Ao entrar em seu gabinete vi-o tombado no tapete; junto à mesa, e ao seu lado um revólver... No fronte, uma pequena mancha, e na sala há um cheiro algo estranho...

Um grito selvagem, espantoso...

. . . . . .

— Que hei de fazer com êste menino? — dizia a mãe, chorando e fitando quase com ódio Kóstia, que, assustado, tímido como um passarinho durante um mau tempo, se estreitava contra o ombro forte de seu pai. — Com suas mentiras e invencionices, êste garoto fará com que todos nós enlouqueçamos. A empregada não pode nem vê-lo e os outros escorraçam-no como a um cão tinhoso... E' uma criança que dá pena. Imagina o que será quando crescer!...

— Infelizmente o imagino — disse a meia voz o pai, estreitando contra seu ombro a cabecinha encacheada de seu defeituoso filhinho. — Crescerá e todo mundo se afastará dêle, como agora; não o compreenderão, e... zombarão dêle.

— E que será dêle quando for maior?

— Querida — disse tristemente o pai, movendo sua cabeça, que já tinha começado a encanecer — será poeta...

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

DE Música

O "caso" Szenkar-- "Piano, não: clarinete!" -- Boas noticias -- Anedota musical

Quando entrevistei Eugen Szenkar ouvi-o com a atenção do reporter. Pronta a entrevista, reli-a com a isenção de animo de um individuo que se interessa pelo destino da boa música em nosso meio e de um admirador do maestro. Eis a conclusão a que cheguei: em principio, concordamos. E apresso-me a declarar — antes que outro o faça — que já fiz restrições ás realizações do maestro em artigo recente. Mas é preciso, antes de mais nada, fazer uma distinção importante, e repetir a velha história de que tudo depende do ponto de vista. Divergia de Szenkar por motivos estéticos: concordo por motivos econômicos cuja importancia e premência seria tolice negar. Discordava do maestro porque achava que no repertório da orquestra por êle dirigida figuravam com proeminência compositores que deveram ser relegados a um justo esquecimento: Szenkar tapou-me a boca com os dois milhões de marcos que, contou-me, recebia para dirigir uma teatro de ópera sem se preocupar com o fatôr econômico. De fáto, se é verdade — Szenkar confessa isso — que Tchaikovski não merece o número infinito de "reprises" que obtem, se Strauss — o tal das valsas — já nos entendia bastante, não é menos certo que o público enche os teatros para ouvir Strauss e Tchaikovski e fica em casa quando se anuncia Stravinski. Além disso, o maestro sugere o método da infiltração. E sou forçado a perceber a astucia do processo.

Lembro-me que um professor de Filosofia que tive — Sr. Djacir Menezes — costumava dizer que, nas suas aulas, a materia só entrava de contrabando, quando conseguira prender a atenção dos alunos com anedotas irrelevantes. E lembrava que essa maneira de proceder não é nova e data talvez do primeiro fotógrafo quando, para concentrar uma atenção irrequieta ,enganava um meninozinho, fazendo-o olhar para a objetiva sob o pretexto de que um passarinho ia sair voando de dentro dela.

Szenkar aconselha que passemos contrabando de música moderna, no meio de tanta coisa que, inegavelmente, é de terceira ordem. Juntando, pensa ele, ao joio uma boa dose de trigo talvez consigamos melhores resultados.

Szenkar, nisso, revela-se o homeopata da musicalidade ainda não desenvolvida do nosso povo. Nada de remédios drásticos: vamos com prudência, "tout doucement", para citar-lhe as próprias palavras.

E, de pronto, vejo que, se queremos chegar a um fim, é preciso escolher o meio adequado, e, portanto, como o objetivo o merece, armemo-nos de paciência: ouçamos Tchaikovski, não protestemos contra as valsas de Strauss, e vejamos os resultados. Szenkar cita-os e me pergunta — Acha um ciclo de Beethoven "fácil"? Pois o público o admirou. Acha um concerto só de Bach "fácil"? Pois o público compareceu e aplaudiu. Acha um concerto só de Mozart "fácil"? Pois tive lotações esgotadas com êle.

Não há nada mais agradavel, nem mais animador, do que o acôrdo. E, diante da argumentação do maestro, rendo-me, em termos. A restrição pode parecer injusta mas a verdade é que, mesmo reconhecendo o inevitável, eu ainda não me conformo. O maestro dá-nos a solução prática e eu antipatizo com as soluções práticas. Resta, em mim, uma esperança, talvez absurda, de que poderemos ter, pelo menos, uma orquestra que não precise de se sujeitar ás normas ditadas pelo público, que nem sempre sabe o que é bom para ele. Volto-me para "Música Viva" e espero a resposta desta sociedade cheia de magníficas intenções.

❦

Houve um tempo em que, no Brasil, tinhamos excesso de advogados. Hoje, ao que parece, estamos com sobrecarga de pianistas.

E' dificil convencer a um jovem que aspira chegar a qualidade de artista — como se artista não nascesse feito: não desenvolvido, mas feito — que seu talento não será estragado no trombone ou no violoncelo. Todos querem o piano. O piano é, afinal de contas, o instrumento social por excelência e dá uma certa distinção dizer numa festa: sou pianista. Amador que seja. Há pianistas demais e muitos do "tipo social" pululam no nosso meio artistico, disfarçados cuidadosamente. Mas a máscara é transparente e vê-se os batucadores tipo digestivo, para após o jantar, pianistas tipo soporífero, para embalar a soneca antes da ceia na "Brasileira", pianistas tipo carpinteiro, que martelam o piano impiedosamente, arrebatando uma parte do público — infelizmente a maior.

Perguntarão, com certeza, a que vem tudo isso e eu responderei: porque, re-

Continua na pag. 45

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar êste crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

UM fiozinho dágua. Depois, regato bulhento e saltitante. Logo, o rio remansoso! E ali, ali nasce um gigante! Submetido pelo homem, forçado a trabalhar, facilita e ameniza a vida de seus milhões de senhores. Medido em volts e watts, o gigante foge aos geradores pelos cabos de alta tensão. E na lonjura das cidades e das vilas, obediente, move motores, trens, teares, máquinas, indústrias inteiras. Ilumina casas e ruas, instrui, distrai, ajuda a viver. No Brasil, como em todo o mundo, equipos General Electric captam tesouros de potencial hidráulico, transformando-o em fôrça motriz, alavanca do progresso. Para a completa eletrificação do pais - tarefa ciclópica de uma geração - a General Electric não deixará de contribuir com seus homens e materiais, fornecendo turbinas, geradores, transformadores, sub-estações e demais aparelhamento.

a eletricidade ajuda a criar um mundo melhor

E a General Electric ajuda a criar a eletricidade. Submetida hoje à mais rude das provas, sua capacidade e experiência estarão no futuro, como no passado, às suas ordens.

ENERGIA HIDRO-ELÉTRICA

GENERAL ELECTRIC

GRANT

PAUL MUNI VAI VOLTAR. — Depois de longa ausência, o criador de Zola e Pasteur volta às atividades cinematográficas. Aqui está Paul Muni em conversa com a escritora rus Zina Voynow, autora do argumento de "One Against Seven", uma história passada entre os guerrilheiros soviéticos na luta atual. Como é sabido, o referido artista, austríaco nascença, foi dos primeiros a combater o nazismo, mesmo de Hollywood, o que lhe valeu, naquele tempo, a proibição sistemática de seus filmes, em territórios de Hitler. A ho dêle chegou, finalmente... E acredita-se que o filme sirva ainda para reabilitar um bom ator, cujas atividades estavam estacionadas pela falta de melhor material artístic

GRAFICAS DE HOLLYWOOD

"MAQUILLAGE" ESPECIAL PARA TECNICOLOR. — Rita Hayworth submete-se à ação dos raios solares, por espaço de meia hora, cada manhã, para sua pele adquirir o efeito luminoso necessário a uma fotografia melhor, no filme "Tonight and Every Night", que agora deve estar sendo concluido. Clay Campbell, técnico de fotografia em côres, procura amortizar os efeitos da alta temperatura no rosto da bonita "estrêla".

IRENE DUNNE CONTINUA ELEGANTE. — E' uma artista veterana, não muito moça porém, valorizada sempre pela sua arte e pela irrepreensível elegância no vestir, intérprete de "Together Again". Ela aí está, discutindo com o desenhista Jean Louis o "croquis" de seus vestidos no referido filme, onde a protagonista de "Magnólia" vive uma heroina romântica e altamente sentimental. Mas a moda, sempre a moda em primeiro lugar...

PAUL MUNI CONTA ANEDOTAS... — Fora da tela, Paul Muni não é o mesmo cavalheiro sizudo e casmurrão. Ele sabe, até, contar divertidas anedotas nos intervalos de filmagem... Da esquerda para a direita, o diretor Zoltan Korda, Marguerite Chapman, Mary Featherstone, Paul Andor e Paul Muni. Ao fundo, à direita, vê-se Rudolph Anders, que não parece muito interessado na história. Mas os outros, pelas fisionomias, estão gostando...

MERLE OBERON SERÁ GEORGE SAND. — A antiga espôsa do produtor Alexander Korda vem de posar o papel de Mme. Sand no filme "A Song To Remember", que também tem Paul Muni como protagonista. A bizarra figura feminina francesa terá encontrado em Merle Oberon uma legítima intérprete? Só o filme, mais tarde, nos poderá dizer. Todavia, a composição do tipo, tal como nos mostra a gravura, não deixa de ser interessante.

COMENDO COM DOIS PAUSINHOS. — O diretor Irving Cummings procura ensinar Jean Arthur a comer com os apetrechos típicos dos nossos aliados chineses. Ela tem de utilizar os dois pausinhos em uma cena da comédia "The Impatient Years", com Lee Bowman, que também aparece na gravura abaixo. Para adquirir traquejo, a "estrêla" procura fazer suas refeições em um restaurante chinês (fotos, dessas páginas, da Columbia).

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferencia ao dentifricio mais indicado para hygiene e conservação dos dentes.

PASTA DENTIFRICIA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

Dra. HELENA N. DAHER
CLINICA DE CRIANÇAS
Avenida Copocabana, 209
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Modelos

1 — Vestido clássico para esporte em linho azul com pespontos em "cordonet" branco. Duas estreias tambem em pesponto enfeitam os bolsos.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

2 — Modelo em seda mote branco, com cintura em duas côres. A sáia é bastante ampla.

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

3 — Duas peças em seda listrada. Profunda prega na frente, marcada por duas tiras enviezadas. Turbante de jersey branco.

UM PRESENTE DE CLASSE E DISTINÇÃO

PERFUMES

Rion

PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05

DE MUSICA

Continuação da pag. 41

centemente, recebi uma grata noticia. Veio-me por carta e tratava de um assunto particular muito a propósito. Era de um grande amigo e punha-me ao corrente da sua intenção de dedicar-se á música. Extremeci. Piano? Não: clarinete. Ora, graças! Sem dúvida quem estava por perto ficou muito espantado ao ouvir-me exclamar, aliviado: Viva o clarinete!

❁

Pairam pela atmosfera musical umas sugestões magnificas e umas esperanças sôbre as quais receio falar, com medo que elas, timidas, se desvaneçam. Já se falou em trazer o elenco do Metropolitan. Mais ainda: aludiu-se a "Pelleas e Mélisande" com Bidú Sayão que, segundo parece, está disposta a esquecer sua alegria a aviões. Anuncia-se Kleiber e êste, pelo menos, parece estar assegurado. Há mais: o professor Fontainha prepara o seu ciclo de Bach, tarefa de valor inestimável e grandes dificuldades.

Ora, parece que, feitas todas as contas, não estaremos tão mal este ano, se as esperanças se realizarem... Contanto que não venha, á última hora, um telegrama do tipo que Zinka Milanov enviou na temporada passada: "Indisposta. Não posso ir"...

ANEDOTA MUSICAL

Conta-se que certo compositor, muito esquecido, tinha um aluno preferido cujo nome, naturalmente, ignorava, pois não havia nome que lhe parasse na cabeça. Certa vez, encontrando seu mais intimo amigo na rua, em companhia do jovem estudante, apressou-se em apresentá-lo.

— Meu melhor aluno... Meu maior amigo....

O amigo, imediatamente, retrucou, rindo:

— A apresentação é desnecessária: este é meu filho. De qualquer forma, folgo muito em saber que é aplicado

Mas o mestre já estava perdido em novas conjecturas. Finalmente, com ar perplexo indagou:

— Então é seu filho? Ora essa! Podia me fazer um favor? Diga-me seu nome que eu, por mais que me esforce, não consigo lembrar...

O amigo, se não conhecesse bem o mestre, poderia, ter ficado ofendido...

A' saude de seu filho

Occasiona-lhe sérias preoccupações principalmente quando a terrivel diarrhea ataca-lhe o organismo. Pode-se entretanto evitar esta grave enfermidade com os famosos comprimidos de Eldoformio.

Combata as diarrheas infantis com comprimidos de

Eldoformio

Bom para os adultos como para as creanças.

Você não sabe o que está perdendo...

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA

De fato! Perda em sabor e energias! Que será ainda maior se algum alimento indispensável faltar em sua mesa. Malzbier da Brahma não é apenas uma deliciosa cerveja, ligeiramente doce. É também altamente nutritiva, dada sua riqueza em malte. Pelo seu baixo teor alcoólico é a cerveja do lar. Redobre o valor e prazer das refeições, com a salutar Malzbier da Brahma.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos musculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

E' o tonico de todos

DYNAMOGENOL

E' um produto do Laboratorio Sian

MASCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

RUGÓL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

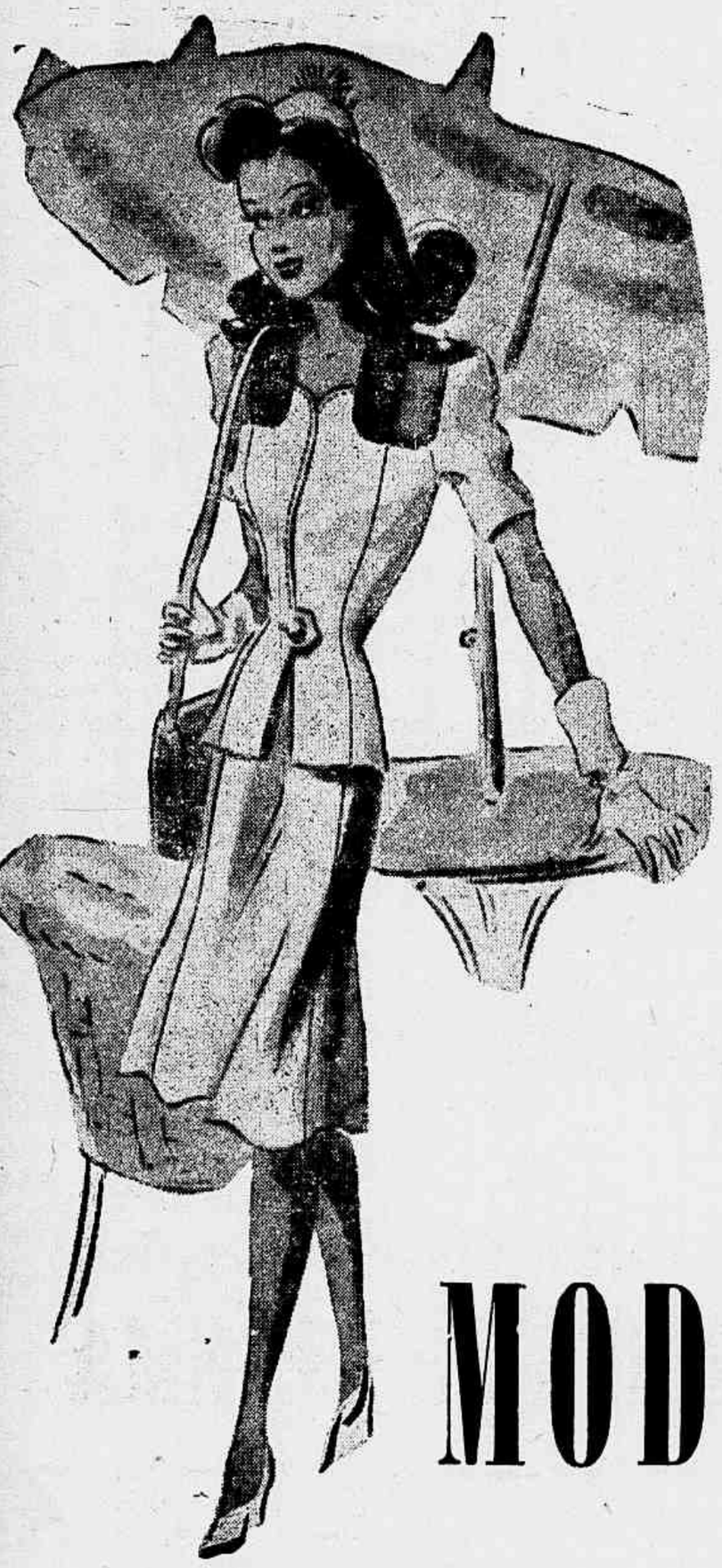
1 — Duas peças em linho branco com ombros em vermelho e azul.

2 — Variação do *chemisier* em shantung verde pallido. Os botões descem até a sáia.

3 — Gracioso modelo em linho ou shantung branco, com pesponto vermelho. Cinto e lenço tambem vermelhos.

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Proteje *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantâneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja -- sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.$ 4,80 - Pote grande: Cr.$ 9,50.

ARRID
O desodorante que mais se vende



MODAS

iencarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

A Sombra

(Continuação na pag. 37)

tantas horas para falar ao xerife, agora que tinha sua oportunidade fugia desabaladamente, com uma expressão de terror nos olhos...

♦

— Eu acho que você devia fazer regime.

— Para que se eu não quero emagrecer?

— Isso é simples preguiça! Você sabe muito bem que um gordo hoje...

Julian nem ouvia a disputa de marido e mulher que estavam sentados rente à folhagem. Havia,, bem no canto do salão, um vaso com uma folhagem grande e êle fôra se refugiar ali, para meditar, para tentar descobrir um meio de fugir...

A festa continuava e a orquestra tocando animava os pares a dançar.

Era meia noite.

De repente êle sentiu uma mão no ombro:

— Não se esqueça.

Era novamente o chinês.

— Amanhã às três da tarde, você morrerá.

♦

Quando a porta principal fechou-se depois da retirada do último convidado, Julian e a espôsa ficaram sós.

— Marian!

— Que é que há, Julian?

— Marian eu preciso falar com você.

— Tem alguma coisa de importante a dizer? Porque se não é muito importante eu preferia que você falasse amanhã, de manhã. Estou tão cansada!...

— Mas eu preciso falar!...

Ela voltou-se bruscamente:

— Vai, enfim, dizer o que o tem preocupado êsses dias?

— Sim... Marian... eu...

— Meu Deus! Que foi?

— Eu, há muito tempo, fui responsável pela prisão de um homem...

— Você?!

— Sim... E êsse homem... Esse homem era quase inocente, isto é, eu deveria pagar por muito do que êle fez e...

— Você quer dizer que cometeu um crime?

— Sim... Um roubo!

Ela escondeu o rosto nas mãos.

— Agora compreendo. Agora compreendo.

No silêncio da noite, ouviam-se os soluços de Marian. Ela chorava de vergonha pelo que o marido tinha feito.

♦

O dia raiava. Os primeiros raios, tímidos e fracos, vinham pousar mansamente na sala. As janelas ainda estavam abertas. Julian e a mulher, nas mesmas posições. Assim haviam passado a noite.

Subitamente, Marian ergueu-se:

— Marian! Onde vai!

— Vou-me embora daqui. Nunca pensei que tinha casado com um ladrão!

— Marian!

— Não se aproxime.

— Mas...

— Não se aproxime! Eu tenho nojo do senhor!

♦

Uma gota, a princípio, uma gotinha de suor frio que lhe desceu pela fronte, pelo rosto, descrevendo um arabesco caprichoso. Depois outra, mais outra, outra ainda que até o lenço empapado não bastava mais para suster aquêle suor frio. Ao lado dêle estava o telefone. E a casa deserta. A mulher partira com os criados. Ele estava só no palacete abandonado. As cortinas das janelas que êle não tivera coragem de fechar drapejavam ao vento. Um golpe de ar frio atingiu-o no pescoço e êle estremeceu, porque a sua temperatura era alta, sentia febre. O suor corria

cada vez mais abundante e um calor intenso, por dentro, acompanhado de uma sêde insuportável atormentavam-no. Mas êle não tinha coragem para levantar-se para ir buscar um copo com água, para ir pedir socorro.

A campainha estridente do telefone estava tocando há muito tempo e êle não tinha energia suficiente para tirar o fone do gancho.

Com um esfôrço supremo, êle atendeu.

— Alô!

— Sou eu...

Ele quis desligar mas já era tarde.

— Você sabe que está quase na hora? Já viu que horas são? São duas horas e trinta minutos e às três você estará morto. Morto, compreendeu, para sempre. A morte é irremediável. A mesma morte em cujas garras você me atirou e das quais eu me salvei. Aquela morte inexorável, lenta mas segura, fria, fria como gêlo. Você tem medo da morte, Julian? Mas se a teme, porque brinca com ela, Julian? Porque ofereceu-lhe uma vítima antes do tempo? Porque quis que ela me levasse antes de você? Julian, olhe para o relógio, Julian. Veja. Duas horas e trinta e cinco minutos Julian, há mais vinte e cinco minutos a esperar. Não, não adianta desligar. A ligação com o inferno já está feita para você. Você não conseguirá adiar o momento do castigo. São duas horas e vinte minutos, Julian. Você dentro de alguns minutos estará esterto-rando, com falta de ar, depois irá, lentamente perdendo os sentidos. Lentamente, de modo a dar bastante tempo para sofrer, entende Julian? Julian, você se lembra da hora em que eu lhe disse que dentro de cinco anos você haveria de pagar? Lembra-se, não é verdade? Foi há, exatamente, cinco anos. Eram três horas da tarde quando você me convidou para a morte e eu quase aceitei o convite. Hoje, retribuo-o. Se não o fizesse não seria delicado, não é verdade?

A voz era lenta e sem expressão. Mas não parava. Com um esfôrço Julian conseguiu colocar o fone no gancho e ficou ofegante a olha o aparêlho.

Finalmente pegou papel e pena e começ a escrever. Quando acabou o relógio estava b tendo três horas. Levantou-se, mal podendo suster nos pés. Deu dois passos. De pé, à su frente, estava Piker John. Arregalou os olho deu um grito estrangulado e caiu pesadament no chão aos pés do outro.

♦

Às cinco horas da tarde Piker John saiu d penitenciária. Não esperou. Tomou o primeir taxi e deu o endereço da casa de Julian. Final mente ia vingar-se. Finalmente ia ter o momen to que esperava. Há tanto tempo. Não era pre ciso arma. Com suas próprias mãos haveria d estrangular aquêle bandido.

O carro deslizou pelas ruas movimentadas foi parar à porta do palacete. Piker John pago e desceu. A porta principal estav aberta. O hall, deserto. No escr tório, bem no meio da sala, estav o corpo do ex-cúmplice, mort Sôbre a mesa, havia um manuscr to. "Quem me matou foi..."

Piker John, surpreso, leu o qu estava escrito. Em seguida, pego o telefone e discou o número d xerife.

♦

Mas eu confesso que não e tendo nada.

SUA BOCA PRONUNCIARÁ SEMPRE UMA PALAVRA: SAÚDE...

COM O USO CONSTANTE DE KOLYNOS!

LIMPE todos os recantos de sua boca usando

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Trav. Campos Sales, 85 - Belém

— E' simples, disse o médico. Ele foi vítima de uma alucinação. E' um caso raro, mas acontece, sobretudo com espíritos fracos como o dêle. Ouvira dizer que dentro de cinco anos haveria de pagar. Seus remorsos, remorsos de um covarde, tiveram a ação retardada. E com êles veio a alucinação. O caso do escritório do xerife é típico. Ele estava de tal modo prêso pelo delírio que no escritório do xerife a quem fôra pedir proteção imaginou ver os dois chineses que sabia amigos de Piker John. Tudo foi delírio.

— Mas, e a morte?

— O coração dêle, conforme pude verificar, era fraco e não aguentou...

Piker John ouviu a história do médico em silêncio, e refletiu:

— Até parece que o destino adivinha certas coisas...

♦

No dia seguinte os jornais anunciaram a morte do distinto comerciante da praça, o sr. Julian Thorn, seguindo-se uma descrição do entêrro. Marian voltara. Para que estragar a memória dêle? Já estava morto. Pagara. Piker John, ainda com ar meio espantado pelo acontecimento, acompanhou o préstito.

O ALEGRE BLOCO "AMIGOS DA FOLIA", FOTOGRAFADO NO BAILE DE GALA DE QUITANDINHA, DURANTE OS FESTEJOS CARNAVALESCOS DESTE ANO.

Conselho aos tristes

Devem os tristes fazer um auto-exame para descobrir a causa ou as causas que os acabrunham. Muitas vêzes o mal consiste em simples perturbação que, removida, dará em resultado o desaparecimento da tristeza. No estado normal há sempre motivo para encarar a vida com alegria e otimismo. Quando não obtiverem resultado, torna-se necessário recorrer a um médico, que verificará se a tristeza e a depressão nervosa resultam de alguma doença ou de simples alteração do quimismo humano. Neste último caso bastará, muitas vêzes, modificar a alimentação e usar um medicamento de base fosfórica para restabelecer-se.

Simples desequilíbrio da glicemia ou do metabolismo dos açúcares causa desordens nervosas. Estas podem resultar também da falta de elementos fosforados no organismo. A medicina atual tem recursos para ambos os casos. Em se tratando de deficiência de fósforo, a medida é fácil e consiste em algumas injeções de Tonofosfan, que concorrem para que o paciente apresente animadores resultados, logo nas primeiras vinte e quatro horas.

Numeros atrasados desta Revista em Pernambuco

PEDIR A

A. MADALENA

RUA 7 DE SETEMBRO, 128

RECIFE

500 Bouquets diferentes

foram criados para a escolha final do suave e delicado perfume do Sabonete Gessy!

Do gerânio ao sândalo e à "mouse de chêne"... do "lavender" à violeta e ao âmbar... 20 finas essências se combinam para formar o perfume do sabonete Gessy. Escolhido entre 500 "bouquets" especialmente criados pelos pesquisadores da Gessy, o "bouquet" final do sabonete Gessy deixa, após o banho, uma sensação deliciosa de bem-estar, de higiene, de confôrto. Experimente Gessy, o sabonete suavemente perfumado, de massa consistente e pureza absoluta.

GESSY

50 ANOS À SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!

J. W. T. - 14.250

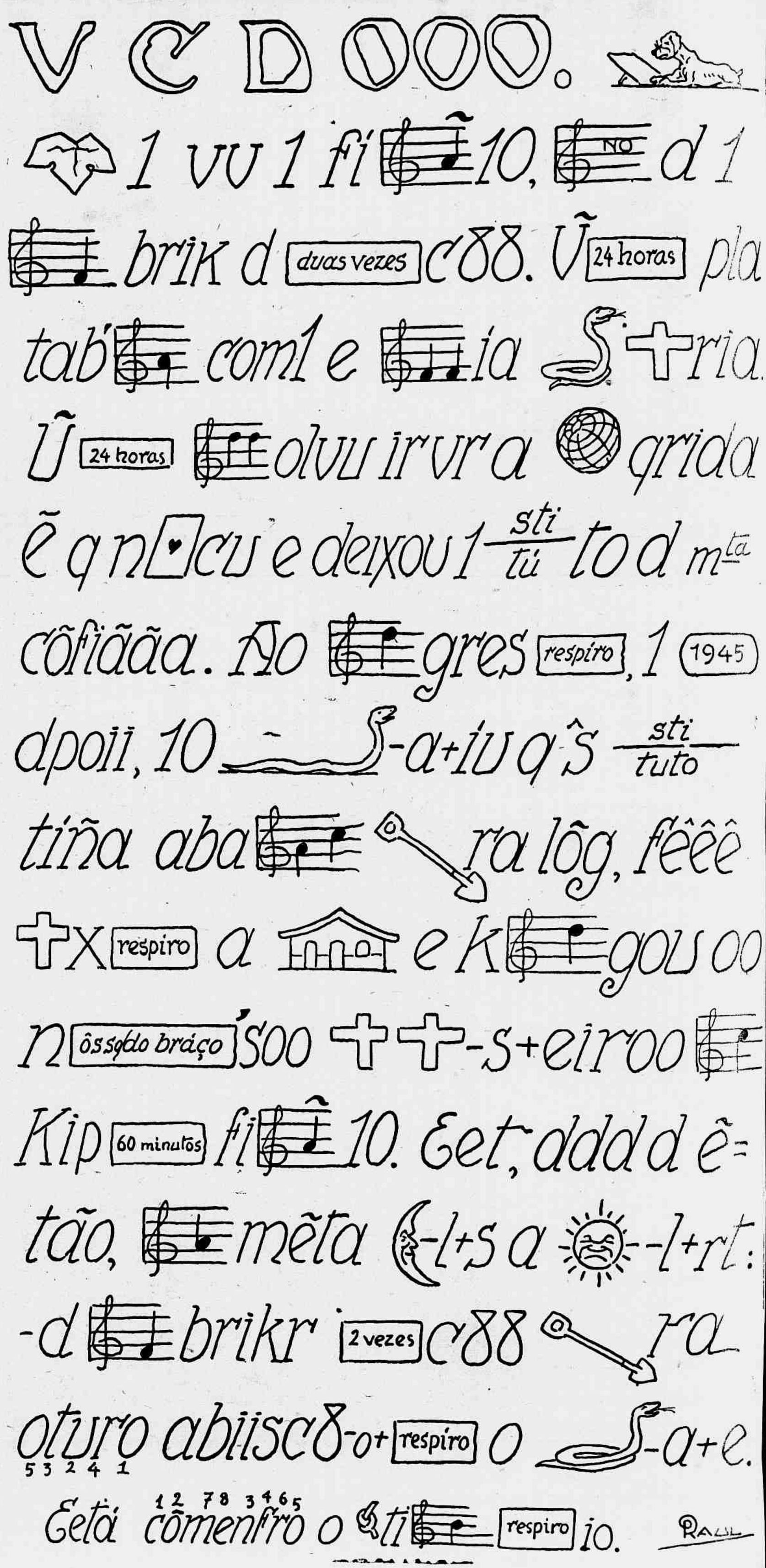
CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quéda dos Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

FEMINILIDADE
Beleza-Saúde
Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormôno-Vitaminal, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-racional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. À base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cútis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., tôdas essas deficiências de origem glandular na mulher. Experimente OKASA e se convencerá! Feminilidade, Juventude, Beleza, Atração e Saúde estão à sua espera. Em tôdas as Drogarias e Farmácias. Pedidos e informações ao Dist.: Produtos ARNA. — Av. Rio Branco, 109 - Rio - Tel. 43-3378.



UM ESTILO QUE AGRADA

Apresentamos, hoje, uma original e interessante sala de jantar. As cadeiras são forradas de veludo em duas côres dispostas em faixas. Os móveis são completamente lisos, sem qualquer arabesco. O lustre de cristal, muito bem trabalhado, empresta ao ambiente um ar agradável de bem-estar. As cortinas e as flôres combinam com a côr das cadeiras. Aqui está mais um exemplo de bom gôsto.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE
65 RUA DA CARIOCA · 67 · RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CARROS
Continental
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ